Dilermando Cruz
(DA ACADEMIA MINEIRA)

"Bernardo Guimarães"

(PERFIL BIO-BIBLIO-LITTERARIO)

2ª EDIÇÃO

Contendo na integra o drama inedito

A VOZ DO PAGÉ

BELLO HORIZONTE
Imprensa Official do Estado de Minas

G. 179

1914

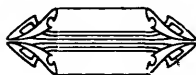
DILERMANDO CRUZ
(DA ACADEMIA MINEIRA)

BERNARDO GUIMARÃES

(PERFIL BIO-BIBLIO-LITTERARIO)

2.ª EDIÇÃO

Contendo na integra o drama inedito

A VOZ DO PAGÉ

BELLO HORIZONTE
Imprensa Official do Estado de Minas Geraes
G. 179 1914

BERNARDO GUIMARAES

Esta foi a primeira biographia lida perante a Academia Mineira de Letras das quarenta que, de accordo com os estatutos, os academicos deverão escrever dos seus respectivos patronos.

A' novel e futurosa

ACADEMIA MINEIRA DE LETTRAS

Homenagem do mais obscuro de seus membros

A meu Pae e melhor amigo

Dr. Custodio José da Costa Cruz

O. D. C.

DUAS PALAVRAS

(Da 1.ª edição)

Este livro só tem um objectivo e nesse objectivo o seu unico valor : prestar homenagem ao nome de um mineiro illustre, que foi, no seu tempo, o maior poeta de uma provincia fecunda em talentos privilegiados,— um dos maiores do seu paiz, e um romancista como, até hoje, no Brasil nenhum outro nasceu que o supplantasse.

Tendo escolhido o nome do laureado cantor dos «Cantos da Solidão» e romancista do «Rosaura» para meu patrono na Academia Mineira de Letras, entendi do meu dever emprehender, desde logo, esta obra que, si não é vasada nos mais bellos e rigorosos moldes das publicações de sua natureza, representa, todavia, algum esforço e esforço empregado para um fim util e nobilitante. Não faltarão, bem o sei, a este modesto trabalho. os apodos e os arreganhos dos *critiqueiros* de toda a especie, casta damninha que infesta, desde alguns annos, a litteratura brasileira; não faltará quem veja nelle uma pequenina manifestação de bairrismo regional, e por isso já espero ver o meu nome e o meu trabalho escouceados nos «registros literararios» de uns tantos zoilos que, infelizmente, ainda encontram n'uma pequena parte da imprensa brasileira, guarida para seus despauterios e jumentices.

Mas que importa isto, si são tão conhecidos esses saltimbancos da imprensa, que seus elogios, assim como os seus ataques, por balofos uns e inoffensivos outros, não conseguiram

nunca, não conseguem ainda, nem conseguirão jamais elevar um nome ou annullar um esforço dos que trabalham, e tão só pelo trabalho querem vencer nas justas literarias ?

Ja certa vez aconteceu-me que, publicando um livro de *Poesias*, me lembrei de dedical-o aos quatro maiores poetas (na minha humilde opinião e na opinião de muitos competentes) do Brasil contemporaneo:—Augusto de Lima, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e Raymundo Corrêa,

Mão que tal escreveste !—toma agora bolos e mais bolos para, por outra vez, não teres a petulancia de escrever qualquer cousa sem consultar primeiro a opinião dos zoilos, que escrevem *registros* e semanas literarias nos jornaes !

Foi um horror !

Por infelicidade minha, um desses critiqueiros, havia pouco tempo, batera com as ventas na porta da Academia Brasileira porta que, como é natural, estará eternamente fechada a semelhantes candidatos á immortalidade; e, seja porque os poetas, com cujos nomes me aventurei a honrar uma das primeiras paginas do meu livro, tivessem concorrido para que o zoilo aprendesse que seu logar não era alli naquelle cenànulo das letras, seja por qualquer outro motivo, o que é facto é que o *fera* investiu logo direito commigo, disse-me mil cousas horrorosas, esbravejou, damnou-se !

Como eram quatro os nomes que eu tinha de escrever na dedicatoria, cahiu-me da penna em primeiro logar o nome de Augusto de Lima, como poderia ter cahido de Olavo, de Alberto ou de Raymundo; pois até neste facto, naturalissimo aliás, zoilo houve que visse intenção, que não tive, de apresentar Augusto de Lima como o maior delles, por ser *mineiro* (vejam isto !) o laureado autor das *Contemporaneas*, *Symbolos* e *Lendas ineditas*.

No entanto, o que é verdade, é que si me fosse exigido dizer qual desses quatro poetas é, para mim, o maior delles, confesso sinceramente que não saberia como satisfazer a tal exigencia,

E quem poderá, em consequencia, destacar um dentre esses quatro nomes gloriosos da poesia brasileira ?

Quem póde, dentre os raios do mesmo sol, destacar o que mais brilha e maior luz derrama ?

*

A critica litteraria no Brasil nunca esteve, como hoje, tão abaixo da critica.

Qualquer idiota, que mantenha relações pessoaes com o director de um jornal sem accentuada feição litteraria, consegue a publicação de um *artigo de critica* a este ou aquelle trabalho, muita vez firmado por nomes já consagrados e obra que o *critiqueiro* procura atacar quando não poude, siquer, comprehendel-a.

E' desnecessario dizer que esses *critiqueiros* nada produzem, além dessa critica... collaboração semanal nos jornaes que os toleram.

Não me lastimo, porém, por já ter sido victima desses *escrevedores* e *parvenus* ; victimas de tal gente têm sido os mais conspicuos representantes da intellectualidade brasileira, como Sylvio Romero, Medeiros e Albuquerque e esse adoravel João do Rio (Paulo Barreto), cujas obras constituem sempre grande successo nas livrarias que as editam, sendo que este ultimo acaba de entrar, triumphalmente, para a Academia Brasileira, immortalizado pelas suas obras, que ahi estão como prova mais eloquente de que foi justissima a homenagem dos academicos brasileiros ao brilhante escriptor d'*As Religiões no Rio*, *Cinematographo* e outros livros de incontestavel valor litterario.

*

Ahi vae, pois, o fructo do meu esforço e da minha boa vontade.

Aos homens de lettras do meu paiz e á mocidade das nossas Escolas farei um pedido : lêde-o; aos criticos, aos mestres da nossa litteratura : analysae-o ; aos zoilos : desancae-o !

DILERMANDO CRUZ.

Juiz de Fóra, Minas, Brasil, 1914—Setembro.

BIO-BIBLIOGRAPHIA

BIO-BIBLIOGRAPHIA

Bernardo Joaquim da Silva Guimarães nasceu na cidade de Ouro Preto, a 15 de Agosto de 1825.

Era filho legitimo de João Joaquim da Silva Guimarães e foi casado com a exma. sra d. Thereza da Silva Guimarães, tendo deste consocio varios filhos, entre os quaes os festejados literatos Horacio, Affonso, Pedro e Bernardo Guimarães.

Fez os seus primeiro estudos no seminario de Campo Bello, concluiu os preparatorios no Collegio de um padre-mestre Leandro, missionario, em Ouro-Preto, bacharelando-se em 1851 na Faculdade de Direito de S. Paulo.

De 1852 a 1858 exerceu os cargos de juiz municipal de Catalão, no Estado de Goyaz, e o de professor de rhetorica e philosophia no Lyceu Mineiro, de Ouro Preto.

Em 1859 passou a residir no Rio de Janeiro, incumbindo-se da parte literaria na redacção da *Actualidade*, folha politica, de doutrina liberal, ali fundada pelos drs. Flavio Farneze e Lafayette Rodrigues Pereira.

Voltando mais tarde a residir em Ouro Preto, ahi morreu no dia 10 de Março de 1884, deixando os seguintes trabalhos literarios :

POESIAS :

Cantos da Solidão (1853)
Inspirações da Tarde (1858)
Poesias (1868)
Novas Poesias (1870)
Folhas do Outomno (1883)

ROMANCES :

O Ermitão do Muquem
O Seminarista
O Indio Affonso
A Escrava Isaura
O Pão de Ouro
A Ilha Maldicta
O Garimpeiro
Mauricio (ou os Paulistas em S. João d'El-Rey)
Rosaura (a engeitada)
Historias e Tradições da provincia de Minas
Lendas e Romances

ROMANCE POSTHUMO:

O Bandido do Rio das Mortes

INEDICTOS :

A Voz do Pagé (drama existente)
Os trez recrutas (drama perdido)
Os Inconfidentes (drama, obra truncada)

No livro «Historias e Tradições da Provincia de Minas Geraes», estão incluidos trez trabalhos intitulados : «A cabeça de Tiradentes» — «A Filha do Fazendeiro» — «Jupyra» — formando um grosso volume de 300 paginas, de composição cerrada e typo pequeno.

Como se vê, Bernardo Guimarães foi um literato operoso e de grande folego, pois todos os seus livros contém centenas de paginas brilhantes, entre os quaes «Mauricio», em dois volumes, com quasi setecentas, e «Rosaura», um só volume, com quasi seiscentas paginas.

Tambem o livro «Lendas e Romances» comprehende trez trabalhos diversos : «Uma historia de Quilombolas»,— «A Garganta do Inferno» — «A Dansa dos Ossos».

Bernardo Guimarães
POETA

BERNARDO GUIMARÃES

(POETA)

Minas, «a formosa estrella do sul» tem gravado em letras de ouro, nas paginas de sua historia literaria, o nome de Bernardo Guimarães.

Poeta, romancista, dramaturgo, critico, folhetinista, jornalista, etc., Bernardo Guimarães foi sempre grande e admiravel.

Dotado de um temperamento melancolico, espirito concentrado, inimigo de exibições, de uma timidez quasi infantil, Bernardo teria ficado eternamente ignorado e esquecido, si os seus amigos e admiradores não procurassem arrancal-o á obscuridade com a qual elle tanto se comprazia.

Vivendo em Ouro-Preto e amando muito a terra natal, inspirava-se o poeta na contemplação dos variados e bellissimos panoramas da natureza mineira, tão cheia de encantos e attractivos para a alma candida dos poetas e para o olhar perscrutador dos artistas.

D'ahi o lyrismo suave e brando de suas poesias, irrompidas espontaneamente de sua alma pura, despidas de artificios, fluentes como as aguas de uma fonte limpida e crystalina.

Principiaremos, pois, por estudar a Bernardo Guimarães por esse seu feitio literario, isto é, vejamos o que elle foi como Poeta.

Estamos em pleno romantismo!

Em S. Paulo *a triade* formada por Bernardo Guimarães, Aureliano Lessa e Alvares de Azevedo *dá a nota*; e esses trez nomes se fazem notaveis pelo brilho e galhardia com que mantêm a fama de grandes poetas da época.

Bernardo, Azevedo e Lessa eram inseparaveis amigos. Já eram conhecidos na Academia e nas rodas literarias pelo simples nome *a triade*.

Vivendo na mesma época, cursando a mesma faculdade, encarando a vida pelo mesmo prisma, é tal a afinidade entre esses tres grandes poetas e grandes *bohemios* que nos é impossivel, traçando, embora a largos passos, a biographia de Bernardo, deixar de falar em Aureliano e em Azevedo.

Este ultimo morreu aos vinte annos; Aureliano chegou à edade de Christo.

Bernardo, neste particular foi menos *romantico* do que os seus illustres companheiros, pois o poeta dos *Cantos da Solidão* morreu quasi sexagenario.

Não cabe nos estreitos limites desta obra um estudo da época em que floreceram os grandes vates da terceira phase do romantismo e por isso proseguimos na tarefa encetada, sem maiores divagações.

E', sem duvida, na *poesia* e no *romance* que se assenta o pedestal de gloria, a gloria immortalisadoura do cantor das «Folhas do Outomno» e escriptor do «Garimpeiro».

De sua provincia foi elle o maior poeta de seu tempo, e um dos grandes dentre quantos o Brasil tem produzido até hoje.

Bernardo escrevia seus versos sem a menor prisão a escolas, deixando voar sua imaginação, sempre brilhante, livre de peias, não subordinando nunca o pensamento á Forma de modo a prejudicar aquelle em attenção a esta.

O poeta mineiro dava ás suas composições a forma que lhe vinha naturalmente, no momento de as compor, e tão inspirado andava sempre que, frequentemente, a sua forma é modelar, sem que se lhe note a mão do artista a prender o

vôo da imaginação do poeta, antes o concurso dessas duas entidades para mais perfeição do verso.

Nem mesmo a preoccupação de rima o atormentava, e tanto assim que escrevia, de preferencia, versos brancos ou soltos.

Não quer isto dizer que talvez o poeta sentisse difficuldades em achar as rimas; pelo contrario, nas obras que nos legou verifica-se até uma facilidade e uma riqueza extraordinaria de rimas, em mais de uma de suas bellas producções.

A preferencia notada em Bernardo pelo verso «solto», a nosso ver, provém do facto de poder o poeta, nessa especie de verso, manifestar com mais largueza o seu pensamento, exprimil-o com as palavras que melhor sirvam, sem a dependencia que existe no verso rimado, no qual a preoccupação, ou melhor, a exigencia da rima, nos leva muita vez a empregar palavras que nem sempre são as que melhor ennunciam esses mesmos pensamentos.

Antes, porém, de entrar na analyse da obra poetica do grande mineiro, cumpre-nos procurar dar uma idéa ao leitor da vida do poeta, tão favorecido das Musas quanto desfavorecido da sorte.

Viajando constantemente pelos sertões de Minas e de Goyaz, exercendo cargos de somenos importancia, Bernardo não poude nunca ter a calma e a tranquillidade necessarias ao homem que vem ao mundo para fazer grandes cousas.

Muitas contrariedades padeceu o grande poeta, e é elle mesmo quem nol-o conta no prefacio da segunda edição do seu livro «Cantos da Solidão», prefacio de que transcrevemos o ultimo e magnifico periodo: «Quanto ao valor literario que porventura possam ter estes versos, o publico e a critica o decidirão; lembrem-se sómente aquelles que lançarem os olhos sobre estas paginas, que são ellas o producto de uma musa que tem constantemente soffrido o embate de todo o genero de contrariedades, e que conhece, por experiencia, quanto é verdadeiro o que diz Chateaubriand:

«C'est un sophisme digne de la dureté de notre siècle, d'avoir avancé que les bons ouvrages se font dans le malheur; il n'est pas vrai qu'on puisse bien écrire quand on souffre. Les hommes qui se consacrent au culte des muses se laissent plus vite submerger á la douleur que les esprits vulgaires...»

*

Essa dolorosa queixa de Bernardo foi escripta em 1858 e, infelizmente, ainda hoje a vida do poeta, no Brasil, soffre o embate de toda a sorte de contrariedades, desde a difficuldade de editores para seus livros até á falta de leitores para os mesmos.

Augusto de Lima, Olavo Bilac, Raymundo Correia e Alberto de Oliveira,— esses quatro nomes que são quatro genios,—si não fosse a burocracia, a magistratura ou o magisterio, só Deus sabe que dias de amargura estariam arrastando pela existencia si ainda não lhes tivesse soado a hora de expirarem, como Camões, numa enxerga de hospital.

Em França, para não citar outros paizes, os poetas ganham milhões com o estro; no Brasil, o nosso maior poeta, si quizesse viver das musas, estaria arriscado a morrer de fome...

No entretanto, ahi estão os versos de Rostand (para não citar outros que tambem ganham milhões com a lyra), em que são elles superiores aos de Alberto, Raymundo, Augusto e Bilac?

Tão sómente nisto: — são escriptos em francez e para um povo que lê e compra os livros de verso...

Bem se vê, portanto, que não é muito que, ha mais de meio seculo passado, se queixasse Bernardo de sua sorte.

Si o grande mineiro, em vez de ter se dedicado com tanto fervor á Poesia, se tivesse entregado a qualquer profissão especulativa, da qual auferisse, licita ou illicitamente, grandes lucros, teria passado uma existencia calma e feliz, sem as torturas que despedaçam em vida os corações dos pais que vêm mal assegurado o futuro de seus filhos, e morrido na doce certeza de que os extremecidos rebentos de seu amor ficariam

na terra a salvo das varias e por vezes tremendas difficuldades que tão commummente entravam o passo daquelles que, no decorrer da existencia, são obrigados a luctar para que possam viver.

E' certo que Bernardo Guimarães deixou a seus filhos um patrimonio inestimavel, e bem raros são aquelles que se podem ufanar da ter recebido de seus pais tão precioso legado, mas na sua primeira infancia, esses «filhotes de aguia», hoje triumphadores todos, pelo proprio esforço, si não soffreram todos os rigores da orphandade desvalida, não foi, por certo, pela assistencia que a Patria devia prodigalisar á descendencia illustre de quem tanto a soube honrar e engrandecer nas letras.

Bem cedo foi esquecido o nome do grande mineiro, que até hoje não tem, siquer, um monumento, em Minas, que atteste o devido culto de seus comprovincianos por sua memoria veneranda.

E quando certa vez um deputado lembrou-se de apresentar ao Congresso Federal um projecto concedendo uma pequena pensão (parece incrivel!) á viuva e filhos menores do poeta das *Inspirações da Tarde,* taes e tantas foram as difficuldades para o bom exito da nobre ideia, que o projecto não passou de...projecto do deputado...

No entretanto, vivemos numa republica de pensões, de desfalques e de caixões cheios de dinheiro que desapparecem, como que por encanto, das repartições publicas...

Concedem-se pensões vitalicias, neste paiz, a quanto filhote de politiqueiro por ahi appareça ; e, até a viuvas que têm filhos homens, os quaes—na dupla qualidade de homens de gosto e de filhos de pensionistas do Estado—vão á Europa, em viagem de recreio, se concedem gordas pensões, arrancadas deslavadamente ao nosso pobre erario.

Vemos, a cada passo, erguerem-se monumentos a generaes apontados como valentes, perpetuar-se no bronze ou numa placa de rua o nome de um politico habil que ascendeu á culminancia das posições officiaes, á custa, muita vez, das mais

desbragadas fraudes ; no emtanto, são tão raras as homenagens dessa ordem ás celebridades literarias de nossa terra que, no momento, sò nos lembramos da que se prestou a José de Alencar, cuja estatua, obra muito sem arte, (diga-se logo) se encontra n'uma das praças do Rio de Janeiro, não se sabendo, porém, si a estatua foi erigida ao extraordinario escriptor do *Guarany*, si ao ex-ministro e estadista do Imperio.

A Gonçalves Dias prestou-se, é certo, a homenagem de dar o seu nome a uma das mais importantes ruas da capital da União, mas foram se lembrar de perpetuar no bronze a effigie do laureado cantor dos *Tymbiras*, e plantaram-lhe uma herma no Passeio Publico, herma que longe de ser uma homenagem é quasi nm escarneo, atirada, felizmente, para um canto, onde ninguem a vê e, quando a vejam, bem poucos poderão imaginar que ella seja de Gonçalves Dias.

Este, ao menos, mereceu de seus concidadãos uma prova de respeito á sua memoria ; e Bernardo Guimarães, cujo valor, ao que parece, quasi ninguem reconhece na capital de seu paiz, e cujo nome, na capital de seu Estado e até na sua propria cidade natal, apenas serviu para não deixar sem nome umas tantas ruas de somenos importancia?

Vem a pello os seguintes periodos, publicados pelo jornal *A Reforma*, no final de uma apreciação sobre as obras do nosso poeta :

> «Bernardo Guimarães não é poeta dos salões. Sua lyra não lhe tem valido nem honras nem riquezas, e nem consta que os altos protectores das letras se tenham dignado baixar sobre elle os seus olhos. Alguma nomeada elle a deve ao enthusiasmo dos estudantes e á protecção do sr. Garnier.
>
> O Maranhão se orgulha de possuir Gonçalves Dias, e a provincia de Minas deixa no olvido um seu poeta, a quem a posteridade ha de fazer justiça».

*

Sylvio Romero, o grande e notavel homem de letras brasileiro e um dos nossos maiores criticos literarios, affirma sem

rebuços e com a incontestavel auctoridade de seu nome — que Bernardo Guimarães é uma das figuras mais interessantes da nossa literatura.

Analysando as *Evocações*, disse o illustre doutor Sylvio :

> «A fórma é de uma doçura e sonoridade de encantar... — nunca pude ler esses versos do poeta mineiro, — e eu os tenho lido bem vezes! — sem sentir sincera emoção.
>
> Para mim aquillo é poesia verdadeira, feita com as lagrimas da realidade, com as desillusões da vida».

Da *Bahia de Botafogo*, poesia de Bernardo Guimarães, disse ainda o mesmo critico — que *é ella uma das melhores da lingua portugueza*.

E no compendio de *Historia da Literatura Brasileira* que, de collaboração com o illustre literato e philologo dr. João Ribeiro, escreveu o mesmo dr. Sylvio Romero, encontram-se as seguintes linhas sobre Bernardo Guimarães:

> «Em Bernardo Guimarães a poesia teve bellas amostras de lyrismo naturalista como em *Invocação* e *O Ermo;* de lyrismo philosophico como em *O devanear do sceptico;* de lyrismo amoroso como em *Evocações*; de lyrismo humoristico como em *Orgia dos doendes*, *Diluvio de papel*, *O Nariz perante os poetas*. Mas isto não define, não individualisa o poeta entre os seus pares; preciso é descobrir uma nota que seja só delle que o afaste de seos competidores e esta nota parece-nos estar nas tintas sertanejas de sua paleta e no tom brasileiro de sua linguagem. Bernardo, talento objectivista, nasceu e viveu na plena luz do coração do Brazil, o planalto central. Filho de Minas, viajou muito os sertões de sua provincia e das de Goyaz, S. Paulo, onde estudou Direito, e Rio de Janeiro. Tinha o *prurido* do *boemio*, movia-se constantemente, e neste caminhador havia o instincto do pittoresco. Junte-se a isto o conviver intimo com o povo, o fallar

constante de sua linguagem e ter-se-ha a razão pela qual o intelligente mineiro em seus versos e romances foi uma das mais nitidas manifestaçôes do espirito nacional.

Quasi todos os seus escriptos versam sobre themas brasileiros; mas ha nelles alguma cousa mais do que a simples escolha do assumpto, ha o brasileirismo subjectivo, espontaneo, inconsciente, oriundo da alma e do coração.»

Não se poderia dizer mais nem melhor de um poeta, e certamente nos limitariamos, depois dessas palavras de dous dos mais conspicuos mestres da literatura brasileira, á transcripção dos versos por elles destacados, si não nos assistisse o dever de dar a este estudo maior desenvolvimento.

Não tendo-se filiado nunca a nenhuma escola literaria, Bernardo foi um ecletico, como elle mesmo o diz no magnifico prefacio do seu livro *Folhas do Outomno*, seguindo por isso todas as escolas ou não seguindo nenhuma dellas.

E' assim que, desde o verso de duas syllabas até ao ... —é preciso fazer aqui uma parada para contar uma excentricidade, talvez, do nosso poeta: Bernardo não tolerava o verso *alexandrino* e nunca escreveu um só desses versos!

Pelo menos, de todos os seus livros que conhecemos, em nenhum delles encontramos um verso alexandrino, siqüer, e presumimos conhecer toda a obra poetica, publicada, do grande mineiro. Desde o verso de duas syllabas, diziamos, até o decasyllabo, Bernardo os manejou sem a menor preoccupação de escola ou de forma — ora, na mesma composição empregando os mais variados *metros*, ora os entremeando; sempre, porém, com uma sonoridade e doçura que é mesmo um encanto.

Como não são hoje communs os versos de duas syllabas, vae aqui transcripta esta *cantiga*, na qual se vêm versos desse *metro* intercallados com outros de seis syllabas, outro metro que tambem já vae cahindo em desuso.

CANTIGA

Aqui deste arvoredo,
Das sombras no segredo
Oh ! vem.
Por estes arredores
O bosque outras melhores
Não tem.

O ruivo sol da tarde
Já nas montanhas arde
D'além.
A lua alvinitente
Nas portas do Oriente
Lá vem.

A viração fagueira
A rapida carreira
Detem.
E dorme preguiçosa
No calix da mimosa
Cecem.

Ninguem, na sombra escura.
Verá nossa ventura,
Ninguem.
Somente os passarinhos,
Occultos nos seus ninhos,
Nos vêm.

Do bosque entre os verdores
Se occupam só de amores
Tambem.
E a lua, que desponta
Jamais segredos conta
De alguem.

Debaixo do arvoredo,
Na gramma do vargedo,
Oh ! vem.
A' sombra desse abrigo,
Fallar a sós commigo,
Meu bem.

Ha nesses versos todo o lyrismo amoroso de um grande poeta e nelles se encontram grandes bellezas da poesia, desde o sentimento á espontaneidade das rimas, as quaes o leitor sente logo terem cahido, naturalmente, da penna, sem o menor esforço de imaginação.

E assim são, em geral, as poesias de Bernardo Guimarães.

Bernardo foi, sem contradicção, um grande, um dos nossos maiores poetas, e para que o leitor possa conhecel-o como poeta naturalista, philosophico, amoroso e humoristico vão, em seguida, varias de suas composições que não cremos sejam desconhecidas pelos nossos homens de letras, mas presumimos sejam aqui lidas, pela primeira vez, por uns tantos leitores que este livro consiga — não pelo nome de seu autor, mas pela curiosidade que ainda desperta no nosso pequeno meio literario uma obra nova, embora de escriptor sem renome.

Não deixemos, porém, de lamentar que Bernardo tivesse em tão má conta o verso *alexandrino.*

Confessamo-nos apreciadores, em extremo, dessa especie de verso que, a nosso ver, é o que mais se presta ás obras de grande folego, o mais forte, o mais elevado e até o mais bello de quantos outros metros existem.

Citemos, ao acaso, alguns versos alexandrinos e vejamos se ha ou não ha nelles bellezas extraordinarias, quando escriptos por poetas verdadeiros:

> Sim ! Gosto de o fitar, quando como uma bençam
> se derrama na fronte augusta do trabalho,
> emquanto na bigorna os metaes se condensam
> ao pesado ribombo esplendido do malho !
>
> AUGUSTO DE LIMA.

Outro exemplo

> Teu martello a bater nas bigornas rebôa ;
> Torço-me, ranjo, estalo e espirro áscuas subtis,
> Particulas de fogo, ephemeros fuzis...
>
> RAYMUNDO CORRÊA.

Ainda outro:

Quando uma virgem morre, uma estrella apparece,
Nova, no velho engaste azul do firmamento,
E a alma da que morreu, de momento em momento,
Na luz da que nasceu palpita e resplandece.

OLAVO BILAC.

Mais outro ainda:

Ser palmeira e existir num pincaro isolado,
Ora os leques abrindo, ora os leques fechando,
. . . .
. . . .

ALBERTO DE OLIVEIRA.

Não podemos falar em versos alexandrinos sem que nos venha á mente esse extraordinario Guerra Junqueira que, a nosso ver, é quem mais brilhantemente o tem manejado em lingua portugueza.

Nunca os versos de um poeta nos causaram maior emoção do que a que recebemos ao ler os alexandrinos do grande vate portuguez.

E, cousa singular! — eramos ainda bem creança quando lemos a *Dedicatoria* do livro *Musa em ferias*; desde então como que temos sempre a nos cantar nos ouvidos:

. . . .
Meus amigos, a vida é um sol que chega ao cumulo
Quando cantam em nós essas canções celestes;
A sua aurora é o berço, o seu occaso é o tumulo;
Ergue-se entre rosaes e expira entre cyprestes.
Por isso, quando o sol da vida já declina,
Mostrando-nos ao longe as sombras do poente,
E'-nos doce parar na encosta da colina
E volver para traz o nosso olhar plangente,
Para traz, para traz, para os tempos remotos
Tão cheios de canções, tão cheios de imbriaguez,
Porque, ai! — a juventude é como a flor do lotus,
Que em cem annos floresce apenas uma vez...
. . . .
. . . .

Todavia, Bernardo Guimarães não tolerava os alexandrinos, e no prologo do seu livro *Folhas de Outomno*, escreveu as seguintes palavras:

> « Entendo que o metro alexandrino é o mais monotono, pesado e inflexivel, de que póde dispor a lingua portugueza, e que não é sem razão que os antigos bem raras vezes o empregavam.
>
> Não devemos de todo abandonal-o; ha occasiões em que tem elle todo o cabimento; mas parece-me que só empregado com muita parcimonia ou intercalado com outros rythmos, e manejado por mãos habilissimas póde produzir bom effeito».

Acha ainda Bernardo que o verso alexandrino, «com sua pesada monotonia e inflexibilidade torna-se quasi absolutamente refractario á onamotopéa (*), sem a qual não ha no verso nem harmonia nem melodia».

Entretanto, diz ainda o poeta—«não sei porque razão o verso francez que tem numero de syllabas egual ao do nosso alexandrino e o verso heroico latino, que é ainda mais extenso, possuem muito mais flexibilidade, são muito mais maleaveis, ou por outros termos, prestam-se a exprimir com mais facilidade a fórma, o som, a côr, o movimento da idéa».

E para prova do que allega, Bernardo cita os seguintes versos francezes:

> «Je chante ce heros, qui regna sur la France
> Et par droit de conquête e par droiô de nassance».

Ora, não é preciso ir muito longe para se opporem a estes, outros versos portuguezes que reputamos até mais harmoniosos

---

(*) Quer nós parecer que haja onomatopéa e belissima, no ultimo verso da primeira quadra de Augusto de Lima, por nós citada: «Ao pesado ribombo esplendido do malho».

por não terem aquelle *h* aspirado de *heros* que se encontra num dos versos francezes citados, aliás magnificos.

Recorramos ainda a Augusto de Lima, que escreveu os versos seguintes, por coincidencia principiando pelas mesmas palavras do verso francez:

> «Eu canto o grande Amor, a eterna lei dynamica,
> que imprime movimento ás fibras da materia...»

Como se vê, si ha differença entre esses alexandrinos, por certo que essa differença não é desfavoravel aos escriptos em portuguez.

Está claro que em nada diminue o grande valor poetico de Bernardo Guimarães essa opinião por elle expendida, nesse prologo de livro sobre o verso alexandrino.

E Bernardo podia mesmo desprezar o verso alexandrino, pois sem se utilisar desse metro, que reputamos bellissimo, o poeta dos *Cantos da Solidão* produziu poesias que hão de ser eternamente admiradas como joias finissimas do mais apurado lavor artistico.

*

Bernardo foi ainda um formoso coração, que assim como se rejubilava com as alegrias e victorias de seus semelhantes, tambem se condoia, fundamente das dores e desventuras alheias, escrevendo, a cada passo, ora hymnos de gloria em homenagem áquelles que triumphavam, ora nenias sentidas á memoria daquelles que baqueavam na vida.

Poeta, a sua lyra apparecia sempre onde quer que fosse necessario celebrar uma victoria ou a ella concitar os que a podiam alcançar, nem jamais se esquivou a levar a corações doridos o balsamo consolador de seus versos repassados de amor e de ternura.

Quando Minas teve de pagar seu tributo de sangue, para a desaffronta do brio brasileiro, tão atrevidamente offendido pelo dictador paraguayo, Bernardo Guimarães com seu estro accen-

dia a coragem e o enthusiasmo nas fileiras dos voluntarios mineiros, dedicando-lhes hymnos vibrantes que os patriotas iam cantando, caminho da lucta; e, quando as nossas legiões voltaram triumphantes da terrivel campanha, Bernardo cantou os feitos heroicos de nossos irmãos em versos immorredouros, de inenarravel belleza e inspiração.

A' causa da abolição, quando ainda estava longe o dia 13 de Maio de 1888, prestou sempre Bernardo o apoio valoroso de seu genio, e a lei de 28 de setembro de 1871, entre nós conhecida por lei de *ventre livre*, aurora precursora da *Lei Aurea*, foi por elle celebrada com um hymno (*), do qual transcrevemos os seguintes versos:

Da liberdade ao ruido
Ante a nova geração,
E' uma voz sem sentido
A palavra—escravidão.
....

Não mais nascerão escravos
Sobre o solo brasileiro;
Não mancha a terra dos bravos
O stygma do captiveiro.
....

Por occasião da commemoração do nono decenario da execução de Tiradentes, Bernardo Guimarães compoz o hymno que transcrevemos na integra

Salve, salve, inclito martyr
Resplandecente pharol!
Da aurora da liberdrde
Foste o sangrento arrebol.

(*) Este hymno foi posto em musica pelo conhecido professor de humanidades e habil maestro sr. Emilio de Gouvêa Horta.

Em soberbos monumentos
Grave a mão da patria historia;
—Maldição a teus algozes,
Ao teu nome eterna gloria.

A tua cabeça heroica,
Sobre vil poste hasteada,
—Liberdade - Independencia,
Até hoje inda nos brada.

Em soberbos monumentos, etc.

Do teu mutilado corpo
Os membros esquartejados
Foram echos rugidores,
Aos quatro ventos lançados.

Em soberbos monumentos, etc.

De teu sangue generoso
Esta terra rociada
Fez brotar da independencia
A semente abençoada.

Em soberbos monumentos, etc.

Esse sangue derramado
Pelo brutal despotismo
Foi da patria brasileira
O sacro-santo baptismo.

Em soberbos monumentos, etc.

Desde então á tyrania
O ferreo raço adormece,
E o formoso sol dos livres
No horizonte resplandece.

Em soberbos monumentos, etc.

Salve, salve, inclito martyr,
Sanguinolento pharol,
Que accendeste no horizonte
Da liberdade o arrebol!

Em soberbos monumentos, etc.

Ha ainda a notar-se em Bernardo Guimarães a particularidade de não escrever quasi nunca sonetos—ou, si escrevia, quasi nunca os publicava.

Em todos os seus livros, editados pela Casa Garnier, não nos lembramos de ter encontrado, siquer um soneto, que aliás era a fórma preferida pelo o illustre pae do grande mineiro—o sr. João Guimarães, que tambem foi poeta, conforme se verifica no final do livro *Folhas de Outomno*, onde como homenagem de affecto e de carinho, Bernardo fez publicar alguns versos de seu progenitor.

Até nisso Bernardo Guimarães se mostrava um emancipado ! ...

Andam hoje, por ahi, malsinando o soneto, mas sem justa razão. Dizer bem em quatorze versos o que caberia num poema, é ser poeta e poeta de valor.

E' verdade que o abuso dessa forma de verso tem sido escandaloso.

Quanto plumitivo queira apparecer em publico assignando versos, lembra-se logo de escrever um soneto, como se escrever um soneto não fosse cousa bem difficil.

Já houve até quem dissesse que o soneto portuguez nasceu com Bocage e com Bocage morreu.

Nem tanto, nem tão pouco: combatamos o abuso mas não digamos que o soneto portuguez está para sempre enterrado.

Bocage conseguiu escrevel-os bellissimos, mas em Portugal e no Brasil ainda ha quem os escreva tão bellos como os de Bocage.

Passando os olhos, ha dias, pelo prefacio do livro *Ondas*, de Luiz Murat, incontestavelmente um grande poeta, verificamos, com pasmo, que o illustre vate tambem não é apreciador de sonetos.

E ficamos pasmados porque o sr. Luiz Murat pertence ao numero daquelles que no Brasil melhor manejam essa forma de verso.

Não pretendemos contrariar aqui a valiosa opinião do grande poeta das *Ondas*, mas em favor da nossa contradicta poderiamos trazer o exemplo do proprio Bocage, que se immortalisou escrevendo sonetos e o da *Via-Lactea*, essa admiravel collecção de sonetos, talvez o trabalho que mais tenha engrandecido o nome de Olavo Bilac.

Isto sem fallar nos sonetos de Alberto de Oliveira, Raymundo Corrêa, Augusto de Lima, Guerra Junqueiro, e desse extraordinario Luiz Delfino, ha pouco tempo arrebatado pela morte, com perda irreparavel para as letras patrias.

E si quizessemos ir um pouco adiante, teriamos os sonetos de Heredia immortalisando o seu auctor.

Não pretendemos, repetimos, oppor contradicta á opinião do sr. Murat que, no prefacio de seu livro, chegou a affirmar que Raymundo Corrêa só é conhecido através dos sonetos *As Pombas* e *Mal secreto*, o que além de ser uma injustiça, em nada diminuiria o valor do grande poeta das *Alleluias*, quando fosse verdade.

Voltemos, porém, a Bernardo Guimarães. Sabemos, por informações fidedignas, de pessoas que privaram com o poeta, que Bernardo escreveu e publicou, em jornaes varios sonetos. Não os encontramos, todavia, nos livros do poeta, de quem só conhecemos o que vae adiante transcripto, publicado numa colletanea de *Sonetos Brasileiros* do illustre homem de letras dr. Laudelino Freire.

Eis o soneto:

Eu vi dos polos o gigante alado,
Sobre um montão de pallidos coriscos,
Sem fazer caso dos bulcões ariscos,
Devorando, em silencio, a mão do fado.

Cinco fatias de tufão gelado
Figuravam na mesa entre os petiscos;
Envolto em crepe de fataes rabiscos
Campeava o sophisma ensanguentado.

—Quem és que assim me cercas de episodios,
Lhe perguntei com voz de syllogismo,
Brandindo um facho de trovões serodios.

—Eu sou, me disse, aquelle anachronismo
Que a vil caterva de sulphurios odios
Nas trevas sepultei de um solecismo.

Como improvisador, e principalmente como improvisador humorista, Bernardo bem pouco traço deixou, pois as suas composições nesse genero, aliás em grande numero, ou perderam-se de todo ou são avaramente guardadas por quem as possue.

Bernardo Guimarães, como poeta, é um *julgado* e um *sagrado* por aquelles que mais alto têm sabido elevar a critica literaria em nossa terra, para que nos estendamos na analyse de sua obra poetica.

De todos os seus livros de versos é sem duvida o melhor delles o que tem por titulo «Poesias».

Nas *Novas Poesias* e nas *Folhas do Outomno* ha trabalhos de grande folego e, por vezes, de um lyrismo delicioso.

Mas no livro «Poesias» é que se encontram os melhores versos de Bernardo: *O Ermo, Invocação,* o *Devanear do sceptico,* toda a collecção das *Inspirações da Tarde,* das *Evocações* e a celebre *Bahia de Botafogo.*

Flor sem nome, Saudades do sertão do Oeste de Minas, A Moda e o *Hymno á Preguiça* são composições apontadas pelos mestres como reveladoras do grande talento poetico de Bernardo.

«Por estas quatro ligeiras composições aprecia-se perfeitamente a indole poetica do nosso mineiro.

Elle foi no fundo uma natureza sceptica, a que se ligaram certas tendencias epicuristas.

Dahi o seu lyrismo voluptuoso de um lado e de outro a ponta do sarcasmo que se deixa ver em muitos de seus versos.

Mas o auctor das «Evocações» foi verdadeiramente um poeta, quero dizer, um espirito descuidoso e contemplativo, um espirito mobil e impressionavel,

Nunca desmentiu sua vocação. Não sei si o mesmo aconteceria a Alvares de Azevedo, si continuasse a viver.

Quem sabe si não teria elle, como José Bonifacio e Felix da Cunha, e mais que todos Francisco Octaviano, tomado extranho caminho na direcção da politica ?" (*)

Cremos não ser preciso dizer mais nada sobre o poeta Bernardo Guimarães, a quem o Estado de Minas, sem perda de tempo, deve mandar erigir uma estatua e gravar numa das faces do monumento, em letras de ouro, estas palavras:

ESTE FOI O MAIOR POETA DE SUA PROVINCIA.
NO SEU TEMPO, E UM DOS MAIORES DO SEU
PAIZ. MDCCCXXV MDCCCLXXXIV

(*) SYLVIO ROMERO, Hist, da Lit. Bras. 2.º vol., pag. 210— 2.ª edição

ALGUMAS POESIAS

DE

Bernardo Guimarães

Evocação — Devanear do Sceptico —
O Nariz perante os poetas —
O Ermo.

O ERMO

Quæ sint quæ fuerint, quæ sunt
ventura, trahentur.

VIRGILIO.

I

Ao Ermo, ó musa : — além daquelles montes,
Que, em vaporoso manto rebuçados,
Avultam lá na extrema do horisonte...
Eia, vamos ; — lá onde a natureza
Bella e virgem se mostra aos olhos do homem,
Qual moça indiana, que as ingenuas graças,
Em formosa nudez sem arte ostenta !
Lá onde a solidão ante nós surge,
Magestosa e solemne como um templo,
Em que sob as abobadas sagradas,
Inundadas de luz e de harmonia,
Extase santo paira entre perfumes,
E se ouve a voz de Deos.— O' musa, ao ermo !
Como é formoso o céo da patria minha !
Que sol brilhante e vivido resplende
Suspenso nessa cupula serena !
Terra feliz, tu és da natureza
A filha mais mimosa ; — ella sorrindo
N'um enlevo de amor te encheu d'encantos,
Das mais donosas galas enfeitou-te ;
Belleza e vida te espargio na face,
E em teu seio entornou fecunda seiva !
Oh ! paire sempre sobre os teus desertos
Celeste benção ; bem fadada sejas
Em teu destino, ó patria ; — em ti recobre
A prole de Eva o Eden que perdêra !

II

Olha : — qual vasto manto que fluctua,
Sobre os hombros da terra, ondêa a selva,
E ora surdo murmurio ao céo levanta,
Qual prece humilde, que no ar se perde,
Ora açoutada dos tufões revoltos,
Ruge, sibila, sacudindo a grenha,
Qual horrida bacchante : — alli despenha-se
Pelo dorso do monte alva cascata,
Que, de alcantis enormes debruçada,
Em argentea espadana ao longe brilha,
Qual longo véo de neve que esvoaça.
Pendente aos hombros de formosa virgem,
E já, descendo a colear nos valles,
As plagas fertilisa, e as sombras peja
D'almo frescor e placidos murmurios...

Alli campinas, roseos horizontes,
Limpidas veias, onde o sol tremula,
Como em dourada escama reflectindo
Floreas balsas, collinas vicejantes,
Toucadas de palmeiras graciosas,
Que em céo limpido e claro balanceam
A coma verde escura.— Além montanhas,
Eternos cofres d'ouro e pedraria,
Corôados de pincaros rugosos,
Que se embebem no azul do firmamento !
Ou se te apraz, desçamos n'esse valle,
Manso asylo de sombras e mysterio,
Cuja mudez talvez jámais quebrára
Humano passo revolvendo as folhas,
E que nunca escutou mais que os arrulhos
Da casta pomba e o soluçar da fonte...
Onde se cuida ouvir, entre os suspiros
Da folha que estremece, os ais carpidos
Dos manes do Indiano, que inda chora
O doce Eden que os brancos lhe roubaram !

Que é feito, pois, d'essas guerreiras tribus,
Que outr'ora estes desertos animavam ?
Onde foi esse povo inquieto e rude,
De bronzea côr, de torva catadura,
Com seus cantos selvaticos de guerra,
Restrugindo no fundo dos desertos,
A cujos sons medonhos a panthera
Em seu covil de susto estremecia ?
O'! floresta — que é feito de teus filhos ?

Dorme em silencio o écho das montanhas,
Sem que o accorde mais o rude accento
Das guerreiras inubias : — nem nas sombras
Semi-núa, do bosque a ingenua filha,
Na preguiçosa-rêde se embalança.
Calaram-se pr'a sempre nessas grutas
Os profeticos cantos do piága ;
Nem mais o valle vê esses caudilhos,
Seus cocares na fronte balançando,
Por entre o fumo espesso das fogueiras,
Com sombrio lentor tecer, cantando,
Essas solemnes e sinistras danças,
Que o festim da vingança precediam...

Por esses ermos não vereis pyramides
Nem marmores, nem bronzes que assignalem
Nas éras do porvir feitos de gloria ;
Da natureza os filhos não sabiam
Aos céos erguer soberbos monumentos,
E nem perpetuar do bardo os cantos,
Que celebram façanhas do guerreiro ;
— Esses fanaes, que accende a mão do genio.
E vão no mar infindo das idades
Allumiando as trevas do passado.
Seus insepultos ossos alvejando
Aqui e além nos solitarios campos,
Rotos tacapes, resequidos craneos,
Que estalam sob os pés de errante gado.
As tabas em ruina, e os mal-extinctos
Vestigios das ocáras, onde o sangue

Do vencido corria em largo jorro,
Entre as pocemas de feroz vingança,
Eis as reliquias que recordam feitos
Do forte lidador da rude selva.

De Virgem Matta a susurante cupula,
Ou gruta escura, disputada ás feras
Ou fragil taba, n'um momento erguida,
Desfeita no outro dia, eram bastantes
Para abrigar o filho do deserto ;
No carcaz bem provido repouzavam
Do todo o seu porvir as esperanças,
Que suas eram da floresta as aves,
E nem lhes nega o corrego do valle,
Limpido jorro que lhe estanque a sêde.
No sol fonte de luz e de belleza,
Viam seu Deos, prostrados, o adoravam.
Na terra mãi, que os nutre com seus fructos,
Sua unica lei — a liberdade.

O'! floresta, que é feito de teus filhos?
Esta mudez profunda dos desertos
Um crime — bem atroz! — nos denuncia.
O exterminio, o captiveiro, a morte
Para sempre varreu de sobre a terra
Essa misera raça, — nem ficou-lhes
Um canto ao menos, onde em paz morressem!
Como cinza, que os euros arrebatam,
Se esvaeceram, — e do tempo a dextra
Seus nomes mergulhou no esquecimento.

Mas tu, ó musa, que piedosa choras,
Curvada sobre a urna do passado,
Tu, que jámais negaste ao infortunio
Um canto expiatorio, eia, consola
Do pobre Indiano os erradios manes,
E, sobre a ingloria cinza dos proscriptos,
Com teus cantos ao menos uma lagrima
Faz e correr de compaixão tardia.

III

Eil-o, que vem, de ferro e fogo armado,
Da destruição o genio formidavel,
Em sua fatal marcha devastando
O que de mais esplendido e formoso
Alardêa no ermo a natureza;
Que nem sómente o incola das selvas
De seu furor foi victima; — após elle
Rue tambem a cupula virente,
Unico abrigo seu, — sua riqueza.

Esta tremula abobada que ruge
Por seculares troncos sustentada,
Este silencio mystico, estas sombras,
Que agora me derramam sobre a fronte
Suave inspiração, scismar saudoso,
Vão em breve morrer; — lá vem o escravo,
Brandindo o ferro, que dá morte ás selvas,
E — afanoso — põe peito á impia obra: —
Já o tronco, que os seculos crearam,
Ao som dos cantos do Africano adusto
Geme aos sonoros, compassados golpes,
Que vão nas brenhas resoando ao longe;
Sôa o ultimo golpe, — range o tronco,
O tope excelso tremulo vacilla,
E, desabando com gemido horrendo,
Restruge qual trovão de monte em monte,
Nas solidões profundas reboando.

Assim vão baqueando, uma após outra,
Da floresta as columnas venerandas;
E todas essas cupulas immensas,
Que inda ha pouco no céo balanceando,
A sanha dos tufões desafiavam,
Ahi jazem, como ossadas de gigantes,
Que n'um dia de colera prostára
O raio do Senhor.

Oh! mais terrivel
Que o raio, que o diluvio, o rubro incendio
Vem consummar essa obra deploravel...
Qual hydra formidavel, no ar exalça
A crista sanguinosa, sacudindo
Com medonho rugido as igneas azas,
E negros turbilhões de fumo ardente
Das abrasadas fauces vomitando,
Em horrido negrume os ceos sepulta...
Estala, ruge, silva, devorando
Da floresta os cadaveres gigantes;
Voam sem tino as aves assustadas
No ar soltando pios lamentosos,
E as feras em tropel, timidas correm,
A se embrenhar no fundo dos desertos,
Onde vão demandar nova guarida...
Tudo é cinza e ruina: — adeos, ó sombra,
Adeos, murmurio, que embalou meus sonhos,
Adeos, sonoro fremito das auras,
Susurros, queixas, suspirosos échos,
Da solidão mysterioso encanto!
Adeos! — Em vão a pomba esvoaçando
Procura um ramo em que fabrique o ninho;
Em vão suspira o viajor cansado
Por uma sombra onde repouse os membros,
Repassados do ardor do sol a pino!
Tudo é cinza e ruina — tudo é morto!!

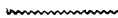
E tu, ó musa, que amas o deserto,
E das caladas sombras o mysterio,
Que folgas de embalar-te aos sons aereos
D'almas canções, que a solidão murmura,
Que amas a creação, qual Deos formou-a.
— Sublime e bella — vem sentar-te, ó musa,
Sobre estas ruinas, vem chorar sobre ellas.
Chora com a avezinha a quem roubaram
O ninho seu querido, e com teus cantos
Procura adormecer o ferreo braço
Do improvido colono que semêa
Sómente estragos n'este chão fecundo!

IV

Mas, não te queixes, musa; — são decretos
Da eterna providencia irrevogaveis!
Deixa passar destruição e morte
N'essas risonhas e fecundas plagas,
Como charrua, que revolve a terra,
Onde germinam do porvir os fructos.

O homem fraco ainda, e que hoje a custo,
Da creação a obra mutilando,
Sem nada produzir, destroe apenas,
Amanhã creará; sua mão potente,
Que doma e sobrepuja a natureza,
Ha de imprimir um dia fórma nova
Na face deste solo immenso e bello:
Tempo virá em que n'essa vallada
Onde fluctua a coma da floresta,
Linda cidade surja branquejando
Como um bando de garças na planicie;
E em logar desse brando rumorejo
Ahi murmurará a voz de um povo;
Essas encostas broncas e sombrias
Serão risonhos parques sumptuosos;
E esses rios, que vão por entre sombras,
Ondas caudaes, serenos, resvalando,
Em vez do tope escuro das florestas,
Reflectirão, no limpido regaço,
Torres, palacios, coruchéos brilhantes,
Zimborios magestosos e castellos
De bastiões sombrios coroados,
Esses bulcões da guerra, que do seio
Com horrendo fragor raios despejam,
Rasgar-se-hão dos valles os abysmos:
Mil estradas, qual vasto labyrintho,
Crusar-se-hão por montes e planuras;
Curvar-se-ão os rios sob arcadas
De pontes colossaes;—canaes immensos

Virão sulcar as faces das campinas,
E estes montes verão talvez um dia,
Cheios de assombro, junto ás abas suas,
Avelejar os lenhos do oceano!

Sim, ó virgem dos tropicos formosa,
Nua e singela filha da floresta,
Um dia, em vez da simples arasoia,
Que mal te encobre o gracioso talhe,
Te envolverás em fluctuantes sedas,
E abandonando o kanitar de plumas,
Que te sombrêa o rosto côr de jambo,
Apanharás em tranças perfumadas
A coma escura, e dos donosos hombros
Finos véos penderão. Em vez da rêde,
Em que te embalas da palmeira á sombra,
Repousarás sobre coxins de purpura,
Sob doceis explendidos.—O' virgem,
Serás então princeza,—forte e grande,
Temida peles principes da terra;
E de brilhante aureola cingida
Sobre o mundo alçarás a fronte altiva!
Mas, quando em tua mente revolveres
As memorias das eras que já foram,
Lá quando dentro d'alma despertares
Do passodo lembranças quasi extinctas,
Dos bosques teus, de tua rude infancia,
Talvez terás saudade.

O Devanear do septico

> Tout corps traine son ombre et
> tout esprit son doute.
>
> V. HUGO.

Ai da avezinha, que a tormenta um dia
Desgarrára da sombra de seus bosques,
Arrojando-a em desertos desabridos
De bronzeo céo, de fervidas arêas;
Adeja, vôa, paira... nem um ramo,
Nem uma sombra encontra onde repouse,
E vôa, e vôa ainda, até que o alento
De todo lhe fallece;—colhe as azas,
Cahe na arêa de fogo, arqueja e morre...
Tal é, minh'alma, o fado teu na terra;
O tufão da descrença desvairou-te
Por desertos sem fim, onde em vão buscas
Um abrigo onde pouses, uma fonte
Onde apagues a sêde que te abrasa!

....

O' mortal, porque assim teus olhos cravas
Na abobada do céo?—Queres ver n'ella
Decifrado o mysterio inexcrutavel
Do teu ser, e dos seres que te cercam?
Em vão teu pensamento audaz procura
Arrancar-se das trevas que o circundam,
E no ardido vôo abalançar-se
A's regiões da luz e da verdade;

Baldado afan ! — no espaço eil-o perdido,
Como astro desgarrado da sua orbita,
Errando ás tontas na amplidão do vacuo !
Jámais pretendas estender teus vôos
Além do escasso e pallido horizonte
Que mão fatal em torno te ha traçado...
Com barreira de ferro o espaço e o tempo
Em acanhado circulo fecharam
Tua pobre razão:—em vão forcejas
Por transpor essa méta inexoravel ;
Os teus dominios entre a terra e os astros,
Entre o tumulo e o berço estão prescriptos:
Além, que enxergas tu?—o vaccuo e o nada !

Oh ! feliz quadra aquella, em que eu dormia
Embalado em meu somno descuidoso
No tranquillo regaço da ignorancia:
Em que minh'alma, como fonte limpida
Dos ventos resguardada em quieto abrigo,
Da fé os raios puros reflectia !
Mas n'um dia fatal encosto á bocca
A taça da sciencia; — senti sêde
Inextinguivel a crestar-me os labios:
Traguei-a toda inteira,—mas encontro
Por fim travor de fel; — era veneno
Que no fundo continha, era a incerteza !

Oh ! desde então o espirito da duvida,
Como abutre sinistro, de continuo
Me paira sobre o espirito, e lhe entorna
Das turvas azas a funerea sombra !
De eterna maldição era bem digno
Quem primeiro tocou com mão sacrilega
Da sciencia na arvore vedada,
E nos legou seus venenosos fructos...
Se o verbo creador, pairando um dia
Sobre a face do abysmo, a um só aceno
Evocava do nada a natureza,
E do seio do cháos surgir fazia
A harmonia, a belleza, a luz, a ordem,

Porque deixou o espirito do homem
Sepulto ainda em tão profundas trevas,
A debater-se n'este cháos sombrio,
Onde embryões informes tumultuam,
Inda aguardando a voz que á luz os chame ?

Quando, espancando as sombras somnolentas,
Surge a aurora no coche radiante,
Inundando de luz o firmamento,
Entre o rumor dos vivos que despertam,
Levanto a minha voz, e ao sol, que surge,
Pergunto:—Onde está Deos?—ante meus olhos
A noite os véos diaphanos desdobra,
Vertendo sobre a terra almo silencio,
Propicio ao scismador;—então minha alma
Desprende o vôo nos ethereos paramos,
Além dos sóes, dos mundos, dos cometas,
Varando afouta a profundez do espaço,
Anhelando entrever na immensidade
A eterna fonte, d'onde a luz emana...
O' pallidos fanaes, tremulos cirios,
Que na esphera guiais da noite e carro,
Planetas, que em cadencia harmoniosa
No ether crystallino ides boiando,
Dizei-me—onde está Deos?—sabeis se existe
Um ente, cuja mão eterna e sabia
Vos esparzio pela extensão do vacuo,
Ou do seio do cháos desabrochastes
Por insondavel lei do cego acaso ?
Conheceis esse rei, que rege e guia
No espaço infindo vosso errante curso ?
Eia, dizei me, em que regiões ignotas,
Se eleva o throno seu inaccessivel ?
Mas em vão interrogo os céos o os astros,
Em vão do espaço a immensidão percorro,
Do pensamento as azas fatigando !
Em vão;—todo o universo immovel, mudo,
Sorrir parece de meu vão desejo !
Duvida—eis a palavra que eu encontro

Escripta em toda a parte;—ella na terra,
E no livro dos céos, eil-a gravada,
E' ella que a harmonia das espheras
Entôa sem cessar a meus ouvidos!

Vinde, ó sabios, alampadas brilhantes,
Que ardestes sobre as aras da sciencia,
Agora desdobrai ante meus olhos
Essas paginas, onde, meditando
Em profundo scismar, cahir deixastes
De vosso genio as vividas centelhas:
Dai-me o fio subtil, que me conduza
Pelo vosso intrincado labyrintho:
Rasgai-me a venda, que me enubla os olhos,
Guiai meus passos, que embrenhar-me quero
Do raciocinio nas regiões sombrias,
E surprehender do seio de atras nuvens
O escondido segredo...

Oh! louco intento!

Em mil vigilias pallejou-me a fronte,
E amorteceu-se o lume de meus olhos
A sondar esse abysmo tenebroso,
Vasto e profundo, em que as mil hypotheses,
Os erros mil, os engenhosos sonhos,
Os confusos systemas se debatem,
Se confundem, se roçam, se abalroam,
Em um cháos sem fim turbilhonando:
Attento a lhe escrutar o seio lobrego,
Em vão cansei-me: nesse afan penoso
Uma negra vertigem pouco e pouco
Me enubla a mente, e a deixa desvairada,
No escuro abysmo fluctuando incerta!
....

Philosophia, dom mesquinho e fragil,
Pharol enganador de escasso lume,

Tu só geras um pallido crepusculo,
Onde gyram fantasmas nebulosos,
Dubias visões, que o espirito desvairam
N'um cháos de interminaveis conjecturas,

Despedaça essas paginas inuteis,
Triste apanagio da fraqueza humana,
Em vez de luz, amontoando sombras
No sanctuario augusto da verdade,
Uma palavra só talvez bastára
P'ra saciar de luz meu pensamento;
Essa ninguem a sabe sobre a terra!...

Só tu, meu Deos, só tu dissipar pódes
A que os olhos me cérca, escura tréva!
O' tu, que és pai de amor e piedade,
Que não negas o orvalho á flor do campo,
Nem o tenue sustento ao vil insecto,
Que de infinda bondade almos thesouros
Com profusão derramas pela terra,
O' meu Deos, porque negas á minha alma
A luz que é seu alento, e seu conforto?
Porque exilaste a tua creatura
Longe do solio teu, cá n'este valle
De eterna escuridão?--Acaso o homem,
Que é pura emanação da essencia tua,
E que se diz creado á tua imagem,
De adorar-te em ti mesmo não é digno,
De contemplar, gozar tua presença,
De tua gloria no esplendor perenne?
Oh! meu Deos, porque cinges o teu throno
Da impenetravel sombra do mysterio?
Quando, da esphera os eixos abalando,
Passa no céo entre abrasadas nuvens
Da tempestade o carro fragoroso,
Senhor, é tua colera tremenda
Que brada no trovão, e chove em raios?
E o iris, essa faixa cambiante,
Que cinge o manto azul do firmamento,
Como um laço que prende aos céos a terra,
E' de tua clemencia annuncio meigo?
E' tua immensa gloria que resplende
No disco flammejante, que derrama
Luz e calor por toda a natureza?
Dize, ó Senhor, porque a mão occultas,

Que a flux esparge tantas maravilhas?
Dize, ó Senhor, que para mim são mudas
As paginas do livro/do universo !...
Mas, ai ! que o invoco em vão! elle se esconde
Nos abysmos de sua eternidade.
....

Um écho só da profundez do vacuo
Pavoroso retumba, e diz—duvida !
Virá a morte com as mãos geladas
Quebrar um dia esse terrivel sello,
Que a meus olhos esconde tanto arcano ?
....

O' campa !—atra barreira inexoravel
Entre a vida e a morte levantada!
O' campa, que mysteriois insondaveis
Em teu escuro seio mudo encerras ?
E's tu acaso o portico do Elysio,
Que nos franqueia as regiões sublimes
Onde o luz da verdade eterna brilha ?
Ou és do nada a fauce tenebrosa,
Onde a morte p'ra sempre nos arroja
Em um somno sem fim adormecidos !
Oh ! quem pudera levantar afouto
Um canto ao menos d'esse véo tremendo
Que encobre a eternidade...

Mas debalde
Interrogo o sepulchro,—e debruçado
Sobre a voragem tetrica e profunda,
Onde as extinctas gerações baqueam,
Inclino o ouvido, a ver se um écho ao menos
Das margens do infinito me responde!
Mas o silencio que nas campas reina,
E' como o nada,—funebre e profundo...
....

Se ao menos eu soubesse que co'a vida
Terminariam tantas incertezas,
Embora os olhos meus além da campa,

Em vez de abrir-se para a luz perenne,
Fossem na eterna escuridão do nada
Para sempre apagar-se...— mas quem sabe ?
Quem sabe se depois d'esta existencia
Renascerei —p'ra duvidar ainda ? !...

O NARIZ PERANTE OS POETAS

Cantem outros os olhos, os cabellos
E mil cousas gentis
Das bellas suas : eu de minha amada
Cantar quero o nariz.

Não sei que fado misero e mesquinho
E' este do nariz.
Que poeta nenhum em prosa ou verso
Cantal-o jámais quiz.

Os dentes são perolas,
Os labios rubis,
As tranças lustrosas
São laços subtis
Que prendem, que enleam
Amante feliz;
E' collo de garça
A nivea cerviz;
Porém ninguem diz
O que é o nariz.

Beijam-se os cabellos
E os olhos bellos,
E a bocca mimosa,
E a face de rosa
De fresco matiz;

E nem um só beijo
Fica de sobejo
P,r'o pobre nariz;
Ai ! pobre nariz,
E's bem infeliz !

Entretanto,—notai a sem-razão
Do mundo injusto e vão:—
Entretanto o nariz é do semblante
O ponto culminante;

No meio das demais feições do rosto
Erguido é o seu pôsto,
Bem como um throno, e acima dessa gente
Eleva-se eminente.

Trabalham sempre os olhos; mais ainda
A bocca, o queixo, os dentes;
E—miseros plebêos--vão exercendo
Officios differentes.

Mas o nariz, fidalgo de bom gosto,
Desliza brandamente
Vida voluptuosa entre as delicias
De um doce «far-niente».

Sultão feliz, em seu divan sentado,
A respirar perfumes,
De bemaventurado ocio gozando,
Não tem inveja aos numes.

Para elle produz o rico Oriente
O cedro, a mirrha, o incenso;
P'ra elle meiga Flora de seus cofres
Verte o thesouro immenso.

Amante fiel sua, a mansa aragem,
As azas meneando,
Anda p'ra elle nos vergeis vizinhos
Aromas apanhando.

E tu, pobre nariz, soffres o injusto
Silencio dos poetas? .
Soffres calado? não tocaste ainda
Da paciencia as metas?

Nariz, nariz, já é tempo
De echoar o teu queixume:
Pois, si não ha poesia
Que não tenha o seu perfume,
Em que o poeta ás mãos cheias
Os aromas não arrume,
Porque razão os poetas,
Porque do nariz não fallam,
Do nariz, p'ra quem sómente
Esses perfumes se exhalam?

Onde, pois, ingratos vates,
Acharieis as fragancias,
Os balsamicos odores,
De que encheis vossas estancias,
Os effluvios, os aromas
Que nos versos espargis;
Onde acharieis perfume,
Si não houvesse nariz?
O' vós, que ao nariz negais
Os fóros de fidalguia,
Sabei que, si por um erro
Não ha nariz na poesia,
E' por seu fado infeliz,
Mas não é porque não haja
Poesia no nariz.

Attenção, pois, aos sons de minha lyra,
Vós, todos, que me ouvis,
De minha bem amada em versos d'ouro
Cantar quero o nariz.

O nariz de meu bem é como... oh! céos!...
E' como que? Por mais que lide e sue,
Nem uma só asneira!...
Que esta musa está hoje uma toupeira.

Nem uma idéa
Me sahe do casco !...
O' miserando,
Triste fiasco ! !

Se bem me lembra, a Biblia em qualquer parte
Certo nariz ao Libano compara ;
Se tal era o nariz,
De que tamanho não seria a cara ?!...

E ai de mim ! desgraçado,
Se o meu doce bem amado
Vê seu nariz comparado
A uma erguida montanha :
Com razão e sem tardança,
Com rigores e esquivança,
Tomará cruel vingança,
Por essa injuria tamanha.

Pois bem !... Vou arrojar-me pelo vago
D'essas comparações que a troche-moche
Do romantismo o genio cá nos trouxe,
Que p'ra todas as cousas vão servindo ;
E á fantasia as redeas sacudindo,
Irei, bem como um cego,
Nas ondas me atirar do vasto pégo,
Que as romanticas musas desenvoltas
Costumam navegar a velas soltas.

E assim como o coração,
Sem ter corda, nem cravelha,
Na linguagem dos poetas,
A uma harpa se assemelha ;

Como as mãos de alva donzella
Parecem cestos de rosas,
E as roupas as mais espessas
São em verso vaporosas ;

E o corpo de esbelta virgem
Tem feitio de coqueiro,
E só com um beijo se quebra
De tão franzino e ligeiro ;

E como os olhos são flechas,
Que os corações vão varando ;
E outras vezes são flautas
Que de noite vão cantando ;
P'ra rematar tanta peta,
O nariz será trombeta...
Trombeta o meu nariz ?!! (ouço-a bradando)
Pois meu nariz é trombeta ?...
Oh ! não mais, Sr. poeta,
Com meu nariz s'intrometa.

Perdão por esta vez, perdão, senhora !
Eis nova inspiração me assalta agora,
E em honra ao teu nariz
Dos labios me arrebenta em chafariz :

O teu nariz, doce amada
E' um castello de amo,
Pelas mãos das proprias graças
Fabricado com primor.

As suas ventas estreitas
São como duas setteiras,
Donde elle occulto dispara
Agudas flechas certeiras...

Em que sitios te puz, amor, coitado !
Meu Deus, em que perigo ?
Se a nympha espirra, pelos ares saltas,
E em terra dá comtigo.

Estou já cansado, desisto da empreza,
Em versos mimosos cantar-te bem quiz ;
Mas não o consente destino perverso,
Que fez-te infeliz ;
Está decidido,—não cabes em verso,
Rebelde nariz.

E hoje tu deves
Te dar por feliz
Si estes versinhos
Brincando te fiz.

PRIMEIRA EVOCAÇÃO

.......Das sombras do sepulchro,
Eil-a que surge placida e formosa
Essa visão primeira,
Que me sorrio na quadra venturosa
Da infancia prazenteira...

Sê mui bem vinda, ó flôr sempre lembrada
De minha leda aurora !
Graças te rendo, pois a consolar-me
Surges primeira agora.

Inda hoje mesmo, após tão largos annos,
Que repousas no leito funerario,
A' minha voz acodes, e abandonas
Para escutar-me o gelido sudario ..

Não ; não morreste ; —ou bella como outr'ora
A' voz do meu amor hoje renasces !...
Tombam te ao collo as nitidas madeixas,
E adoravel pudor te adorna as faces.

Não vens da campa, não, que nos teus labios
Vejo o frescor e a purpura da rosa ;
Palpita o seio, e brincam-te os sorrisos
Na bocca graciosa.

Vejo-te os olhos limpidos, serenos,
Taes como costumava outr'ora vêl-os ;
Nem dos sepulchros o halito mephytico
Exhalam teus cabellos.

Tu vens direito da mansão celeste,
A mim descendo, ó anjo meu, formoso,
Com azas de ouro desferindo o vôo
No espaço luminoso.

....
....

Lembras-te ainda dos felizes dias,
Que deslisámos, antes de trocares
Pela patria dos anjos, que hoje habitas,
A sombra de teus lares ?...

Oh ! quem me dera ver essas campinas,
De que me afasta tão fatal distancia,
E ver os céos, onde sorrio-me a estrella
De minha leda infancia !...

E a fonte, e o musgo aonde te sentavas
A' sombra do florido limoeiro,
Ouvindo o trepidar harmonioso
Do proximo ribeiro ;

E os vargedos sem fim, onde alvejava,
— Em meio de vergeis quasi encoberto, —
Teu lar ditoso, — ninho de alva pomba,
Em meio do deserto ;

E do bosque a avenida solitaria,
— Tão grato asylo ao timido recato, —
E essa alfombra agreste, em que brincando
Saltavas o regato.

Lá, nas tardes serenas, eu te via
Por entre os perfumados laranjaes,
Ou qual errante Nayade, vagando
Nos campos teus nataes.

E ao teu passar, as arvores do bosque
Os ramos brandamente meneavam,
E o chão, em que pisavas, á porfia,
De flôres alastravam.

Brisa amorosa bafejava aromas
Em torno a ti com placidos rumores;
E murmurando a fonte te mandava
Um cantico de amores.

E eu te amava; — mas do meu affecto
Dentro do coração continha as lavas;
E o fogo, que nesta alma então fervia,
Nem sei se adivinhavas.

Eu era tão feliz, — e nem sabia
O nome a tão suaves emoções;
Nem pensei que jámais se esvaecessem
Tão puras illusões.

E nossos corações eram quaes flôres,
Que o casto seio mal abrindo ao lume
Da nascente manhã, dentro do calix,
Guardavam seu perfume.

....
....

Mas ah! — no fundo do painel donoso
Vejo sinistra a campa, que se eleva!...
E' lá que minha aurora para sempre
Sumiu-se em negra treva.

Ha bem tempo que dormes n'esse leito
Frio, que a dura morte preparou-te,
Ao fremito suave da palmeira
Que em teu berço embalou-te.

Ha bem tempo! — e ás vezes me parece
Ser nosso amor uma reminiscencia
Apenas do outro mundo, em que dormimos
O somno da innocencia!...

E é bem verdade que viveste outr'ora
Vida real de humana creatura,
Que no mundo tiveste o berço um dia,
E n'outro a sepultura?

Ou foste só visão da fantasia,
Que em meus formosos sonhos de criança
Me fascinava a mente descuidosa
C'um raio de esperança?

....

Vae, fantasma querido, volta aos bosques
De nossa infancia, — ás verdes ribanceiras
Do ribeirão, que viu do nosso affecto
As emoções primeiras.

Debaixo d'esses céos de azul brilhante,
N'essas campinas de eternal verdura,
Dorme tranquilla aos placidos rumores
Que a solidão murmura.

Lá vá de tarde o sabiá sósinho,
Saudoso modular tristes endeixas;
E nos burítysaes gemendo a brisa
Sussurre eternas queixas.
....
....

Vai-te, ó lindo phantasma! — n'este mundo
Não mais profanes teus pudicos véos;
Vai-te, que ha muito os cherubins saudosos
Te aguardam lá nos céos.

A VOZ DO PAGÉ

DRAMA EM 5 ACTOS

DE

BERNARDO GUIMARÃES

Levado á scena em Ouro Preto no anno de 1860

A VOZ DO PAGÉ

A acção passa-se no fim do seculo 16.º, em uma colonia ou feitoria portugueza na Capitania de Pernambuco. Dura 2 mezes. Refere-se ás primeiras tentativas que se fizerão para colonisar a Parahyba, então dependente daquella Capitania e possuida pelos Indios Potigoares.

PERSONAGENS DO DRAMA:

Coelho de Souza, Capitão mór da Parahyba.
Elvira, sua filha.
Maria, creada grave de Elvira.
Henrique, indio civilizado (Jurupema.)
Diogo de Mendonça, cavalheiro portuguez, noivo de Elvira.
Julião, mameluco, criado de Diogo de Mendonça.
Piragiba, velho selvagem.
Frei Ambrosio.
Pagé.
Cavalheiros portuguezes, soldados, e selvagens.

ACTO 1.º

O EMPRASAMENTO

Um pateo ou jardim contiguo á casa do Capitão mór Coelho de Souza, com algumas arvores, e cadeiras a sua sombra, devendo respirar em tudo a rudeza de uma colonia recentemente fundada.

No fundo florestas, e uma montanha ao longe. Personagens: — Coelho de Souza, Elvira, Maria, Henrique, Diogo de Mendonça, Julião, Pagé.

SCENA 1.ª

Elvira assentada em attitude melancolica, e Maria em pé, juncto della

Maria — Tenho estranhado bastante, Snr.ª D. Elvira, esse ar de tristeza, que ha tempo, tendes tomado.

Ereis tão alegre, e tão travessa, não fazieis senão rir e brincar ; e agora todos os dias vindes aqui sentar-vos tão triste... tão triste que me dás cuidados.

Elvira — Cuidados de que, minha bôa Maria? Nem sempre somos creanças ; já me vae chegando o tempo de pensar em cousas mais sérias.

Maria (*sorrindo*) Ora, grandes cousas tendes em que pensar !... Deixae, que os outros pensem por vós, e tractae de brincar, rir, e cantar como d'antes.

Elvira — Não te dê isso cuidado, os pensamentos a que me abandono, são bem suaves e nada têm de desagradaveis para mim. Olha, Maria, todas as vezes, que aqui venho á tarde passear, que olho para aquellas florestas, aquellas montanhas d'alem, aquelles horisontes, parece-me que me sorri

e que me acena ao longe uma felicidade estranha e inaudita que meu coração presente, e adivinha, porém em vão se esforça por chegar a ella. Então parece-me que só um ente neste mundo póde lá me conduzir, e esse... ai de mim!... Maria, se eu pudesse contar-te tudo o que sinto... abrir-te o intimo de meu coração...

Maria — E porque não o podereis fazel-o? Esse coração ainda está tão puro, como a florsinha que começa pela manhã. Aberta ella, o que se poderá ver? o orvalho da manhã no seio de uma flor, que é o mesmo que a perola da innocencia no coração de uma donzella.

Elvira — Mas não sabes, Maria, que um raio de sol póde insinuar-se no calix da flor e seccar-lhe essa gota de orvalho, esse thesouro da innocencia que sò brilha na aurora da vida?

Maria — Sim; mas creio que a sombra destes ermos é bastante para resguardar esse tenro coração dos rigores do sol, de que fallaes, se é que bem comprehendo a vossa linguagem.

Elvira — Como te enganas, Maria! cuidas que esta solidão em que vivemos, acalma os impulsos de um coração que nasceo para amar? ah! não; nada mais faz do que concentral-os, e por isso tornal-os ainda mais violentos, mais energicos.

Maria (*em tom de gracejo*) Muito me admira a vossa linguagem de hoje, Senhora! nunca vos ouvi *philosophar* assim: muito tendes apprendido em vossas leituras.

Elvira — Não são os livros, Maria, è o coração, que me tem ensinado estas cousas. Que se ha-de fazer nestes ermos do novo mundo senão pensar e sentir? Quanto ao pensamento, esse absorve-se em si mesmo, de si mesmo se alimenta; mas o sentimento necessita de expandir-se, de reflectir se em alguma cousa.

Maria — (*anida em ar de gracejo*). Cada vez me causaes mais admiração: si estivessemos em alguma côrte, que não aqui nestes sertões, eu diria que esses vossos arrazoados são mais do vosso coração do que da vossa cabeça.

Elvira — E não te enganarias .. ah !... si eu pudesse dizer-te...

Maria — O que? tendes algum misterio a revelar? Si o tendes dizei-m'o; nada deveis occultar-me.

Elvira — (*com ingenuidade*) Tenho medo que ralhes commigo.

Maria — E porque? oh! espero que não haverá motivo para isso.

Elvira — (*com hesitação*) E si eu te dissesse que... amo.

Maria — Diria que estaveis zombando. Amar? a quem? quem poderieis amar neste ermo, onde não vedes senão os soldados de vosso pae, e os Indios?

Elvira — Pois não será possivel amar-se um Indio?

Maria — Que estaes dizendo, minha menina? Nem por gracejo quero ouvir de vossa boca semelhantes palavras.

Elvira — E entretanto não é um gracejo, Maria; é a pura verdade; eu amo um selvagem, eu amo Henrique.

Maria — Senhora, por quem sois, não gracejeis assim...

Elvira - Não gracejo, eu to repito; é a realidade, Maria, não vás por isso ficar mal commigo. Eu tinha necessidade de revelar este meu amor a alguem: e a quem havia de fazer senão a ti?

Maria — (*com severidade*) Senhora, vós amaes esse indio? !... por quem sois, não m'o digaes outra vez.

Elvira — (*com resolução*) Sim, Maria; já que uma vez fugio-me dos labios essa palavra fatal, dir-t'a-hei mil vezes: eu amo Henrique, esse nobre e valente indio, que me salvou a vida, esse indio tão civilizado como nós, e capaz de fazer inveja aos mais illustres e valentes cavalheiros portuguezes.

Maria — Oh! Senhora, será tudo o que quizerdes, mas nunca deixará de ser um selvagem, um escravo!

Elvira — Porque a sorte, ou antes a injustiça dos homens assim o quiz; mas entre os seos seria um principe. Ah! bem sei quanto este amor é infeliz! bem sei que será por ti reprovado, estigmatisado pelo mundo, e até amaldiçoado por meo

pae. Mas que hei-de eu fazer? não me é possivel resistir-lhe. Eu sempre amei Henrique, que foi o companheiro de minha infancia, que o céo parece ter posto nos desolados caminhos de minha vida para substituir-me a falta de um irmão que a natureza negou-me; eu o amo, e quasi que o venero, como um genio protector de minha infancia, como um anjo tutelar. Esse sentimento, que por elle nutro, consagrado pelo tempo e pelo habito, creou raizes profundas, e impera despoticamente em meo coração; e desde o dia em que tão heroicamente salvou meos dias ameaçados, a imagem de Henrique gravou-se aqui com traços indeleveis; acredita-me, Maria! nada no mundo poderá jamais apagal-a do meu coração; hei-de morrer com ella!

Maria — Senhora, o que acabaes de dizer, muito me afflige. Pois não vos lembraes, que vosso pae já vos tem destinado um marido digno de vós, e que a todos os momentos é elle aqui esperado?

Elvira — Ah! que terrivel lembrança me vens despertar! praza ao céo nunca meos olhos vejão esse esposo, que não conheço e que já detesto. Maria, não me falles mais nisso; deixa-me esquecel-o; só a idéa desse casamento me assassina.

Maria — Não importa; sois muito menina, é preciso submetter-vos á vontade de vosso pae, que só vos deseja o bem: o tempo dissipará esses caprichos de vosso coração, que julgaes ser amor, e não são senão desvios de uma imaginação de creança. Os conselhos da prudencia, a ternura de vosso esposo, a vossa propria virtude e dignidade, e o tempo vos farão em breve esquecer desse indio, e triumphar facilmente desse affecto indigno de vossa pessoa e de vossa jerarquia.

Elvira — Ei-lo que chega, Maria.

Maria —Quem? Henrique? ah! pois retiremo-nos; deveis evitar a sua presença, o mais que fôr possivel.

Elvira — Não, Maria; desejo falar-lhe por alguns momentos. Elle é tão bom, tão submisso, tão delicado!... Além disso, lembra-te que si ainda respiro o ar da vida, á elle o devo.

SCENA 2.ª

Os mesmos e Henrique

Elvira -- (*em tom de benevolo gracejo.*)—Bem vindo seja o valente caçador Henrique, o terror das selvas, o indomavel acossador dos tigres e das panthéras! forão largas hoje as tuas excursões pela floresta, Henrique; e já que chegaste aqui a tão boa hora vem sentar-te aqui perto de nós, e contar as tuas façanhas de hoje.

Henrique—São tão insignificantes, minha bella ama, que não vale apena vo-las contar: perdoáe-me si, em vez de vos trazer a pelle de alguma sussuarana, ou vos lançar aos pés alguma cabeça medonha de tigre, que mesmo separada do corpo, vos costuma inspirar tanto medo, eu hoje não vos trago senão estas singelas flores. Estas flores são brancas, quando se abrem, ao raiar da madrugada; mas quando o sol transmonta, tomão a côr que têm as rosas de vosso jardim. E' assim tambem que a alva filha do extrangeiro se tinge da côr do manacá, quando o fogo do amor vem aquecer-lhe o coração. Eu vol-as offereço; dignar-vos-eis acceital-as de minhas mãos?

Elvira — Oh! meu Henrique, como não acceitar dessas mãos tão nobres, dessas mãos a que devo a vida, o gracioso mimo, que tão ingenuamente me offertas? Tu és digno de tudo, e quanto me pesa não poder pagar-te dignamente a grande divida em que estou para comtigo!

Henrique — Nem faleis mais nisso; cumpri o meu dever. Quem por vós não faria outrotanto? — Vossa amizade e confiança, vossas adoraveis palavras são de sobejo para minha recompensa.

Elvira — (*contemplando as flores.*) São na verdade bem lindas estas flores: onde foi que as apanhaste, Henrique?

Henrique — Estas flores, minha bella ama, forão bafejadas pelo genio dos sonhos felizes: já cançado de vagar pelas mattas, mais preoccupado com os meus proprios pensamentos, do que

com os cuidados da caça, deitei-me sobre um capim verde e macio, que crescia a beira de um corrego, á sombra de uma arvoresinha que estava toda enfeitada dessas lindas flores: adormeci, comecei a sonhar. Que sonhos felizes ! sonhei comvosco; sonhei que me dizieis cousas tão doces que mal comprehendia... e que... oh ! perdoai-me; não fui eu, foi Jurupary, o anjo dos sonhos ditosos, que pousou sobre minha cabeça. Despertei e julguei em minha gratidão que essas flores me tinhão inspirado esse doce sonhar; prometti-lhes que em recompensa havião de vir pousar em vosso seio, e enfeitar os vossos cabellos: colhi-as e appressei-me em vol-as trazer. Desculpai esta ousadia de um pobre selvagem. Eu não posso, nem sei explicar por outra fórma o meu affecto e minha gratidão.

Elvira — Eu t'o agradeço, meu bom Henrique. Podessem estas bellas flores de teus sonhos nunca mais se murchar.

Maria — (*com severidade*)— Senhora, não deverieis nunca tocar nessas flores; bem sabeis, que nellas anda occulta uma vibora. Largae essas flores, Senhora, deitae-as fóra !

Elvira— E porque, Maria ? é um mimo tão singelo, e tão innocente !...

Maria — Sel-o-ia; mas, pelo que me acabaes de revelar... bem mal avisado andou esse columim em vol-as offerecer, e vós perdoae-me que vol-o diga, fostes bem imprudente em acceital-as. E tu, Henrique, és demasiadamente simples: toma cuidado; olha, que essas ousadias não ficão bem a um escravo.

Henrique — (*com indignação*)—Escravo!... (*apontando para Elvira*) sómente della !

Elvira — Tranquillisa-te, Henrique; eu conservarei as tuas flores, (*para Maria.*)—Porque ralhas assim com este bom columim, em vez de surrires a sua ingenuidade? Bem sabes que não é a primeira vez que me faz offerta do fructo de suas caçadas; hoje, em vez de trazer-me uma fera ou ave, trouxe-me estas flores; tanto melhor Maria; é um mimo mais innocente e mais puro, porque não custa sangue.

Maria — (*com enfado*). Fazei o que quizerdes, Senhora. Contava com mais docilidade de vossa parte; vejo com pezar que

minhas palavras não merecem attenção: queira Deus em breve não vos tenhaes de arrepender. Vamo-nos, Senhora, já demais nos temos aqui demorado.

Elvira — Vamo-nos (*voltando para Henrique em quanto Maria vai sahindo*). —Tranquilliza-te, Henrique, estas flores queridas que tu me déste, eu juro trazel-as sempre sobre o coração. (*aperta ao seio as flores*).

Henrique — (*indo lançar-se aoe pés de Elvira*) — Oh !... quanto sou feliz !...

Maria—(*voltando inopinadamente, o que interrompe o movimento de Henrique*) - Não saiamos por ora, que para aqui se encaminha o snr. Capitão-mor. Acompanha-o um bello cavalheiro, o quál, segundo creio, senhora D. Elvira, não pode deixar de ser o vosso noivo, que por fim sempre chegou e muito a proposito !

Henrique (*aparte*)—Seu noivo !.. Elvira tem um noivo !

Elvira (*aparte com anciedade*)—Que fatalidade! como hei-de affrontar a presença desse homem ?! Meu Deus! meu Deus! que transe cruel !

SCENA 3.ª

Os mesmos, Coelho de Souza, Diogo de Mendonça e Julião.

Coelho de Souza— (*entrando*)— Minha filha, cuido fazer-te uma agradavel surpreza apresentando-te aqui mesmo aquelle a quem resolvi confiar o teu destino; espero que o recebas como o teo futuro esposo, (*para Diogo de Mendonça*)—Senhor cavalleiro, eis aqui a minha querida e unica filha, cuja sorte desejo confiar ao vosso amor: ella é a um tempo a consolação e a ufania de meus velhos dias, a perola que se enlaça em minhas cans. Bem quizera nunca largar de mim essa joia preciosa, nunca desatar esse unico e suave laço que ainda me prende á terra, mas eu sou já um tronco desfolhado e sem sombra que o tufão não tarda a prostrar no chão da morte; e ella precisa de um braço

joven e vigoroso, que a sustente e ampare pelas sendas da vida. E em que mãos mais nobres e leaes poderia eu entregar a sorte de minha filha?

Diogo de Mendonça—(*aparte*) -Oh !.. quanto é formosa! muito me disião da sua belleza, mas ainda não disião tudo (*alto para de Coelho Souza*)—Muito me honraes, senhor Capitão-mór, concedendo-me a mão de vossa adoravel filha, e eu me reputarei o mais feliz dos homens, se ella em seu coração dignar-se approvar a vossa escolha. (*para Elvira*) - E vós, senhora, contae com o profundo respeito e dedicado amor de quem se julga o mais ditoso dos mortaes em obter a mão do mais bello do anjos. Acreditai-me, Senhora, ainda que seja esta a primeira vez que tenho o prazer e a gloria de ver-vos; ver-vos um só instante é quanto basta para amar-vos eternamente.

Elvira—(*com embaraço*)—Muito agradeço vossas cortezes expressões; pois ficae certo... que achareis em mim tambem uma fiel serva, que sempre attenta... e submissa. . ás ordens do meo pae... saberei corresponder-vos...

Coelho de Souza—(*como acudindo ao embaraço de Elvira, com benevolo sorriso.*) - Minha Elvira, a muita emoção te perturba; um e outro tereis mais asadas occasiões de explicar-vos. (*Para Diogo de Mendonça*)—Senhor Diogo de Mendoça, sois um leal e valente cavalheiro; Elvira é formosa, terna e boa, sois dignos um do outro; confiado em vossa boa estrella e na bondade Divina, espero que sereis um par afortunado.

Henrique—(*aparte, com furor concentrado*) - Nunca!

Coelho de Souza—Permitti agora que vos appresente tambem este jovem indiano, que aqui vedes. Não penseis que seja elle da laia dos outros selvagens; nem é um escravo, é sim um nobre e dedicado amigo: esse columim que ahi vedes, salvou a vida de Elvira, e quiçá tambem a minha, em risco de sacrificar a sua, Podeis avaliar que estima e amisade nos merece elle.

Diogo de M.—Oh! muito folgo de o saber; e desde ja mais que muito me interesso por esse leal e valente indiano. Tenho

summa curiosidade de saber dos promênores de tão importante aventura.

Coelho de Souza—De bom grado vo-lo contarei.

Este bello e vigoroso selvagem, quando veio para meu poder, era ainda um columim de 4 a 5 annos. Tinha sido apprehendido em luctas que tiverão os primeiros povoadores das margens do Potengy com os indios Potigoares, que tão terriveis e indomaveis se têm mostrado naquellas paragens, nestas margens do Parahyba, e por toda extensão desta Capitania.

Mandarão-mo de mimo; mimo precioso por certo, e pelo qual eternamente lhes serei agradecido. Baptisado com o nome de Henrique, e educado por mim com todo esmero, mostrou-se sempre docil, tratavel e submisso, e, por sua intelligencia, vivacidade e boas qualidades, tornou-se credor da estima e distincção de todos. De selvagem só tem a cor, a força e a incrivel agilidade.

Henrique—*(aparte)* ... e a sede de vingança!

Coelho de Souza—Quiz Deos que um dia, achando-se já grande e forte, tivesse elle occasião de pagar-me com cem dobros os cuidados, que eu prodigalisara com sua infancia. Um dia (haverá cerca de dous annos) eu e Elvira passeavamos pelos campos visinhos, e Henrique nos seguia, como era de costume, armado de uma faca de matto e de seu arco, que nunca abandonou, apesar de desconhecer em tudo o mais os costumes selvaticos. Elvira travessava alegre e descuidada, e corria aqui e acolá, colhendo flores, como uma borboleta que esvoaçava em torno de mim. Henrique frechava os passarinhos, ou, subindo no tope das mais altas arvores, ia apanhar fructas, ou ninhos de aves, que, alegre, vinha offerecer á Elvira. De subito um tremendo rumor se faz sentir em um mato, juncto ao qual passavamos; parecia que um furioso furacão por elle rugia derribando troncos e despedaçando as arvores. Um touro bravio delle rompe bramando horrivelmente, e, veloz como a flecha do indio, se atirava á Elvira, irritado talvez pela cor vermelha de sua longa mantilha. Todos a um tempo soltámos um grito de horror; uma setta partio do arco de Henrique e

cravando-se nas costas do animal, redobrou-lhe o furor; já não distava senão alguns passos de Elvira; eis entre ella e o bruto surge rapido um vulto; no mesmo instante cahe para um lado o touro, e para outro, Henrique; tinha-se-lhe posto diante, e deixara-lhe a faca cravada sobre a nuca, mas, violentamente abalroado pelo bruto, cahira sem sentidos.

Soccoremos promptamente o nosso dedicado salvador, o qual, graças ao céo e aos nossos cuidados, promptamente recobrou os sentidos e de todo se restabeleceo. (*Estendendo a mão a Henrique*) Vem cá, meu valente e fiel Henrique, chega-te a mim, deixa-me apertar ainda uma vez essa mão generosa e leal; em quanto eu vivo for, hei de commemorar sempre com gratidão e praser este feliz acontecimento, e offerecer-te sempre á admiração e ao respeito dos homens.

Henrique. — Sois demasiado generoso, sr. Capitão mór! (*Aparte*) Com uma das mãos me affaga, com outra me despedaça o coração!

Diogo de Mendonça — (*estendendo a mão a Henrique*) — Nobre e valente indiano, desde já quero que sejas tambem meu amigo. Quem mais doque eu deve te ser grato? do que eu, a quem conservaste a joia peregrina que vae entrançar-se na cadêa de meus dias, o anjo destinado pelo céo a juncar-me de flores os caminhos da vida? A ti, somente a ti devemos, ella a vida, e eu a felicidade. Quero pois, que nunca mais te affastes do nosso lado; continuarás, eu espero, a acompanhar sempre aquella que vae ser a companheira de meus dias, sempre o mesmo, sempre fiel á tua affeição...

Henrique—(*carregando nas palavras com tom sarcastico*) Oh! sempre! sempre! senhor cavalheiro!

Diogo de Mendonça. — Seguir-nos-has por toda a parte em que a fortuna contraria ou favoravel nos conduza; não é assim, Henrique?

Henrique. —(*no mesmo tom*) Sim, senhor Diogo de Mendonça, por toda a parte, eu o juro; seguir-vos-hei, como a sombra segue o corpo.

Diogo de Mendonça — E continuarás a ser sempre a guarda fiel e dedicada de Elvira.

Henrique. — Sempre por ella darei todo o meu sangue. —(*com crescente exaltação*). Senhor cavalheiro ! ai daquelle que tentar roubal-a á minha affeição !... ai delle !

Elvira. — (*assustada*) Henrique !

Diogo de Mendonça. — Basta, denodado indiano ; modera esses assomos de tua nobre dedicação. Ninguem ousará no-la roubar ; seremos juncto della sempre felizes ; e será nosso unico cuidado tornal-a tambem a mais ditosa possivel, tu com tua submissão e lealdade, e eu com o meu terno e extremoso amor !

Coelho de Sousa. — A noite já vem se aproximando ; é tempo de nos retirar : vós, sobretudo, sr Diogo de Mendonça, deveis tractar de procurar algum repouso, pois naturalmente deveis estar fatigado da grande jornada que acabaes de fazer.

Diogo de Mendonça - (*inclinando-se*) Como quizerdes ; estou a vossa disposição.

(*Diogo dá o braço a Elvira, e afastaram-se todos, menos Henrique e Julião que fica como que retirado para um canto, espreitando curiosamente Henrique, sem ser visto por elle*).

SCENA 4.ª

Henrique e Julião

Henrique (*julgando-se só*) Oh ! se vos hei de seguir, Senhor Diogo de Mendonça! ainda o duvidáes? seguir-vos-hei sim, como a onça segue a presa atravéz das florestas; seguir-vos-hei por toda a parte com os olhos da vingança accesos sobre vossos passos. — E quem és tu, que assim ouzaste roubar-me a formosa filha do estrangeiro, a alva pomba, que era o encanto do meo bosque, o enlevo de minha solidão ? Quem ?... Ah! e que me importa ? quem quer que sejas, roubador infame, has-de m'a restituir, bem que te custe a vida. Accautela-te, Diogo de Mendonça ! olha, que nessa senda, em que te precipitas, ebrio de

amor e de orgulho, em vez de flores não encontres senão sangue e lagrimas! Olha tu, brilhante e afortunado cavalheiro, olha que essa terra, que esperas encontrar juncada de flores pelas mãos dessa a quem chamas teu anjo, não se abra de subito debaixo de teos pés para devorar-te (*pausa*). O infame não vê em mim mais que um pagem fiel e submisso!... Insensato, que não sabe distinguir a terna submissão do amante da vil humildade do escravo!... Ignora acaso que circula em minhas veias o sangue do filho da America? que fui amamentado á sombra das florestas com o leite da liberdade? Se o ignora, em breve o saberá. Serei para ti peor, que o selvagem; serei tigre, e noite e dia vagarei rugindo em torno de tua habitação, e não descansarei emquanto não suffocar-te em meos braços, e não cravar-te as garras no coração, e não entornar-te o sangue azul até a ultima gotta!... (*pausa*) Mas .. não é ella que la vae encostada ao seo braço?... inclinada ao peito delle?... Não é elle que ouve o seu respirar? que se embriaga com o som de sua vóz, com o perfume de seu halito, com o toque de sua mão?... E eu aqui preso, eu interdicto, eu collado á terra, como se fora fulminado por um raio! .. (*desembainhando a faca, e atirando-se furioso para o lado, por onde sahiram*) Oh! não! não será assim! espera-me, malvado!...

Julião — (*tomando-lhe o caminho*) Que pretendes fazer, amigo?...

Henrique — Quem és?... Foge do meio do caminho.

Julião - Prudencia, camarada! Sou teo amigo, não te quero fazer mal. Pelo que estou vendo e ouvindo, cahiste na loucura de amar a Snra. D. Elvira, minha nobre e illustre ama?

Henrique — E que te importa, maldicto?...

Julião — Ignoras, acaso, que é ella a esposa do muito nobre e gentil cavalheiro Diogo de Mendonça, e que é impossivel que abaixe seos lindos olhos até nós, pobres e miseraveis selvagens que somos?

Henrique — E tu, miseravel escravo, ignoras acaso, que Elvira me ama, e que desgraçado será aquelle que tentar roubar-me o seu coração?

Julião — Amar-te? ella? (*a parte*) esta não é má! até aqui nestes sertões meo amo vem achar quem lhe tomasse a dianteira no coração da moça! Apre! que pressa de amar, e fiem-se lá nellas! (*alto*) Pois seja como dizes; entretanto, meu amigo, isso não é razão para desprezares os meos conselhos; tenho muita experiencia da vida, e tenho de mais uma vantagem; em minhas veias gira sangue de duas qualidades; tenho o tino e a astucia do selvagem, e a reflexão do homem de alem-mar; tenho dous olhos na cara; este olho é Tapuia; este outro é Imboaba; por isso vejo as cousas muito bem por ambos os seos lados. Dou-te pois um conselho; não te ponhas com essas bravatas a manifestar a tua paixão, que te poens a perder infallivelmente; em todo o caso o melhor é disistir da empresa. Se teimas em querer tomar o passo a meo amo, o menos que te póde acontecer é seres dependurado, e pagar com a vida o teu atrevimento.

Henrique — (*com colera*) Cala-te, miseravel! vae servir teo digno amo a quem, tanto como a ti, despreso.

Julião — Meo amigo, sua alma, sua palma; faze o que entenderes; depois não te arrependas. (*a parte*) Como está insolente! está me parecendo que aqui haverá enforcamento antes de haver casamento. Entretanto, vamo-nos embora, que não me acho muito a meu gosto aqui sosinho com este selvagem. (*Sahe*)

SCENA 5.ª

Henrique só

Henrique — (*com ar pensativo*). Não; ella não póde amal-o; não é crivel, que n'um momento possa banir da memoria tantas e tão doces lembranças, gravadas no coração desd'a infancia. E essas flores que ella apertou ao seio? não foi um protesto? E esse olhar que me lançou ao sahir, e que me disse tanta cousa! não foi um juramento? Não, Elvira, tu não te casarás com elle, eu continuarei a ser o teo unico escravo; tu não consentirás que outrem que não seja o teu Henrique vá colher para ti a flor do manacá, traspassar no bosque a arára

e o tucano ou apanhar o ninho do guará no tope do arvoredo. E ai delle, se ousar roubar o meo thesouro, a branca araponga de meo bosque! Oh! não ousará... Elvira me ama, pois bem! pela terra e pelo céo eu juro, Elvira será minha!

SCENA 6.ª

Henrique e o Pagé

Pagé — (*entrando; com vóz pausada e solemne*). Não vês que entre ti e ella ha um rio de sangue derramado, e um rio de sangue a derramar?

Henrique — (*com sobresalto*) Quem me falla? ah! és tu, Pagé? que me annuncias com tuas tremendas palavras? Que pretendes de mim?

Pagé—Muito! Prepara teu coração para um grande sacrificio.

Henrique — Que dizes, Pagé? A mim um grande sacrificio! Não te comprehendo; explica-te, Pagé!

Pagé — Não aqui.

Henrique — Onde, pois?

Pagé -- Vês aquella montanha negra, que lá se ergue nos confins do horizonte?

Henrique — Sim, vejo.

Pagé — Lá no pé dessa montanha ha uma caverna escura e profunda, onde recolho os ossos de nossos irmãos, que a cobiça e a crueldade dos brancos tem immolado; lá eu solitario guardo os manitós proscriptos de nossas tabas devastadas; lá vivo a conversar com os espiritos da justiça e da vingança.

Henrique— Que pretendes, pois?

Pagé — Por ordem de Tupá, hoje, á meia noite, lá deves te achar.

Henrique — Lá me acharei.

Pagé — Juras?

Henrique — Juro.

Pagé— Lá te aguardo.

FIM DO 1.º ACTO

ACTO 2.º

O JURAMENTO DE SANGUE

O interior de uma caverna, cheia de utensilios e armas pendentes das paredes, ou encostadas pelos cantos : no meio arde um fogo alimentado por alguns tições, que espalhão pela caverna lugubre e frouxa claridade. De um lado a entrada da caverna, de outro a entrada de um compartimento ou sinuosidade da mesma.—PERSONAGENS—*Henrique*, *Pagé*, *Pirajiba*, *Selvagens.*

SCENA I.ª

Henrique só

Henrique, (*penetrando na caverna, e lançando olhar atonito em redor*). E' aqui; é este o sitio sinistro, para o qual me emprasou o velho pagé. Aqui, a taes deshoras, neste medonho recinto que parece o asilo das sombras dos mortos, que pretenderão commigo ? commigo que me hei tornado quasi estranho á meos irmãos da floresta, que já desaprendi os rudes sons da inubia e do maracá, e que não entendo mais a linguagem sagrada dos pagés ? Não sei, mas é certo que meo coração estremece de insolito pavor, e de tudo isto só colhe sinistros presagios ! Parece que aqui vagueão os manitós da vingança, com vóz lugubre, murmurando horriveis conjuros !—Ah ! São bem disgraçados esses meus irmãos das florestas ! São bem crueis esses estrangeiros, que assim os expellem de suas tabas, que os acossão e perseguem de mata em mata, como as feras do deserto !... e são elles culpados por defenderem a terra de seos paes contra a crueldade dos invasores ?... Mas que hão de fazer esses infelizes, se o Deos dos brancos é mais poderoso, que o nosso, se Tupá mesmo parece favorecel-os emprestando-lhes o seo raio ?... Elles têm de

perecer, que o destino é inexhoravel! (*pausa*). E como posso eu gosar tranquillamente, e sem vexames, destes favores, que me concedem os oppressores de minha raça?... Quem seria capaz de um tal prodigio? Quem senão Elvira, que para mim converteo em grinalda de flores os grilhões do captiveiro?!... Mas vejamos o que querem de mim. Pagê, Pagé, onde estás?...

SCENA 2.ª

Henrique e Pagé

Pagé, (*sahindo da sinuosidade da caverna*). Eis-me aqui! ainda bem que foste pontual. Agora prepara teo coração para escutar as tremendas revelações, que te vão ser feitas. Os manitós sagrados te soprem n'alma o espirito da força e da coragem, pois não é a minha vóz, é a voz terrivel dos ministros de Tupá que ora por meos labios vaes escutar.

Henrique — Falla, pagé, que para tudo estou preparado.

Pagè — Escuta pois. Hontem, á esta mesma hora, e neste mesmo lugar, empregando o rito sagrado, eu conjurava os espiritos da noite para que me revellassem os destinos dos Potigoares, e me dissessem se ainda resta alguma esperança aos miseros filhos da floresta: então o manitò da vingança me appareceo entre nuvens de sangue, e me fallou com a vóz da tempestade: — Sus, ô pagé! faze soar teu sagrado maracá entre os abatidos guerreiros de Tupá, sopra entre elles o espirito da coragem, que ainda não está de todo extincta a esperança dos Potigoares. O dia da liberdade e da vingança ainda pode despontar. Só quando se extinguir a raça do velho e valente Pirajiba, então, sómente então, se acabará a nação dos Potigoares: assim o quer Tupà. Pirajiba não tarda a reunir-se a seus illustres avós na região dos espiritos, e ai de vós, se morre sem decendencia!... Pirajiba tinha um filho... — E existirá elle? perguntei-lhe eu. — Procura-o! — responde-me. Assim fallou o manitó da vingança, e desappareceo no meio de um

grande susurro. — Procura-o, me dissera. Mas como? onde achal-o? como reconhecel-o? Pedi aos manitós da sabedoria que me aconselhassem o que cumpria fazer, e elles me responderão: — Vae á taba do chefe dos brancos, procura o columim, que lá vive e dorme descuidado nos braços da mollesa e da indifferença. Elle te revelará tudo. — Obedecendo a vóz dos manitós, corri pressuroso a procurar-te: tu o sabes, eu vou, quando me apráz, á taba do estrangeiro, onde me tolerão e me respeitão em razão de minha grande idade; mas nem por isso deixo de odial-os do fundo d'alma. La fallei comtigo, e para este lugar emprasei-te, ja sabes para que fim; pára tratarmos da liberdade e da vingança!

Henrique — Mas dize-me, pagé, em que te posso ser util em tão arriscada empreza eu, misero columim sem valor, sem experiencia, que desde a infancia abrigo minha obscura existencia á sombra da taba do estrangeiro?

Pagé — Mas a voz do céo te aponta como o unico que pode revelar-nos onde por ventura existe o filho de nosso chefe moribundo. Si não o sabes, facilmente o poderás descobrir; é esta a vontade dos destinos, contra a qual não te poderás rebellar, sem attrahires sobre a tua cabeça o raio da vingança divina. Ouve-me; tú gosas entre os brancos de toda a liberdade, és entre elles querido e affagado, — affagos abominaveis, que deverias repellir como insultos!... mas esse teu valimento entre elles era um designio do céo, talvez formado adrede para nossa salvação. Quem melhor do que tù, pode servir-nos nesta sagrada causa? quem senão tu pode restituir aos miseros Potigoares a esperança da liberdade?

Henrique — Pagé, accaso esperas de mim uma traição?

Pagé — (*abanando a cabeça com ar de descontentamento*).

Pobre indiano! Como o habito do captiveiro aviltou-te o coração e apagou-te os brios! Attende-me: o filho de Pirajiba se acha de certo gemendo na taba da escravidão, em poder de nossos algozes; é preciso descobrir o asilo em que o escondem; cumpre a todo transe deparar com o filho do velho e valente cacique: e quem melhor do que tú poderá fazel-o?

Em tua mão está a sorte dos Potigoares ; os manitós assim o declarão. A ti, ó mui ditoso columim, a ti estava reservado pelo destino a bella gloria de salvar tua tribu inteira das garras da ignominia e da escravidão !

Henrique — Velho pagé, de certo os maos espiritos que vagão de noite na floresta, te lançarão nuvens no pensamento, e por isso não vês quanto é impossivel o que de mim exiges. E' bem verdade que as minhas acções são livres em casa do chefe dos brancos, e que o favor de que goso me põe em uma situação favoravel para descobrir o vosso jovem chefe. Mas como hei-de procurar quem nunca vi? como achar quem não conheço ?

Pagé — Bem te comprehendo, desditoso columim, que trocaste o arco e o tacapé do filho das selvas pela enchada do captivo, que deixaste de bom grado o cocar da liberdade pelas roupas da escravidão ; bem te comprehendo ! A filha do estrangeiro fascinou-te com seu olhar maldito, adormeceu-te com o veneno de seos labios, e tu vendeste a taba e os manitós, a terra que te alimenta, a floresta que te abriga, a doce liberdade, o prazer da vingança, tudo, tudo vendeste a troco de um sorriso, de um olhar dessa mulher !

Henrique — De quem fallas, pagé ? fallas de Elvira ? oh! não profiras esse nome, se quizeres que te escute; elle me enturva o pensamento, e me faz ferver o coração. Ainda echoão em meos ouvidos as ultimas palavras que me disse; que palavras, pagé !... fosse eu rei, que de bom grado dera a minha corôa só para ouvir dos labios della essas palavras que derão vida a este coração, gangrenado de raiva e de desespero. Pagé, quando me fallaste, meu coração nadava em fel; nesse momento, um cavalheiro, que vinha não sei donde, um demonio talvez,vomitado do inferno para me atormentar, acabava de roubarme Elvira no momento em que com sua voz adoravel embalavame no seio da mais doce felicidade: e seu pae, seu proprio pae, a entregava em minha presença ao maldito forasteiro ! ! ! E com que direito dispunha elle assim dessa vida, que era a minha, desse coração que me pertecia?! Fiquei fulminado, e como

que não accreditava no que meos olhos vião, no que ouvião meus ouvidos. Apenas sahiste Pagé, corri a procural-a; queria ouvir minha sentença de seos proprios labios, beber por elles a ultima gota de desespero e cahir morto a seos pés. Ella viu minha angustia, e antes que eu lhe fallasse, disse-me estas palavras, que para sempre ficarão gravadas no fundo de minha alma: – Nada temas, Henrique! eu nunca serei esposa desse homem: nunca trahirei o nosso amor; eu o juro por estas flores queridas que ainda ha pouco me deste.

Pagé — E por ventura aqui foste chamado pela voz do céo para contar-nos os teus miseraveis amores, ou para erguer comnosco o brado de vingança?.... Ah! misero escravo, será possivel que estejas tão contente com teus ferros, que não oiças os ais de teus irmãos que gemem a teu lado?... Por estas selvas tu os verás dispersos, tristes e foragidos, vomitando maldições contra os tiranos, e procurando mal seguro asilo nas cavernas, e na escuridão das brenhas; por esses valles, que já ouvirão nossas alegres cantigas, e o festivo ruido das dansas sagradas, hoje só echoão gritos de maldição e gemidos de desespero. O velho Pirajiba, o terror dos brancos, o rei das selvas, sem tribu, sem mulher, sem filhos, se arrasta a custo atravez das florestas, e mal acha onde abrigar sua velhice contra a furia dos algozes. (*Pausa, ouve se um sussurro como de um pegão rugindo pelas selvas*) Tu não ouves este vento lugubre ululando nos arvoredos?... este bramido rouco das torrentes?... estes surdos gemidos que nos vêm entre as lufadas do furacão?... São as queixas de nossos companheiros mortos; são os seos manes que estão pedindo vingança!—O' Tupá, porque permittes que taes monstros pisem na terra dos que ti adorão? porque não fazes chover sobre elles os teos raios, e desabar estas montanhas sobre suas cabeças malditas?! Eia columim, é tempo de correr ás armas, recobra os teus adormecidos brios, empunha o arco e o tacape dos combates, e vae annunciar a teos irmãos de infortunio que não tardará a raiar o dia da vingança. Que! recusarás ainda a obedecer a voz do céo, que te clama—vingança e liberdade!...

Henrique (*com voz triste e solemne*) Não me interrogues, Pagé, que não saberei responder-te.

Pagé—Covarde!

Henrique—Covarde! nunca, Pagé; nunca meo coração soube o que é medo, e ai daquelle cujo tocape se cruzar com o meu; ai do guerreiro que minha flecha escolher por alvo no campo de combate! sou sim um filho do infortunio, que não pertenço a nação alguma, que não conheço sobre a terra nem pae, nem irmão, nem familia. Ide vós outros, reuni-vos, correi ás armas, procurai o vosso chefe, cumpri as ordens do céo, correi ao campo da carnagem, conquistae a liberdade ou morrei por ella. Quanto a mim, o destino me tolhe os braços, e não permitte que me associe a vossa generosa empresa; uma religião em que me educarão des da infancia, que os filhos da floresta desgraçadamente desconhecem, religião de paz e de amor, que não de sangue e vingança, ensina-me a não apunhalar o seio que me abriga, a não ferir o coração que por mim palpita.

Pagé — Oh! manitós, porque não abris o seio da terra para tragar o maldito que vos insulta, o vil renegado, cujos labios só destilão a peçonha da covardia e do opprobio?! Ouve a maldição, com que Tupá por meos labios te fulmina: maldito serás tú, e despresado entre os vivos, e maldita será por todas as gerações a memoria do vil que foi a vergonha e a affronta da raça dos Potigoares!

Henrique — (*com exaltação*) Embora!... todas as maldições juntas do céo e da terra não me farião verter o sangue de meos bemfeitores, nem levantar mão sacrilega contra aquella que é a minha vida, a minha liberdade, meu unico thesouro; contra aquella que....

Pagé — Basta, sacrilego! não profanes mais este sagrado recinto com teo fallar insensato. Vae, apressa-te em beijar a mão do algoz que te azorraga! Um dia talvez os ferros te doerão, e em vão suspirarás por essa liberdade que ora despresas! Será tarde; em vez della só encontrarás a ignominia e a morte vil do escravo!...

Vae-te ; o raio da ira celeste te fulmine a cabeça maldita ! *(Pausa)*: *Ruge o vento, e ronca um trovão ao longe; immediatamente uns gemidos confusos se fazem ouvir fóra da caverna)* Espera !... que sons lugubres são estes ? oiço gemidos na floresta !... não ouves ? são os manitós do bosque, que gemem de horror e de vergonha sobre a deshonra e opprobio dos Potigoares ! foge ; são elles que te amaldiçoão !

(Entra Pirajiba, velho indio) fraco e moribundo, amparado de ambos os lados por dous indios e seguido por outros muitos.

SCENA 6.ª

Os mesmos, Pirajiba e Selvagens

Pagé — *(com assombro)*, Quem é que a taes deshoras procura a caverna solitaria do Pagé !. . ah ! és tu, Pirajiba ? és tu o rei das selvas, o terror dos estrangeiros ?... Oh ! quão abatido e alquebrado hoje te vejo ! quão diverso d'aquelle valente e robusto Pirajiba de outrora !

Pirajiba — *(com voz sumida e lugubre)* Pagé, minha existencia toca a seus ultimos momentos; mas antes de morrer, arrastando-me a custo pelas mattas, quiz falar comtigo, que entendes a linguaguem dos céos, que conversas com os espiritos das nuvens. Dize-nos, Pagé, que sorte aguarda os filhos da floresta ? por ventura as iras de Anhangá não estão ainda satisfeitas ? podem meus manes descer consolados á habitação das sombras, ou os gemidos dos meus virão turbar ainda a paz do meu jazigo ?...

Pagé — Chefe dos bravos, ó forte, ó invencivel Pirajiba, consola-te que, segundo a voz dos sagrados manitós, ainda não é morta a esperança dos Potigoares: o sangue do estrangeiro, correndo sobre o teu sepulchro, aplacará teus manes irritados. Mas o espirito da vingança, que me falou entre nuvens, traçou os acontecimentos do futuro por entre as nevoas da incerteza. Nosso destino está ligado á tua geração, como o cipó se liga e se agarra aos galhos do tronco-rei da floresta. Em tua

decendencia está toda a nos a esperança: assim o declara Tupá pela voz de seus manitós. Si morres sem filhos, ai de nós! a tua será tambem a nossa hora derradeira. Mas eis te aqui, velho e infeliz cacique, fraco e alquebrado pelos annos, sem tribu e sem familia, e prestes a exhalar o derradeiro alento; eis aqui me appareces como phantasma de condemnação para os miseros proscriptos!... Mas que digo?... por ventura não ouvi eu a voz de Tupá, troando entre o fragor da tempestade, bradando-me: Sus, ó pagé! ergue-te, que é chegado o dia da vingança!?.... Respeitemos essa voz celeste e esperemos com fé o cumprimento de suas promessas.

Pirajiba — Sim, Pagé; os manitós da sabedoria de certo te inspirarão.— Escuta-me: um dia (era isto bem longe destes logares) um dia amei Jeana, formosa filha do valente caçador Jurutinga. Jeanna deu-me um filho e uma filha, ambos lindos, como duas palmeiras novas, que balanção no penacho ao primeiro sopro da brisa da manhã. Elles erão a ufania e as delicias do meu coração. Mas em breve foi forçoso pleitear aos estrangeiros com as armas na mão, a posse da terra de nossos pais; em vão minha setta voou como o raio de Tupá ao coração do inimigo; em vão meu tacape cahiu pesado como o tronco da peroba em cima de suas cohortes; meu braço cançou de matar sem proveito porque erão muitos: cahi em poder delles; eu, Jeanna, e meus filhos fomos para a taba da escravidão. Soffri! soffri o que em muitos soes não poderia contar a lingua do homem. Um dia minha filha, em meio de seus brincos, feriu por accaso de leve o filho do chefe dos brancos: infeliz creança! bem caro teve de pagar esse descuido da meninice! Oh! que ainda me ferve em raiva o coração ao lembrar tanta atrocidade!... ei-la que vai ser cruelmente açoitada!...Eu me achava longe, occupado nos vis trabalhos da escravidão; mas Jeanna que tudo via, Jeanna arroja-se furiosa como a onça sobre os mizeraveis algozes; alguns de nossos irmãos, que lá se achavão, tomão parte na lucta, em favor da infeliz mãe; um terrivel motim se arma; a terra se ensopou de sangue! Jeanna e muitos dos nossos horrivelmente massacrados, ficarão estendidos na terra!

Oh ! Jeanna ! oh companheira de minha alma, unico amor de minha vida! sobre teu sangue ainda fumegante eu jurei vingar-te; embalde! té hoje teus manes vagão na região das sombras, esperando o dia da vingança ! Oh! Tupá, onde está tua justiça?...

Pagé — Não dessespere da justiça de Tupá ! a vingança que tarda é mais segura, e mais terrivel.

Pirajiba — Sim, que este tremendo juramento será transmittido de filho a filho até a minha ultima geração: e ai do que ousar quebral-o ! ai do que poupar o sangue do estrangeiro, do homem ou da mulher, do velho ou da creança!... morra como um vil, seu nome seja maldito, e seu corpo sirva de banquete aos cães ! (*pausa*) Minha filha não sobreviveu muito tempo á sua infeliz mãe... não pôde resistir por mais tempo aos tormentos e rigores do captiveiro. Depois de tamanha desgraça, se me tornou mais que insupportavel o ar da escravidão: tentei a todo transe quebrar os meus ferros; consegui-o, mais ai de mim, que commigo tambem não pude salvar meu filho, por mais esforços que fizesse ! Em vão vaguei noites e dias inteiros em torno da taba dos oppressores, vendo se podia salval-o de suas garras; em vão, reunindo alguns bravos que encontrei nas florestas, dei sobre elles como o jaguar furioso, derramando o susto e a morte; tudo foi em vão ! até que soube por fim que o tinhão mandado para longes terras, mas nunca soube para onde; nunca até hoje, bem que tenha gasto o resto de minha vida em inuteis esforços para descobril-o ! — Mas elle existe, a vóz de Tupá o declara; procura-o, pagé; o céo t'o ordena; e quando apparecer, entrega-lhe essas armas, (*aponta para um selvagem que, conduz as suas armas*) são a herança que lhe deixo: um legado de sangue e de vingança.

Pagé—(*para o indio, que conduz as armas*) Guerreiro de Tupá, deposita ahi essas armas gloriosas, essa herança, sagrado penhor de nossa liberdade ! (*O indio pendura as armas na parede da caverna*) Possão ellas prostrar ainda tantos inimigos no campo da batalha quantas folhas cahem na floresta ao roçar do furacão!... Mas disc-nos, ó valente chefe dos Potigoares, como havemos de achar teo filho ? como reconhecer o nosso salvador›

se nunca o vimos, se elle mesmo talvez não se conheça a si proprio ?..

Pirajiba—Se existe deve estar bello e grande como o gequitibá, agil e robusto como o jaguar. Conhecel-o-has por um signal que tem sobre o coração; eu mesmo o gravei na sua pelle ainda tenra com a ponta de uma flecha embebida na tinta do urucum; - duas flechas crusadas sobre um tacape ! Nós o chamamos jurupema.

Henrique—(*com espanto*) Que oiço! oh ! meo Deus! duas flechas crusadas sobre um tacape!... Serei acaso o filho de Pirajiba ?!

Pagé—(*com surpresa*) Que acabas de dizer! tens acaso em ti o signal, de que elle falla ?...

Henrique—Como ? Oh ! não! não é possivel!

Pagé—Vejamos (*accende ao fogo um archote de resina e chegando-se para Henrique observa-lhe o peito*) E' elle ! (*Recúa attonito, deixa cahir o archote, e ajoelha-se*) Graças, graças, Tupá, é salva a tribu dos Potigoares!

Pirajiba (*avnçando para Henrique com passos tremulos e vascilantes, e com os braços estendidos.*) Jurupema! és tú ? meo filho ? Graças a ti, Tupá, que reservaste esta gota de suave mel para o vaso da minha morte!... Pagé, dae-me essas armas: quero eu mesmo com estas proprias mãos entregal-as. (*Da-lhe as armas*) Toma, meo filho: recebe das mãos de teu pae esta herança tremenda. Eu morro; mas meo espirito passa para ti com este legado que te deixo. Vinga a tua nação humilhada e perseguida, vinga o sangue de tua mãe e de tua irmã.

Henrique—Meo pae! (*aparte*) em que terrivel situação vim conhecer que tenho um pae! (*alto*) Meo pae, perdoa-me, que irão fazer essas illustres armas em minhas fracas mãos ? eu sou um desgraçado, que não saberei senão deslustrar a sua gloria. O' meo pae, ó pagé, ó guerreiros que me ouvis, perdoai-me; um fatal destino me prende os braços; eu não posso, eu não devo acceitar esse glorioso legado: eu sou o menos proprio de vós todos para conduzir-vos ao combate e á vingança ! O' manitós da vingança, para mim inexoraveis, se é possivel, fasei passar á

outrem essas armas fataes, que minhas fracas mãos não são dignas de empunhar ! (*Ronca um trovão, os ventos rugem pela floresta*).

Pagè—Que oiço, ó manitós ! não é a vóz dos genios, que amaldiçôão a cobardia do filho de Pirajiba ? Desgraçado ! tu ousas regeitar as armas paternas ? . tu renuncias a essa gloriosa herança ? Treme, malaventurado columim, tu não ouves o céo indignado troar-te maldições na vóz de Tupaçununga ?

Pirajiba—Felizes, mil vezes felizes aquelles que morrerão entre as garras do inimigo, entoando pocemas de maldição! felizes mesmo os que expiravão ás mãos do estrangeiro entre os horrores e torturas do captiveiro !... Mas eu, desgraçado pae, vivi largos annos para morrer entre as garras do desespero, e é meu proprio filho quem me enterra no coração a ultima setta da dor ! Filho ingrato, que só me appareces no termo da vida para amargurar meos ultimos momentos, vae-te, foge ! assim meos olhos nunca mais te houvessem visto !

Henrique—O' meo pae, ó terrivel Pirajiba, escuta teo filho...

Pirajiba—Não; tu não és meo filho !

Henrique—(*com angustia*) Meo pae !

Pirajiba—Não sou teo pae. (*para um dos selvagens*) Vem tú, fiel e valente Sucuriba; vem, eu te adopto por filho; recebe as minhas armas.

Que importa o sangue ? vê como corre degenerado o sangue de Pirajiba nas veias deste vil ! Filho é o que o coração escolhe, e não o que gera a cega natureza. Tù és o filho de minha alma, eu te lego estas armas; tu guiarás os guerreiros ao combate, tu vingarás os Potigoares. A vontade do céo será cumprida.

Pagé—Ah ! misero cacique, a dor te cega ! em vão procuras illudir a lei do destino : a vontade de Tupá é clara. Não podem essas armas cahir em mãos estranhas, por briosas e valentes que sejão. Teo filho as recusa, ai-de ti ! ai delle ! ai dos Pitagoares ! (*Os trovões e a tempestade rugem com mais furor*).

Henrique—(*cheio de emoção e de terror, aparte*) Oh ! meo Deos! meo Deos ! !que horror !.. cruel fatalidade, eu me entrego em tuas mãos (*para Pirajiba*) Meo pae !..

Pirajiba (*com vóz extinta, quebrada.*) Se queres que te dê ainda o nome de filho, que aqui da beira do sepulchro não te volva... um olhar de maldição, jura... pelo sangue de tua mãe... jura vingança e morte contra os barbaros algozes... sem poupar nem um só... nem o guerreiro do campo do combate... nem a creança adormecida no berço,... nem o velho curvado pelos annos, nem a donzella mimosa...

Henrique—Ah!... meo pae!... que horror!

Pirajiba—Tu te horrorisas, covarde!? horrorisavão-se elles quando estrangularão tua infeliz mãe?... horrizarão se quando fizerão... expirar entre tormentos tua pobre irmã?... ah! a nevoa da morte.. ja se derrama ante meos olhos... Jurupema, Jurupema!!.. onde estás? (*Henrique se approxima*) tem compaixão de teo pae que morre,... de teus irmãos que soffrem .. eu morro com a desesperação na alma... porque não sou eu só,.. que caio na sepultura,... é minha tribu inteira,... que tu, fraco e indigno filho,... te obstinas em condemnar á ignominia,... ao captiveiro! .. Eu morro, e não deixo .. por legado sobre a terra senão o opprobio,... e a escravidão para minha tribu... e a maldição para meo filho!...

Henrique - (*cahindo aos pés de Pirajiba*) Meo pae! meo pae! eis-me a teus pés. Falla, ordena: que exiges de mim!

Pirajiba—Jura

Henrique—Eu juro!

Pirajiba—Pelo sangue de tua mãe!...

Henrique—Pelo sangue de minha mãe! Pirajiba—(*dando á vós agonisante a força do desespero*) Odio eterno... vingança... morte... morte... aos Imboabas! (*Cáe nos braços dos indios, que o rodeião.*)

Todos—Morte! morte aos Imboabas!

Henrique—Está morto! (*com angustia*) oh! desgraçado! desgraçado de mim!

FIM DO ACTO SEGUNDO

ACTO 3.º

O PERJURIO

O mesmo sitio do acto 1.º — Personagens — Coelho de Sousa, Diogo de Mendonça, Henrique, Elvira, Pagé, Julião, cavalheiros e soldados portuguezes. Durante as duas primeiras scenas grupos de soldados passão por intervallos irregulares pelo fundo, para indicar a agitação e preparativos em que se acha a colonia).

Scena 1.ª

Cavalheiros portuguezes e Julião

1.º Cavalheiro.—Sem duvida grande novidade temos por aqui, que o Senhor Capitão-mór nos manda convocar com tanta prestesa. Só para assistir as bodas de sua filha não era preciso tanta asáfama: aprê! foi-me preciso deitar a galope umas 6 ou 7 legoas, que tanto dista do forte do Cabedelo a estas paragens! Para bodas nunca faria eu isso, nem que eu fosse o noivo.

2.º Cav.—Quaes bodas, homem! as bodas que vamos ter é uma formidavel refrega com o gentio; esses perros parece que jurarão de não deixar as nossas espadas crearem ferrugem, mas a fé de bom portuguez, que me não hei de sair mal na cassada; todos, em que eu puder passar a mão, hei de trasel-os vivos ao Senhor capitão-mór; aos mais velhacos, o mais seguro, é inforcal-os, e engordar com sua carne os peixes do Parahyba; aos mais, fasel-os trocar o arco e a flecha pela enchada e machado; e trabalho e rigor com elles.

1.º Cav.—E é talvêz esse rigor, esse exterminio, e perseguição, a que os condemnamos, que os tornam cada vez mais indo-

maveis, mais desconfiados, e ferozes, e que provocam suas continuas e fataes revoltas: não é assim que utilisaremos o seu trabalho: seria talvez mais conforme aos nossos intereses chamal-os a nós por meios pacificos, il-os pouco a pouco alliciando para o gremio da sociedade e da religião; quantos, e quão importantes serviços não deveriamos assim esperar dessas tribus errantes que, entretanto, só servem para nos perturbar, e oppor insuperaveis tropeços ás nossas tentativas de colomnisação nestas paragens!

2.° Cav.°—Não espereis nunca esses serviços; elles são indoceis, preguiçosos, e indolentes por naturesa: para elles não pode haver meio termo; ou hão de viver no mato, como as feras, ou se quizermos tel-os em casa, havemos de trazel-os rigorosamente amarrados ao cepo do captiveiro.

1.° Cav.°—Não admira que assim penseis: estamos muito avesados ao rigor do despotismo: tambem o governo da metropole não se faz sentir sobre nós nestas paragens senão por seos vexames, extorções e violencias, e rara vez pelos recursos e auxilios, de qne tanto precisamos; e desgraçadamente é bem certo que o escravo, quando se torna senhor, é o peior dos algozes.

2.° Cav.—Que dizeis, senhor?

1.° Cav.—Nada: não vos quero offender; é uma carapuça que nos serve a todos. Somos demasiadamente crueis em nosso modo de tratar os naturaes deste paiz; quem sabe que povo generoso e forte surgiria dessa raça proscripta e perseguida, se em vez de algemas lhe estendessemos mão amiga e protectora, se em vez de guerra e exterminio lhe offerecessemos alliança e amisade?... Infelizes!... têm de perecer! a aurora da liberdade tem de raiar talvez um dia sobre estes paizes; mas tarde para elles! já nem seos ossos encontrará!

Julião—(*Intervindo na conversação*) E' verdade, meo nobre senhor; tem toda a razão; mas agora não é occasião; e coitado daquelle, que la for estender-lhes a mão! ficará no mesmo

instante crivado de flechas, e mais eriçado que um ouriço caxeiro. Cuidado com elles, meos senhores! é preciso estar de alcatéa; eu sei o que são bugres; coitado daquelle que lhes cahir nas mãos.

3.° Cav.—Que fazem elles então, mameluco?

Julião.—O que fazem ?!... pegão no pobre prisioneiro, prendem-no a uma arvore pela cintura com grossas cordas, como o martir S. Sebastião; atão-lhe bem os pés e mãos, e quando estão de pachorra, e que não querem despachal-o com um bom golpe de tacape na cabeça, depois de lhe darem muita bofetada, muita bordoada, depois de lhe atirarem pela cara muita lama, muito borralho fervendo, accendem-lhe fogueiras em róda, e bem pertinho, e ali o vão assando vivosinho, de maneira que o coitado quando solta o ultimo suspiro está assadinho e prompto para ir para o papo...

4.° Cav.—Oh! pois nós cá não lhe daremos as honras de sepultal-os em nossos estomagos: aquelles que nos cahirem nas mãos que se contentem em ir para o papo dos cães, ou dos urubús.

3.° Cav.—Então, nada mais, mameluco? si é só isso que tens a contar-nos estás ainda muito atrasado.

Julião—Atrasado! pois saibão que, com ter chegado aqui ainda ante hontem com meo nobre amo, já estou mais adiantado que vmces. todos; e saibão mais, que se não fosse eu, morrerião todos sem saber como, ás mãos dos gentios, e tão depressa que nem a alma se lhes approveitava. Vi cousas esta noite! coisas de arrepiar os cabellos ao mais valente!

4.° Cav.—Ah! foste tu, que farejaste e descobriste a conspiração do indio? Não duvido; estes marabás são velhacos e finos como as cobras. Que viste então? conta-nos issso. (*Todos os cavalheiros se ajuntão em redor de Julião para escutal-o*).

Julião.— Hontem, querendo eu reconhecer o terreno desta feitoria, pois sou abelhudo e curioso como o demonio, sahi a cassar e a pescar por estes arredores. Quando passava lá pelas beiradas daquella serra, ouvi uma gritaria estranha e lugu-

bre, que vinha da floresta; querendo saber o que era, encaminho-me para lá, não sem algum receio. Já ia anoitecendo quando entrei na mata apesar do medo, que de instante a instante ia crescendo com as trevas. Apenas tinha penetrado alguns passos, quando avistei atravéz dos troncos e dos ramos o clarão de muitas fogueiras ; por cautela, velóz e lesto como um saguim, trepei nas arvores, saltando de ramo em ramo, fui me approximando, até que cheguei a ponto de ver tudo. Vi uma multidão de indios em roda das fogueras, cada qual com cara mais feia e mais sinistra ; parecia uma legião de lobis-homens e feticeiros. No meio delles estava, no chão, um camucim, e nelle estendido o cadaver de um velho guerreiro, grande como um jiquitibá derribado no meio da floresta e juncto a elle um indio moço, em pé, de braços cruzados, em uma postura triste e acabrunhada. De vez em quando os indios dançavão em roda do caião, dando vivas lamentosos e sacudindo archotes accesos que trazião nas mãos· Depois o moço, ajoelhando-se, curvou-se sobre o cadaver, poz as mãos sobre elle, levantou-as ao céo, fez não sei mais que pantomimas, e fallou aos indios couzas que eu não pude ouvir. Uma horrivel gritaria acolheo suas palavras, e não se ouvio mais pelas florestas senão o grito de — morrão os Imboabas ! viva o filho de Piragiba !...

1.º Portuguez — Piragiba ! ah ! é esse indio terrivel, cujo nome foi o terror de toda esta Capitania ? !...

Julião — De certo era elle o morto , e o indio moço, que se achava junto ao camucim, era seo filho. Adivinha la agora quem me pareceo ser elle ?

1.º Portuguez — Quem era ? conta-nos·

Julião — Era Henrique ; não o conheceis ? esse servo mimoso do Senhor Capitão mór e que entretanto...

1.º Cav. — Henrique !... será possivel ? !

Julião — Velo-heis em breve.

SCENA 2.ª

Os mesmos, Coelho de Souza e Diogo de Mendonça

C. de Souza. — (*entrando com Diogo de Mendonça, e cumprimentando os cavalheiros*) Illustres e leaes cavalheiros, a nossa commum segurança e salvação reclamão hoje os vossos serviços e nunca desmentida dedicação. Manifestos signaes de levantamento dos Indios se declarão em torno de nós; suas pegadas se multiplicão pelos caminhos, as cabildas se acardumão, e atravessão as florestas em varios sentidos. Poderião esses movimentos ser tomados como simples emigração dessas tribus errantes, se por um favor da Providencia não tivessemos descoberto os seus planos ; sua audacia tem chegado a ponto de virem conspirar contra nós mesmo na vizinhança de nossos engenhos, quasi ao alcance de nossos tiros. Cumpre prevenir seus movimentos, dar sobre elles de improvizo antes que se reforcem, e descarregar sobre os revoltosos um terrivel castigo, que de uma vez para sempre lhes sirva de escarmento. Os annos e os encommodos bem a meo pensar me tolhem de partilhar comvosco os mesmos perigos e glorias ; mas o Senhor Diogo de Mendonça, que aqui vedes, esforçado e illustre cavalheiro em quem deposito a maior confiança, melhor que eu vos saberá guiar na aspera lide, em que vos ides empenhar. Lembrae-vos que combateis contra hordas ferozes em prol da causa de Deos e da civilização ; lembrae-vos do nosso velho e bom Portugal, para cujo engrandecimento pelejaes e que de longe contempla os vossos serviços, e de El-rei, que saberá generosamente galardoal-os.

1.º Cav. — Podereis ficar descançado, Senhor Cap.^m^ mór, e deixar a nós outros o cuidado de castigar esssa hordas que nos inquietão. A muito estamos avesados a combater essa especie de inimigos que só sabe assassinar e não pelejar ; já muito lhe conhecemos a tatica e as manhas: a emboscada e a sorpreza são seu unico recurso ; mas desta vez que somos

nós que os vamos colher desapercebidos, não poderão fazer face as nossas descargas, ainda que sejão numerosos como as arêas do mar.

Diogo de Mendonça—Assim o creio tambem, e, confiado em vossa experiencia e bravura, conto que daremos a esta empreza feliz e gloriozo acabamento. Mas cumpre-nos desfeixar o primeiro golpe com firmeza e segurança, e portanto, meos valentes camaradas, não percamos tempo, ide tractar de por os vossos guerreiro em pé de investir immediatamente contra o inimigo,e dar hoje mesmo sobre a guarida oculta, onde, julgandose muito seguros, se achão concertando seus planos de roubo e de matança. Ide-vos e ficae promptos e apercebidos, que em breve estarei com vosco. (*sahem os cavalheiros.*)

Julião — (*aparte*) Quem sabe quantos destes que aqui vão bem frescos, não estarão amanhã no papo do gentio !

Scena 3.ª

Os mesmos, menos os cavalheiros

C. de Sousa. — (*sentando-se*) Rude e escabrosa é, Senhor Diogo de Mendonça, a vida do homem que vem se estabelecer nestas longinquas e incultas paragens ! Atravessar o Atlantico, expondo-se á desastrosos naufragios, para aportar nestas praias inhospitas, penetrar por sertões invios e desconhecidos, exposto a cada instante a ser assaltado por uma fera, uma serpente, ou por um bando de barbaros, arrostar rudes e continuas fadigas já para debellar essas hordas, já luctando contra a agreste e bronca natureza de um solo virgem, para nelle lançar a primeira semente de uma civilisação, cujos fructos, só tarde mui tarde, virão a colher os nossos descendentes,— é preciso muita coragem, muita dedicação ! Apenas tendes acabado de subjugar uma dessas cabildas, e vós vos julgaes de posse tranquilla do territorio, eis nova insurreição vos bate a porta e vos vem bradar :—Alerta !

Em vão tenho nelles feito os mais terriveis e exemplares castigos ; nada os desalenta : será talvez mister matar até o ultimo dessa raça maldita, para respirarmos tranquillos. Cabe essa tarefa a outrem, que não a mim, que ao peso mais dos trabalhos que dos annos já me sinto alquebrado e abatido.

Diogo de Mendonça—Não nos pode inspirar serios receios esse ajuntamento de indios que com algumas descargas se dispersará; e o resultado será termos mais alguns escravos, de que tantoprecisamos para empregar nos trabalhos de nossos estabelecimentos. Assim não fosse essa sublevação acompanhada de tristes circumstancias, que eu bem quisera occultar-vos, pois temo que bastante vos afflijam.

C. de Sousa.—(*com impaciencia*)—Dizei-me tudo ; corre-vos o dever de tudo declarar-me, embora com isso me devais affligir.

Diogo de Mendonça --Tendes visto de ante-hontem para cá o vosso muito presado e leal servidor, ou antes o vosso incomparavel amigo Henrique ?

Coelho de Souza— Não; e nem me é isso estranho, é seu costum evagar pelas matas, para o que tem plena liberdade, e bem que seja bastantemente civilisado, ainda se afleiçôa algum tanto aos habitos de sua raça.

D. de Mendonça. — E nunca concebestes receios de que elle se ligue com os seus irmãos da floresta para nos atraiçoar ?

C. de Sousa. — Nunca ! oh ! nem pensar nisso ! não posso comprehender á que alvo se-atirão semelhantes perguntas.

D. de Mendonça. — Perdoae-me, queria com ella encaminhar o vosso espirito para vos não fazer de chofre revelações, que sei, irão ferir-vos dolorosamente o coração. Sabei pois, que esse fiel Henrique, esse inestimavel amigo, é um traidor !

C de Souza. — (*com espanto*) Henrique um traidor !... que me dizeis, Senhor Diogo de Mendonça ?!...

D. de Mendonça. — A verdade, Senhor Capitão-Mór ! Elle é o author, e elle é o chefe da conjuração dos selvagens.

C. de Souza. — Vós o dizeis, tanto basta para acredital-o. Mas por ventura não pode haver engano de vossa parte ? Que provas tendes do que dizeis ?

D. de Mendonça. — A prova... em breve os acontecimentos vola darão a mais completa possivel. Mas ah ! ainda não vos disse tudo ; sabei mais que esse insolente selvagem tem a audacia de amar vossa filha...

C. de Souza.— (*com surpresa e indignação*) Que! Henrique amar Elvira ?! Henrique ! ! Henrique mesmo ?

D. de Mendonça.—Sim, Henrique mesmo, e para franquear a barreira invencivel que o separa della, trata agora de sublevar os selvagens, e vem talvez pedir-vo-la com as armas na mão

C. de Souza.—(*com angustia*) Justo Deos! é possivel que naquelle coração tão jovem caiba tamanha deslealdade ? . E eu que incauto acolhi e affaguei em meu seio a vibora para me ella morder tão cruelmente o coração ! .. (*Com raiva*). Morra de mil mortes o vil traidor, que ousou profanar com seus olhos o thesouro querido de minha alma : risquem-se para sempre da memoria os seus serviços, que ficarão para sempre apagados sob essa hedionda nodoa que os cobre !

D. de Mendonça—Foi para profanal-a com seo amor maldito, que esse miseravel conservou os dias de Elvira ! e em troco da vida, que lhe salvou, pede-lhe o coração, a honra !...

Ainda bem que aqui chego a tempo para salval-a da infamia... para sustel a com meu braço em sua desamparada queda !

C. de Sousa—(*com agitação*) Senhor Diogo de Mendonça, demos caça quanto antes a essas hordas malditas, a guerra, a perseguição, o ferro e o fogo sigão-lhes no encalce ; não lhes deis quartel, nem poupeis a nenhum ; o melhor delles é isso, que estáes vendo. Não contente de derramar o incendio, o roubo, e a matança, insinuão-se, astutos como a serpente, no recinto de nossos lares, para trazer ao seio de nossas familias o veneno da deshonra... Adeos, Senhor Diogo de Mendonça !

vossas revelações me acabrunharão ; sinto-me muito agitado; hei mister de repouso.

D. de Mendonça—Permitti que vos acompanhe....

C. de Sousa - Não ; não é preciso ;... cumpre-vos antes de tudo punir o malvado (*sahe*).

SCENA 4.ª

Diogo de Mendonça e Julião, que se conserva em respeitosa distancia

Diogo de Mendonça — Pobre pae! ainda não sabe senão metade do seo infortunio e já tanto se afflige! Que diria se soubesse que Elvira com seo vergonhoso procedimento lhe macula o nome, e lhe deshonra as cans?... se soubesse que sua treslocada filha prostitue seos sorrisos a esse misero selvagem? Não quiz dizer-lhe tudo; não ousei descarregar sobre seo cocoração de uma só vez todas essas torturas: poupemos o coração de um infeliz pae, se bem que em breve força lhe será saber de tudo. (*pausa*) E quem sabe será possivel que a bella e nobre filha de Coelho de Sousa a tal ponto olvide o seo nascimento, e menospreze sua honra?...

Por mais que me digão, meo coração se recusa a acredital o!... Vem cá, meo fiel Julião, dize-me, é bem verdade que ella o ama? quem sabe que desta vez trahio-te a tua demasiada penetração?...

Julião — Já não é a primeira vez, e creio não será a ultima que meu nobre amo me faz essa pergunta. Ja disse a meu amo que foi o proprio Henrique que m'o asseverou! elle não é nenhum tolo, e sabe muito bem o que diz, e de facto as minhas observações me fazem crer que, com effeito, elle não mentio — Agora só responderei a meu amo que espere; que o tempo o mostrará

D. de Mendonça—(*com furor*) Fiscstes bem em desapparecer da minha presença insolente Columim!... mas não esperes escapar á minha vingança! não; tua cabeça deve cahir, como presente nupcial, aos pés dessa mulher insensata! Se ella o ama, melhor ainda!... dobrado será o prazer de uma dobrada vingança!... E foi para tão cruelmente escarnecerem de mim que aqui me chamarão?... Esse velho estava acaso cego, que não lia em seos olhos sua torpe e miseravel paixão?.. Oh! caro lhe custará o escarneo que me cospem na fronte. Hei-de desposal-a, ainda que não seja senão para fazer-lhe sentir todo o peso de minha vingança e no dia das nupcias dar-lhe-ei em espectaculo o cadaver do seo lindo selvagem, justiçado defronte das janellas do nosso aposento nupcial!...

Julião — Bem fallado, meo nobre amo! Assim nada mais fará do que pagar-lhes na mesma moeda. Tambem a melhor festa que pode haver, para esses meos amaldiçoados parentes, é esfolar, moquear o pobre prisioneiro que lhes cae nas unhas. De minha parte muito hei-de apreciar vel o ahi dependurado com um palmo de lingua de fòra,que não gosto nada de tal perro, com ares de namorado... (*olhando fóra*) Oh! ahi vem ella, não sei porque tanto gosta esta senhora D. Elvira deste lugarzinho?!... parece-me que esta frescura lhe faz bem ao coração....

D. de Mendonça—E' Elvira?.... cumpre-me disfarçar-lhe a minha agitação e o meu justo resentimento; para que lançar-lhe em rosto sua indigna paixão...? será provocar uma declaração, que pode estorvar o bem exito de meus designios... Não é crivel que por si mesma ouse declarar seo vergonhoso amor;... nenhum pretexto terá para recusar a minha alliança, e não terá remedio senão curvar-se ao destino.... será minha e só quando de direito me pertencer, então sim, pedir-lhe-ei contas estreitas!... (*Entra Elvira triste e pensativa, e sem dar pela presença de Diogo de Mendonça, senta-se em uma cadeira.*)

SCENA 5.ª

Os mesmos e Elvira

Diogo de Mendonça. — Senhora...

Elvira, (*sobresaltada*). Ah! estaveis aqui?...

D. de Mendonça, (*com riso ironico*). Sim, bella Elvira, cuidaveis que era algum selvagem?... Desculpae-me se, sem querer, vos assustei... Que tendes, que vos vejo tão abatida e consternada? Permitti que vol-o pergunte, ainda que bem sei que não sou proprio para vos consolar.

Elvira, (*com embaraço*). Não é nada, senhor Cavalheiro;... o que poderia ser?... mas a guerra... os indios... me fazem medo.

D. de Mendonça, (*com amargo sarcasmo que Elvira não comprehende*). Medo dos indios!... oh! Senhora, ha tanto tempo que os conheceis· Cuidei que já estivesseis mais avesada... mas tendes razão... com máos auspicios penetrei nos umbráes de vossa casa, e parece que havemos de solemnisar nosso consorcio com uma festa de sangue...

Elvira, (*aparte*). E de lagrimas...

D. de Mendonça, (*continuando o mesmo sarcasmo*). Parece que pisamos em um terreno solapado pela traição... O indio é feroz... a vingança implacavel. (*Carregando nas palavras com intenção sinistra*). Quem sabe se o sangue de *vosso amante* não será o primeiro que virá tingir essa terra em que pisaes?. .

Elvira — Oh! não! Deos protegerá os nossos dias... tende mais confiança em sua bondade e no valor de vosso braço.

D. de Mendonça, (*a parte*). Em breve me comprehenderá melhor. (*Alto*). Sim, bella Elvira, confio em Deos e em meo braço, que hei de cortar com o fio de minha espada o trama sinistro do astuto selvagem. Permitti que me retire, meos deveres me chamão, meos camaradas só esperão por mim...

SCENA 6.ª

Elvira só

Elvira — Homem terrivel! No olhar lampeja a vingança!... Só se apraz em pensamentos de sangue! Ah! e que esse barbaro algoz dos selvagens seja destinado por meo pae a ser tambem o algoz de meo coração!? — Oh! não! não! nunca o será! (*pausa*). E que será feito de meo pobre Henrique, que, des do dia da chegada desse homem funesto, ainda não foi visto? Quem afugentou de meo bosque o terno sabiá que com sua vóz encantava esta solidão, e me embalava o coração em sonhos de ventura?... Transviado por esses desertos, quem sabe terá sido victima de seos companheiros da floresta? — Se soubesse quanto soffro, depois que esse homem de maldição appareceo entre nós, não me teria desamparado, teria ficado juncto a mim para me consolar. Ah! todos me abandonão; até Maria, que nunca fugia de meo lado, me deixa sosinha e perdida no horror de meos tristes pensamentos!... Entretanto, meo amor é puro: é filho da gratidão e da estima, minha consciencia não o reprova: e porque hei de eu ter pejo de confessar perante os homens, aquillo que não escondera aos olhos de Deos?... é assim que essa cruel sociedade converte em verdadeiros tormentos as mais puras aspirações, os mais deliciosos impulsos do coração!... Amor infausto e desastroso é este meo!... E eu cega e incauta, que com tanta complacencia o affaguei nos seios d'alma!... Já agora não me é dado recusar: bom, ou máo, baixo ou nobre, sancto ou maldito, este amor tem de morrer commigo: para arrancal-o daqui, força seria tambem com elle arrancar-me o coração!... (*Entra Henrique com ar torvo e sombrio, e com passos indecisos se avesinha*).

SCENA 7.ª

Elvira e Henrique

Elvira — (*com alegre agitação*). E's tu, Henrique?... ainda bem, que torno a ver-te! quanto me affligia tua longa ausencia!

Henrique — (*com vóz sombria e sinistra*). Sim, tornaes me a ver, Senhora; mas... pela vez derradeira!

Elvira — (*com espanto*). Pela vez derradeira!?... que dizes?... pois queres nos fugir?... que mal te fizemos nós, Henrique?...

Henrique -- Que mal?... ah! não me enterrogueis, Senhora!..

Elvira — (*com inquietação*). Oh! meo Deos! que ar estranho e sinistro tens hoje! que tens Henrique? o que te succedeo...

Henrique — Ah!...

Elvira — Falla.. Não me attendes? falla; esse teo silencio me desespera!

Henrique — (*com tristesa*). Ah! porque vim eu a este lugar?... porque, imprudente e cego, corri ao vosso encontro?... em vão quero fallar-vos: a palavra gela-se de horror em meos labios. Em nada posso, nada sei dizer-vos senão que vos amo muito, oh! mais que nunca, e que mais que nunca, sou desgraçado!

Elvira — Tu és desgraçado, Henrique? ah! bem o sei!... e eu? por ventura sou feliz?... acreditas accaso, que viva risonha e satisfeita? E porque me foges?... porque me queres tão cruelmente abandonar?... Qual será o consolo dos disgraçados senão queixarem-se junctos, confundirem suas lagrimas?

Henrique — (*com leve inflexão de sentimento*) Vós, infeliz!? vós, a bella filha do capitão-mór Coelho de Souza, a adorada esposa do illustre fidalgo Diogo de Mendonça!

Elvira — (*com desgosto*) Ah! não falles assim; tambem tu, Henrique, queres escarnecer do meu infurtunio? Se me amas não me falles desse homem que abomino, desse homem, em cuja fronte sinistra vi gravada a sentença de minha perdição, desse homem que surgio em nosso caminho, lugubre como um phantasma de maldicção!

Henrique — Embora!... Dona Elvira, eu não posso, eu não devo mais amar-vos... seja para vosso bem a brilhante união que ides contrahir!... sêde felizes!... Quanto a mim, ah! não pergunteis mais pelo pobre indiano, a quem um dia afagastes com os vossos surrisos: fugi delle, como quem foge de esfaimado tigre; fugi delle, que sua sina está escripta no céo em caracteres de sangue! Adeos, as brenhas me esperão: de lá sahi, a ellas me devo.

Elvira — Ah! cruel Henrique! é assim que comprehendes o amor?.. é essa a recompensa que destinavas á minha ternura e lealdade? Por ti eu ia regeitar o esposo que me querem impor, arrostar a authoridade de meo pae, que me adora, affrontar o rancor desse homem que aspira á minha mão, soffrer o desdem, o insulto de todos, e tu me abandonas, cruel Henrique!... Que mal te fiz eu, para assim me abandonares tão sosinha, tão desamparada no mundo?

Henrique —(*com angustia*) Não, D. Elvira, não me fizestes nada, mas... um sopro de maldicção mirrou para sempre as flores de nossa esperança!... Escutáe-me; quero contar-vos uma historia. Quiz o céo que um dia o casto e mimoso lirio dos jardins do Branco nascesse na branca terra dos adoradores de Tupá. O robusto tronco do deserto amparou-a com sua sombra, e resguardou sua fragil existencia da furia da tormenta que ameaçava anniquilal-a; e a flor, sorrindo-lhe agradecida, embalsamava-lhe a coma com suaves aromas, que lhe mandava nas azas da viração. Mas um dia o furacão da morte rugiu-lhe pelas ramas, e o tronco, desabando com todo o peso de sua ruina, esmagou a pobre flor, que á sua sombra se abrigava! Ah! porque me destes o vosso amor?... porque encostastes a fronte branca e pura como as penas do guará sobre o peito maldicto

do infeliz selvagem?... Quanto fôra melhor, que me odeasseis com entranhavel odio! D. Elvira, D. Elvira, eu vos peço por piedade, odeae-me, detestae-me; assim o deveis; vosso amor para commigo é um crime; um crime, com que offendeis o céo e a terra!

Elvira — (*a parte, com assombro*) Meo Deos!... que estranha e incomprehensivel linguagem é a sua!... (*alto*) Tu me aterras, Henrique, e eu mal te comprehendo. Os máos espiritos da floresta te inspiraram esses sinistros pensamentos, ou um injusto ciume te allucina e te desvaira. E' esse homem que me quer para esposa, que te inquieta?... Tranquilliza-te, Henrique, que nunca serei delle. Porventura não és tú o companheiro de minha infancia, o irmão de minha alma, o genio tutelar de minha vida? este ar que respiro, esta luz que me allumia, por ventura não é a ti que os devo? estes olhos que te vêm, estes labios que te fallão, este seio que por ti palpita, este coração, esta alma, esta vida, tudo isto por ventura não te pertence?... E que te importa esse homem?... algum dia o vi? que direitos tem elle á minha mão? Oh! nunca, nunca serei delle! prefiro seguir-te atravez de sertões bravios, exposta a todas as injurias da natureza e dos homens, dormir nas brenhas, ou nas cavernas, ouvindo o bramido dos selvagens, o rugir dos tigres, o sibillar das serpentes, soffrer comtigo fadigas, a fome, a sede, o frio, antes quero tudo isso, antes que pertencer um só momento a outrem, que não seja o meo Henrique!

Henrique — (*com singular exaltação*) Elvira, calai-vos, por piedade!... não falleis assim que me perdeis!...

Elvira — Não consentes que te exprima o meo amor? tu vaes fugir-nos, e não me permittes ao menos o consolo de dizer-te que te amo?... (*com tritesa*) Assim pois, todos me abandonão; esgotará sem ter ao menos quem me lastime, todo o fel de meo sacrificio; expiarei sosinha e ao desamparo o meo fatal e irreparavel erro!... Vae-te, Henrique; assás punida estou de te haver amado: julgava-te superior aos de tua raça; com pesar reconheço que não és mais que um simples selvagem. Vae-te, e eu, sosinha e em triste desamparo, arrastarei até o tumulo meo

lugubre infortunio, e morrerei, máo grado tua feia ingratidão, com o teo nome nos labios e a tua imagem no coração (*vae sair*).

Henrique—(*precipitando-se aos pès de Elvira*) Perdão, perdão, Elvira ! eu sou um desgraçado, um pobre selvagem, que não sabe o que faz, nem o que diz, eu sou um louco, perdoae-me. (*Nesse momento vão passando pelo fundo uma turma de indios captivos, trazendo ao hombro enchadas, machados, foices, etc., e após elles dois ou tres feitores armados.*

Um indio—(*olhando para o céo.*) O' Tupá, quando chegará o dia da vingança e da liberbade !

Outro indio—(*dirigindo-se para os companheiros e apontando para Henrique*) Anhangá persiga o covarde que não se peja de ajoelhar diante de seos algozes !...

Outro indio—(*dirigindo-se a Henrique*) Tu és um vil ! és a affronta dos filhos de Tupá, tu que assim beijas os ferros da escravidão ! (*Acàbão de passar*).

Henrique—Ouviste o que murmurão esses infelizes ?... é meo pae que manda para reanimar meo coração que fraqueava nesta terrivel lucta !... Meo pae, Meo pae, mesmo alem da campa tu me bradas:—vingança, meo filho, vingança !...

Elvira—Que dizes ? .. tu tresvairas, pobre Henrique !...

Henrique—(*em delirio*) Não ! eu ainda o vejo : fui eu que o estendi no camucim da morte ; era terrivel seo aspecto !... sobre sua fronte torva pairava ainda o genio da vingança ! Tres vezes repeti sobre o seo cadaver o tremendo juramento ! forão testemunhas o céo, a noite, os astros, os troncos das florestas e a tribu dos guerreiros !... Terrivel e solemne era o lugar ! tremendo o sacrificio !... Adeos, Elvira, eu não te posso pertencer, eu não pertenço a mim mesmo, sou do destino ; elle me impelle com o braço de ferro ! Adeos !... Eu não poderei mais chegar a ti senão atravez de um caminho de sangue !

Elvira -(*aterrada*) Ah !... meo Deos !...

Henrique—(*com febril exaltação*) Sim jurei trazer a destruição, o incendio, a morte a estes tectos que me abrigarão !... jurei a ruina dos teos, sem exceptuar um só... jurei matar-te !..

Elvira—Ah! (*Cahe desfalecida; Henrique arecebe nos braços*).

Henrique—(*tendo nos braços Elvira desmaiada, e depois de contemplal a por um instante cheio de emoção e de assombro.*) Infeliz !... quanto me adora ! e eu, ingrato, terei a cruel coragem de assassinal-a ? !... Não ! .. mil vezes não ! Elvira, perdoai-me, è agora que eu sinto todo o valor do thesouro immenso, que eu possuia ! Nunca mais poderão arrancar-vos desses braços em que viestes cahir ! Pereça embora a tribu inteira dos Potigoares ; pereção quantos selvagens pisão a terra de Tupá : o que é tudo isso em comparação do anjo que eu ia sacrificar !... mil juramentos os mais sagrados, que me prendessem todos, de... bom grado eu os quebrára neste momento, para amparal-a em meos braços, para tel-a assim apertada ao coração ! Elvira !... Elvira !... perdoai-me, ouve ao vosso Henrique. Não ; eu não sou o vosso algoz... sou ainda o vosso escravo... o vosso fiel Henrique.

Elvira—(*voltando a si, como accordando de um sonho*). Que é isto ?... quem me falla ?... onde estou eu ?

Henrique--Aqui, Elvira, aqui, nos meos braços !..,

Elvira—Ah !... és tu, Henrique?

Henrique—Sim, sou eu ; é o vosso Henrique que nunca mais vos deixará, que assim o jura por este casto beijo, o primeiro ques eos labios ousam depor na pureza de vossa fronte! (*Beija a na fronte;*—(*Apparece Diogo de Mendonça, e sem ser sentido, párae craza os braços*). E onde está esse, onde, que de hoje em diante ouzará arrancar-vos dos meos braços ?. .

SCENA 8.ª

Os mesmos, Diogo de Mendonça, Pagé

D. de Mendonça—Ei-lo aqui !... sou eu ! (*Diogo de Mendonça para os soldados*) Prendei-o !... (*os soldados precipitão se sobre Henrique, e o arrastão preso para fóra*).

Pagé—(*apparecendo pelo fundo, emquanto os soldados sahem com Henrique*). Vae traidor, vae receber o premio de teo atroz perjurio !

FIM DO ACTO 3.º

ACTO 4.º

O sacerdote do sangue e o sacerdote da paz. Uma prisão singela e tosca, com um simples leito, sobre o qual se acha sentado Henrique, com os pulsos algemados, e atado a um grilhão, que se prende á parede com uma argola.

SCENA 1.ª

Henrique só

Henrique — Quando me acabarão com esta vida atormentada ?! Ha dois compridos mezes que aqui me guardão sepultado na medonha solidão deste carcere, em que até o alimento me vem por essa estreita fresta, sem que eu distinga a mão caridosa que m'o vem trazer! neste tumulo, em que morri para o mundo, e só vivo para minhas dores !... tumulo horrivel, que encerra todas as torturas da vida sem ter o repouso da morte!... E vós ousaes chamar-nos de barbaros, vós, que tão fecundos vos mostraes em inventar estranhos e malditos tormentos ? O tacape do selvagem esmaga o craneo da victima, e n'um momento a derriba no chão sem vida, o tigre ao primeiro bote ferra suas garras no coração da presa ; mas vós poupaes o corpo para poder assassinar a contento a alma entre lentas agonias, e queimar-nos a existencia ao fogo lento das torturas do coração!... Não importa: soffřamos !... não me ha de escapar uma só queixa ; não me hão de ouvir um gemido. (*pausa*) Ah! que não sei como estes terriveis pensamentos que aqui me fervem de continuo, não me têm de todo apagado o riso ! — Ora é a imagem de meo pae, que surge ameaçando ante meos olhos e me brada vingança ! ou o pagé, que me apparece sobre um montão de cadaveres, irado e torvo, acabrunhando-me com o peso de suas maldições!... ora é o grito de traidor, que rompe dos labios indignados de Coelho de Sousa; ora é Elvira, que soffre, que por mim bebe talvez todo o fel

do infortunio, Elvira, que geme, e que se debate entre as garras de vingativo Emboaba !... Ah ! não saber eu o que vae nesse mundo, que dista de mim apenas alguns passos, e que me é vedado, como se entre mim e elle medeasse a immensidade !... (*Pausa*) Quem poderá arrancar-me daqui estes implacaveis pensamentos, que noite e dia me queimão o cerebro, e me devorão o coração !... (*depois de reflectir um pouco, com triste resignação*) Sim ! sim !... para mim estão fechados todos os caminhos da vida ! a morte é meo unico refugio. Elvira, ó minha adorada Elvira, já que não podeis ser minha, ao menos deixem-me morrer por vos! chorareis lagrimas de vossos bellos olhos sobre a sepultura do infeliz americano, e não o amaldiçoareis, porque o amaveis. Eu virei do mundo das sombras visitar-vos n'um raio de lua, ou gemer no ramo da palmeira juncto a vossa janella; virei consolar-vos, porque sei que não quereis bem ao maldito Emboaba, e me jurastes não vos casar com elle. Essa religião de um Deos de bondade, cujas virtudes tantas vezes por vossos bellos labios me ensinastes, nos diz que ha para os infelizes uma patria melhor além dos astros, onde não tem poder algum o odio e a injustiça dos homens : Lá, Elvira, um dia nos encontraremos para sermos eternamente felizes. (*Abre-se a grade da prisão, e entra o pagé abatido e turvo.*)

SCENA 2.ª

O mesmo e o pagé

Pagé — (*com voz solemne e triste*) Filho de Pirajiba !

Henrique — (*com sobresalto.*) Quem me falla ? quem ousa aqui penetrar ?

—Ah ! és tu ?... ainda aqui, pagé ? ainda aqui me persegues, hediondo phantasma, mensageiro de lagrimas e sangue ?..

Pagé — Ainda ! — ainda aqui venho bradar-te vergonha ! opprobio ! maldicção sobre o perjurio !...

Henrique — E como ousaste aqui entrar neste sinistro recinto, vedado até á luz do céo, e ao sopro da viração ?

Pagé — Não sabes que os manitós protegem os passos do pagé, e que podem, se lhes apraz, abrir-lhe caminho até pela noite povorosa do sepulchro ? Não sabes que elles vaguêão invisiveis nas azas do furacão da noite, e que a seos tremendos conjuros quebrão-se os ferrolhos das prisões, patenteia-se o seio das masmorras, e allumia-se o horror das sepulturas ? — Ouve-me, indigno filho do mais valente dos chefes ; ouve-me, e talvez se te accordem nesse coração envilecido os apagados brios !

Henrique — Falla, pagé, mas não esperes cavar ainda mais fundo o abismo, em que me precipitaste.

Pagé — Depois que vieste como um vil, quebrar o mais tremendo dos juramentos aos pés de uma mulher, os brancos derão fé de nossos movimentos, e cahirão sobre nós de surpreza. Foi terrivel a matança, indomavel a carnagem dos guerreiros de Tupá ! Inutil coragem !... Poucos ainda, dispersos e mal preparados, e sem ti, que ès o chefe e sua ultima esperança, teos mizeros irmãos, talados, mortos, perseguidos de brenha em brenha, derão com seos cadaveres farto banquete aos urubús do ar e aos lobos da floresta. O fogo devorou o que o ferro poupara; mulheres, velhos e creanças jazem sepultados sob um montão de cinzas, na taba que o incendio devorou. (*com voz troante—de indignação*) E todo esse sangue derramado em jorros, cae quente ainda sobre tua cabeça maldita, e não te suffoca !... e o grito de tantas victimas trôa nos teos ouvidos, e tu não tremes ! e não te fulmina o raio da colera de Tupá ! !

Henrique — E porventura tembem não sou victima ? não são os mesmos os meos algozes ? em breve não irá tambem meo sangue mesclar-se ao desses infelizes ?

Pagé — Escuta ainda:—esse teo sangue nos é precioso: elle póde ser ainda poupado ou nobremente derramado no campo da lide.—Depois de tamanho desastre, fiquei só, gemendo em vão na minha caverna solitaria, onde os manitós mudos e consternados não respondem mais aos meos conjuros. O resto dos guerreiros, que escaparão ao ferro dos brancos, embre-

nharão-se pelas selvas, dispostos a ir buscar nos seios dos mais profundos sertões guarida segura contra os oppressores. Já ião longe em sua triste perigrinação, atravessando rios inmensos, empinadas serras, impenetraveis brenhas, quando encontrarão uma grande tribu, que vinha fugindo de igual perseguição lá das bandas do rei dos rios. Sentarão-se a sombra da mesma taba, fumarão junctos o caximbo da páz, contão-se mutuamente suas desgraças, e jurarão amizade e alliança eternas. Ei-los que voltão, occultando cuidadosamente sua moradia pelo seio mais escuro das florestas; já estão mui longe; amanhã mesmo, se o quizeres, a um só aceno teo, aqui se acharão. Elles virão quebrar-te esses ferros, proclamarte-hão chefe dos chefes; guiados por ti, voarão ao combate, e recobrarão a liberdade e a terra de seos paes, ou morrerão a morte dos heróes.

Henrique.— E por que não vêm sem mim!

Pagé — Tão depressa te esqueceste as predicções do céo, reveladas pela voz dos manitós? não sabes que em ti repousa sua ultima esperança, que em tuas mãos está a sua sorte? Vem, filho de Piragiba, corre a conquistar a mais bella gloria que jamais ornou a fronte dos guerreiros de Tupà.

Henrique — Pagé, não sabes que minha cabeça é do patibulo, e que meo coração é de Elvira?... Vae dizer a esses valentes guerreiros, a quem o céo proteja em seos generosos esforços, vae dizer-lhes, que Jurupema não vive, que Jurupema é do tumulo. Vae-te, deixa-me morrer por ella e juncto d'ella.

Pagé—(*com indignação*) Miseravel! se a vida, a liberdade, a gloria já não achão echo nesse coração infamado, nem ao menos vingança tem poder de arrancar-te a esse vil abatimento?... Dize, malaventurado Jurupema, não tens vontade de trincar em teos dentes o coração do teo rival?..

Henrique.— Oh! se a tenho!... Pagé, nem tu podes avaliar quanto odio me fermenta aqui neste coração!... (*Pára um um pouco, como que reflecte*) Sim, pagé, falas certo .. Vingar-me! ao menos vingar-me!... Onde estão elles? onde estão esses guerreiros?... são muitos? .. São valentes?

Pagé—São numerosos, como os troncos da floresta, fortes e sedentos de sangue como o jaguar !

Henrique - (*com vivacidade*) Vae, pagé ; corre a annunciar-lhes que chegou o dia da vingança ; que seo chefe os aguarda. Sim ; hei de vingar me ; heide embeber o meo punhal sequioso no coração do vil que ousou arrancal-a dos meos braços, calcar aos pés o seo cadaver, abandonal-o aos cães, e depois... correr a ella, e... com esta dextra ainda ensopada do sangue do infame...

Pagé—Sacrifical-a tambem !

Henrique—(*estremecendo de horror*) Sacrifical-a ! ?..

Pagé—Assim o juraste.

Henrique—E tu ouzas dizel-o, pagé ?. . oh não !... apertal-a ao meo seio, e se possivel fosse, guardal-a em meo coração.

Pagé—Lembra-te que deves esse sangue aos manes de Pirajiba : lembra-te que elle deve correr em troco do sangue de tua mãe e de tua irmã !

Henrique -(*com indignação*) E por ventura foi ella que as immolou ? Vae-te, homem de sangue ; vae-te nem mais te eu veja.

Pagé—Jurupema, escuta; não será mistér que tu mesmo a immoles ; se tua mão vascilla, outro braço a ferirá.

Henrique—(*com ameaça*) Oh !... vinde ;... vós, que a querеis immolar : vinde e achar-me heis ao pe della, rugindo furioso como o tigre, e um após outros ireis cahindo á meos pés, como cahe o junco aos golpes da foice do escravo. O' pagé, tudo, tudo eu dera pela vingança, menos Elvira ! eu dera todo o meo sangue para arredar de ao pé della a mais leve sombra de perigo . E ai daquelle que ouzar tocal-a ! ai delle !...

Pagé—(*com amargo sorriso*) Pobre escravo !... não vês que nem braços tens ?...

Henrique - (*em furia*) Cala-te, pagé, o amor e o desespero dar-me-ião forças de gigante ; eu arrancaria estas paredes, e as faria desabar sobre vossas cabeças !... (*acalmando-se*) Mas eu te desculpo ; tu não me comprehendes, tu não sabes o que é

amor; se a visses, pagé, se a visses, como eu a vi palida, delirante, transida de susto e de dor, cahir sem accordo nestes braços.. O tufão derribou a fragil palmeira nos robustos braços do visinho jequitibá: maldito delle, se a não ampara! fulminado seja, e consumido no mesmo instante pelo fogo do céo!... se a visses, pagé!... ah! Elvira, quem, para te salvar, não arrostára então todas as iras da terra e do céo! ?

Pagé—Mas dize-me, fraco e effeminado indiano, o tronco rei da floresta para salvar a palmeira tomba com todo seu peso sobre um povo inteiro, que á sua sombra se abriga, e a esmaga sem piedade ?

Henrique—E por ventura não é elle a primeira e a mais desgraçada das victimas?

Pagé—E que dirão os valentes guerreiros da liberdade quando minha vóz lhes annunciar que o filho de Pirajiba se recusa a conduzil-os ao combate, e só se apraz em banhar de lagrimas seos ferros ? .. Onde acharão imprecações bastantes para amaldiçoar o seu nome ?

Henrique—Mas Elvira o abençoará.

Pagé—E esse nome será ouvido entre as maldições dos vivos, e os ossos de nossos avós estremecerão de horror nas frias igaçabas!...

Henrique Mas Elvira, ao ouvil-o, verterá uma lagrima.

Pagé—(*com impaciente colera*) Basta, vil blasfemador!... basta, que este teu fallar me enoja! Votado estás á eterna maldição dos vivos e dos mortos, dos teos e dos estranhos! o estrangeiro cuspir-te-hà na fronte o insulto e teos irmãos te repellirão com horror; a mesma terra recusará receber em seo seio teos ossos, e teos manes vagarão afflictos pela região das trevas eternas!...

Henrique—(*com impaciencia e colera*) Vae-te, sinistro sonhador de desastres, vae-te, sacerdote das trevas; vae buscar a tua horda feróz, traze-a para estes lugares; destrui, arrazae, matae tudo; matae-me a mim tambem: em que vos sou necessario para derramar sangue?... não sois tantos e tão valentes? de que vos serve mais um braço?.. sem mim não tendes coragem ?...

Pagé — Sim!... viremos... viremos morrer morte heroica diante da taba da escravidão, e tu morrerás a morte infame do escravo...

Henrique — Heroica aos olhos de Elvira!

Pagé — E essa mulher, e esse estrangeiro verão das janellas do seu aposento os corvos e os cães disputando entre si o teu cadaver, e sorrirão de escarneo!...

Henrique — Ella!... ah! nunca, pagé! nunca!...

Pagé -- Sim, ella, essa mulher, a cujos pés sacrificas a vida, a liberdade, a tribu inteira, essa mulher mal se dignará dar-te um olhar de compaixão; e apenas se lavar desse chão a nodoa do teu sangue, tão depressa tambem teu nome estará varrido da memoria delles, e elle e ella, no seio da paz e da felicidade, só tratarão de viver nos braços um do outro larga vida de amor e de ventura!

Henrique — (*no auge do desespero*) Nunca!... vai-te, agoreiro phastasma, vil urdidor de scenas de lagrimas e sangue!... não creio mais em teus embustes... por ventura já não me tornaste o mais desgraçado dos homens? que mais queres de mim?

Pagé — (*com voz forte e solemne*) Em nome de Pirajiba, teu pae, eu te amaldiçôo! (*sahe*).

SCENA 3.ª

Henrique e Julião

Julião — (*entrando pela grade, por onde sahira o pagé*) (*Aparte*) Apre!... graças a Deos, que lá se foi embora o tal reverendo pagé!... Não houve remedio se não introdusil-o, pedio-me com tal modo ... alem de que, tenho muito medo destes feiticeiros .. elles tem pacto com o demonio, e não quero por maneira nenhuma incorrer em sua indignação! Ja me estava dando bastante inquietação; fallava tão alto, que parecia trazer nos pulmões uma trovoada inteira!... em risco de me comprometter!... o que vale é que meo amo, inteiramente occu-

pado com o seo casamento, não se lembra de mais nada...— Vamos agora cá ao nosso prisioneiro. (*olhando para Henrique, que se conserva sentado, embebido em seos pensamentos*). Coitado! como está desfigurado! faz dó!... este meo amo com effeito tem coração para tudo! mas tambem o atrevimento do bugre não era para menos... E vejam lá que boa joia, que tanto recommendavão meu amo!... porque salvou a Senhora D. Elvira das pontas de um touro!... e o pobre Julião que não tem privilegio de salva-vidas, e dá graças a Deos quando pode salvar a sua pelle, havia de ficar por ahi lançado a margem!... mas Deos assim não foi servido. (*Para Henrique*) Então, irmão, está mais contricto? (*Henrique conserva-se mudo e immovel.*) Oh! pois o seu confessor, esse veneravel ermitão das mattas, não o pôde confortar?... tanto peor; amanhã morrerá impenitente.

Henrique — Que disse mameluco?...amanhã?

Julião — (*á parte*) Oh!.. já falla! (*alto*) Sim, senhor, amanhã com o favor de Deos. Pelo que vejo, está muito alheio ás novidades que vão por esse mundo.

Henrique — Como hei de saber, se ha dous mezes aqui não echoa voz de vivente.

Julião — Ah! é verdade, nem me lembrava... pena é que as paredes, assim como dizem que tem ouvidos, não tivessem tambem boca para contar-lhe alguma cousa.

Pois saiba que depois, que morreu o snr. Capitão-mór...

Henrique — (*com surpresa*) Coelho de Souza é morto?!

Julião — E esta! pois nem isso sabe?...está morto, e sepultado ha muito tempo (*com malicia*) e consta que para matal-o concorrerão muito os desgostos que teve em razão de certas intrigas amorosas, das quaes supponho que estás bastante inteirado.

Henrique — (*com indignação*) Cala-te, insolente!

Julião — (*á parte*)—Ora quem manda-me calar!.. (*alto*) Prudencia camarada; escute o resto.

Henrique — (*com sentimento*) Tu morreste, Coelho de Sousa, meo unico amigo; meo generoso bemfeitor! bem sei

que nunca approvarias o meo amor, que até o repellerirei com indignação, que vós outros, os brancos, tendes singulares caprichos ; mas nem por isso deixarei de venerar a tua memoria. Ah! que não tenha eu nestes olhos mais nem uma lagrima para dal-a ás tuas cinzas!... E Elvira ? Infeliz, quem a protegerá ?... quem a livrará das garras do vil Emboaba ?... (*com desespero*) oh !... meo Deos !... meo Deos !... eu enlouqueço... oh! liberdade ! Pagé... Pagé... espera-me ! eu vou comtigo.

Julião — Que tem ?... socegue, tenha paciencia, e ouça-me, que ainda muito tenho que dizer-lhe. Como ia dizendo, depois que morreo o senhor Capitão-mór, a quem Deos haja, as cousas vão tomando outro rumo. Nossos parentes do matto levarão uma tremenda esfrega, uma lição, de que nunca mais se hão de esquecer, porque meo amo é o mais terrivel accosador dos gentios, que tem pisado nesta terra de Santa Cruz; e agora, meo amigo, não se tracta aqui senão do casamento de meo amo com a rica e illustre e bella herdeira do Capitão-mor Coelho de Sousa, que de amanhã em diante se chamará Senhora D. Elvira de Mendonça.

Henrique — (*com furor*) Mentes, maldito !... Elvira nunca se casará !...

Julião — Oh ! se casa-se!... amanhã com favor de Deus; pois saiba mais, que a senhora D. Elvira, juncta ao leito de morte do senhor seu pai, na hora do passamento, jurou com a mão sobre os santos Evangelhos despozar o senhor Diogo de Mendonça, meu nobre amo; e amanhã celebr-se-ão as bodas, pois bem vês que a sra. D. Elvira, sem pai, sem mãi, sem nenhum parente nesta terra, precisa quanto antes de um marido. Acha se aqui reunida a nata das melhores pessoas e senhores de Engenho destes contornos. Sabe que contornos por aqui significa quarenta, cincoenta e mais legoas em redor. Por isso temos gente do Cabedelo, Porto Seguro, e até do Recife, portuguezes d'aquem e d'alem mar, gente toda luzida e bem disposta. E' verdade que os despozorios se farão sem apparato, sem pompa, atenta a recente morte do Senhor Capitão-

mór; só haverá um espectalo; aposto que não advinha qual seja !... pois é o seu enforcamento !... São caprichos de meu amo; não deve levar isso a mal, que vocês lá pelos mattos fazem peores.

Henrique — (*com voz ameaçadora*) Mameluco, mameluco, ai de ti, se zombas de mim ! Falla a verdade, mameluco, sómente a verdade.

Julião — Nunca menti; é o que lhe digo; amanhã vossa mercê estará enforcado e meu amo casado.

Henrique — E Elvira consente ?

Julião — Oh ! se consente, pois ella o jurou.

Henrique — (*com furia*) Mentes !...

Julião — Verá. Eu bem lhe aconselhei, que não se mettesse a namorado; não me attendeu, agora está pagando. Olhe, Henrique, D. Elvira é como todas as moças desta terra, tem o coração quente, e muito cedo sentiu sede de amor; ora aqui, neste sertão, não tendo de todo em quem empregasse o seu amor, na falta de homens, e por um capricho lá de sua imaginação, assentou de amar a si, que, seja dito aqui entre nós, sem que disso se desvaneça, para bugre não deixa de ser seductor; mas essa fantasia cedo lhe devia passar, e logo que aqui se apresentou meu amo, que é um completo cavalheiro, infallivelmente você seria lançado á margem. Emfim os conselhos de seu pai, do Reverendo Frei Ambrosio e de D. Maria e, sobretudo, as maneiras amaveis e o gosto gentil de meu nobre amo fizerão-na cahir em si e arrepender-se de seu grande erro, que agora trata de reparar, casando-se com meu amo.

Henrique — (*convulso e em desespero*) Oh ! maldição !.... Não; ... não será assim... elle e ella morrerão !... minhas armas !... dae-me as minhas armas !... Pagé, pagé, onde estas ?... espera-me... porque me deixaste ?... espera-me, eu vou vingar-vos. (*deixando cahir os braços, e a cabeça em profundo desalento,*) Ah !... é tarde !

Julião — Irmão, paciencia e resignação. Tracte de por se bem com Deus, e deixe-se desses pensamentos mundanos.

Henrique — (*no auge da colera*) Vai-te, vil mameluco, mensageiro da desgraça, vai-te antes que te esmague! (*Dizendo isto com tal força sacode o grilhão, que elle se desprende da parede, e cahe por terra*).

Julião — (*tremendo de susto, aparte*) Ai, que estou perdido! (*alto*) Henrique!... oh! que tem!... Accomode-se; prudencia; bem sabe, que eu não sou culpado. (*Vai afastando e fugindo para a porta, onde encontra Frei Ambrosio, que vem entrando*).

SCENA 4.ª

Os mesmos e Frei Ambrosio

Julião — (*á Frei Ambrosio*) O' meu reverendo, foi minha boa estrella que aqui o trouxe agora; acuda-me que o homem está furioso; olhe, já quebrou a corrente, e só Vossa Reverendissima poderá contel-o, pois parece ter nas entranhas uma legião de demonios. (*Aparte*). E vou-me embora, que aqui não estou com a pelle muito segura; quem quizer que fique com o tigre na gaiola. O que vale é que estas bravatas não passarão de hoje, que tenho ordem terminante de meu amo de enforcal-o amanhã bem cedo. (*Sahe*).

SCENA 5.ª

Os mesmos, menos Julião

Frei Ambrosio — (*chegando-se a Henrique*) Filho, tu és christão, e como tal te deves preparar para morrer na graça do Senhor.

Henrique — Não, padre, eu não quero morrer sem ter trincado nestes dentes o coração vil do Imboaba, sem ter suffocado nestes braços a serpente traiçoeira que envenenou-me o coração.

Frei Ambrosio. — Acalma-te, filho; neste transe final e solemne cumpre despir tua alma das mundanas paixões, des-

ses andrajos e miserias da vida, para apresental-a limpa e sem mancha nas mãos de teo creador. Lembra-te que és christão, que recebeste na fronte a agoa sancta do baptismo....

Henrique — Maldita a hora, em que cahio-me sobre a cabeça essa agoa da fonte da desgraça! maldito aquelle que me arrancou de minhas brenhas, e me trouxe ao seio dessa abominavel sociedade, onde só vim aprender os caminhos do opprobio e da perdição. Meo pae, meo pae, perdoa-me; tarde conheço quanto era justo o teo profundo e irreconciliavel odio!... Ah! porque não me esmagaste o craneo contra um tronco, antes do que deixar-me em poder desses homens, onde cada rosto é mascara traiçoeira, que esconde um coração de algoz! ?...

Frei Ambrosio — Pobre infeliz!... nem tu medes o alcance das horriveis blasphemias que teos labios hão proferido!... pondera que a justiça divina é inflexivel para o peccador impenitente, e que são eternos e irremissiveis os tormentos do inferno.

Henrique. — Não podem ser mais crueis que as torturas que soffro.. Crede-me, padre, eu já tenho o inferno dentro d'alma!

Frei Ambrosio. — Ah!.. não profiras tão impias palavras: a agoa sancta do baptismo abrio-te os caminhos do céo, e tu, louco, hoje te esforças em fechal-os para sempre com esse teimoso afferro aos mundanos pensamentos! ?.. Acalma-te, filho, e dispõe-te a escutar as palavras de paz e de doçura que nos ensinou o nosso mestre divino.

Henrique. — (*mais calmo*) Pois bem, padre; já que vem com a sancta missão de tornar menos amargos os ultimos momentos de um infeliz condenado, eu t'o agradeço: mas vae, eu t'o supplico, vae primeiro levar tuas palavras de paz, e de brandura áquella mulher, áquelle tigre, que me rasgou todas as fibras do coração em suas garras furiosas; vae ver se amansas os seos furores, dize-lhe que se arrependa de sua horrivel traição, que tenha dó de sua infeliz victima, que venha arrependida e lacrimosa lançar-se em meos braços, e

reconhecendo o seo erro, implorar o meo perdão; faze que eu a veja, que a abrace, que lhe diga um derradeiro adeus, e lhe imprima na fronte o beijo do perdão: faze-me isto, ó padre, e eu escutarei as tuas palavras, e eu morrerei tranquillo.

Frei Ambrosio — Ah! desgraçado! .. porque te afferras teimoso a esses frivolos e profanos pensamentos que compromettem a salvação de tua alma ?...

Henrique — Que! ella, um pensamento profano !... ella comprometter a minha salvação, ella que unica pode salvar-me! ?... Não te comprehendo, padre; se não queres que eu falle, nem pense nella, vai, que baldadas serão todas as tuas palavras.

Frei Ambrosio — Grandes e terriveis devem ser as tuas tribuações que assim te mostras empedernido e duro nas sendas do peccado! Mas, filho, compara este teo soffrer aos barbaros tormentos a que se submetteo sem queixume o filho de um Deus para remir nossas culpas, e tu te envergonharás de tua fraqueza. De todas as dores e angustias que ora padeces, faze como elle um holocausto ao Senhor; quanto mais amargas e violentas são ellas, maior será o galardão, que te guarda no paraizo; considera, que está por poucas horas trocares todo este fardo das humanas miserias por uma paz eterna e uma inalteravel bemaventurança.

Henrique — Mas sem Elvira, padre ? sem ella não ha para mim felicidade possivel; sem ella para mim tudo é inferno; mas com ella em toda parte é céo .!

Frei Ambrosio — A bemaventurança eterna apaga para sempre d'alma todas as lembranças da terra...

Henrique — Não o creias, padre; não ha no céo nem na terra poder algum que me faça esquecer de Elvira (*com colera*) Ah! onde está o maldito que m'a roubou ?.. ah !.. vingança !.. padre, falla-me de vingança! eu não sou dos vossos, não sou christão não!.. sou selvagem! sou tigre, e tenho sede de sangue! Ah! pagé! pagé! porque me deixaste ? !

Frei Ambrosio — (*aparte*) Deploravel cegueira !.. cumpre-me, entretanto, disputar até o ultimo transe esta victima ao inferno. (*alto*) Adeus, filho; eu te deixo, mas vou em minhas orações rogar ao Senhor que te conceda um momento de calma, um instante de arrependimento e compunção. (*Sahe e a grade se aferrolha.*)

Scena 6.ª

Henrique, e Elvira, que entra precipitadamente vestida de lucto, palida, e desalinhada, por uma pequena porta forte fronteira á grade).

Henrique. — (*com espanto*) Elvira !

Elvira. — (*com inquietação*) Foge, foge, Henrique !... a noite está escura ; as trevas nos favorecem .. por esta porta sahirás sem seres sentido, por ahi ninguem te espreita, porque ninguem julga possivel que saias por esse lado. Só eu, só minha dedicação o conseguiria !... Foge Henrique ! (*Dizendo isto, tira as algemas á Henrique*).

Henrique. — (*com pasmo e indignação a um tempo*) Estou livre, e é a ti que devo a vida e a liberdade ?

Elvira.—Não faço mais que pagar-te uma divida ; foge, Henrique.

Henrique. — Agradeço-te, mas não acceito nem uma nem outra !

Elvira.—(*com anciedade*). Foge, que estes momentos são preciosos... não pensas, a que perigos me exponho para salvar-te... é mais que a vida, é a honra, que eu exponho... não vas baldar tantos sacrificios... por piedade, foge !...

Henrique. (*com firmeza*) Não fugirei

Elvira. – Matar-te-hão...

Henrique.--Morrerei !

Elvira.— (*com angustia*) E eu tambem morrerei de dor...
Henrique.— Não creio !. .

Elvira.— Henrique, é a tua Elvira que te pede em nome do nosso amor, foge Henrique... foge.

Henrique.— (*com força*) Perfida !... de que me serve esta vida, e esta liberdade que me dás, se me roubaste para sempre a paz e a felicidade, se entregaste a outrem o teo coração ?..

Elvira.—Nunca ! elle ainda te pertence...

Henrique.—Quê !... Não serás amanhã a esposa do mui feliz cavalheiro Diogo de Mendonça ?

Elvira.— (*a parte em angustioso embaraço*) Ah !... meu Deus !... meu Deus !... já tudo sabe ! (*alto*) Sim, Henrique !... é verdade !... mas...

Henrique.—(*accentuando as palavras com sombrio desespero*) E' verdade !... e por teos labios confessas... Assim pois um abismo nos separa para sempre, e nunca, nunca mais poderás ser minha !...

Elvira.—(*com resolução*) Sim, Henrique !... nunca!... nunca mais !... esquece-me, Henrique, detesta-me, amaldiçoa-me... mas,foge !...

Henrique.—Não ! Já me assassinaste a alma, toma tambem o meu cadaver, eu t'o abandono, ceva nelle tambem os teus furores, calca-o a teus pès, arroja-o a teus cães, para que seja mais completa a tua festa !...

Elvira.—(*no auge da afflicção*) Ah ! meu Deus !... que tormento!... se me demoro mais, eu e elle estamos perdidos para sempre !... (*alto*; *ajoelhando-se supplicante aos pés de Henrique e com indisiıel anciedade*) Henrique, não posso mais aqui demorar-me ; mas esta porta fica aberta ; é ainda um sacrificio a que por ti me exponho... Henrique, por piedade !... pelo ceu !.. por nosso amor, foge. (*Dirige-se a porta, por onde entrára, e ao chegar a ella, voltando-se supplicante para Henrique*). Foge, foge, Henrique (*sahe*).

Scena 7.ª

Henrique só

Henrique. — (*depois de um momento de reflexão*)... E que faço eu!... insensato que sou?. . até que ponto me desvaira a presença dessa mulher?... Devo eu ficar aqui atado ao poste da infamia, devorando em silencio lagrimas de desesperação, serei insultado, estrangulado, e morto, e elles vivos, elles triumphantes, elles contentes e risonhos nos braços um do outro?!... quão máo conselheiro é um coração que sangra!... Não, d. Elvira, ainda me verás!... Esse abismo, que nos separa, eu protesto vingal-o, ainda que seja preciso enchel-o de cadaveres e sangue!... e ai de vós então, senhora D. Elvira de Mendonça!... Fujamos!... mas onde irei? Ah! pagé!... pagé, onde foste? porque me deixaste?...

Scena 8.ª

O mesmo e o pagé

Pagé. — (*entrando pela mesma porta por onde sahiu Elvira*).

Pagé. - Eis-me aqui! que queres de mim?

Henrique. — Vingança, Pagé! vingança!—eu me entrego em tuas mãos; falla, e obedecerei; que exiges de mim?

Pagé. — Vingança!

Ambos. — Vamos!

FIM DO 4.º ACTO

Acto 5.º — Flores murchas

Um salão da Casa de Coelho de Souza, mobiliado com luxo, guarnecido em roda de cadeiras de espaldar; duas janellas para um lado, uma porta para o fundo: communicando com outra sala, outra porta para outro lado. — Personagens: — Diogo de Mendonça, e cavalheiros portuguezes, vestidos de côrte, Elvira, vestida de noiva, Maria, Henrique, Pagé, selvagens, creados.

SCENA 1.ª

Diogo de Mendonça—(*entrando, acompanhado por dous creados com ricas librés, e depois de ter sido comprimentado pelos cavalheiros, que se levantão*). Illustres e leaes cavalheiros, com o maior prazer vos annuncio que a Providencia hoje assignala para mim um dia de benção e felicidade, um dia que vem abrir ante meos olhos as portas de um futuro radiante de gloria, de amor e de ventura. — Eis-vos aqui, Senhores, vós tanta parte tendes tomado em meos trabalhos e angustias, que commigo derramastes lagrimas sinceras sobre o tumulo de nosso velho amigo e chefe, o Capitão-mòr Coelho de Souza, vós que nunca recuastes nas rudes luctas em que nos empenhamos com o gentio, que tão heroicamente haveis contribuido com vosso suor e sangue para levarmos a cabo essa tão ardua e arriscada empresa, eis-vos aqui hoje reunidos para tambem tomar parte em meos regosijos e em minha felicidade, felicidade que, eu o espero, terá de reflectir sobre vós todos em seos beneficos effeitos. Graças ao vosso esforço e lealdade, havemos triumphado á um tempo da indomita ferocidade dos selvagens e das sinistras maquinações da perfidia: o gentio que sempre nos trazia inquieto e alerta, ou morreo, ou atterrado e foragido, embrenhou nas selvas para nunca mais voltar: a páz e a segurança reinão em toda a colonia; a confiança renasce em todos os corações. E para rematar tantos beneficios, galardoa-me hoje a Providencia com premios sem duvida muito avantajados a meos fracos serviços, ao passo que o céo entrega em meos braços a mais bella e a mais adoravel das esposas; o Governador Ge_

neral da Capitania envia-me esta carta patente (*Apresenta um papel*) pela qual me nomeia Capitão-mór com ampla authoridade por todo este sertão, e me faz ainda consideraveis doações de territorios pelo interior. Reconhecei pois em mim, Senhores, o successor do illustre finado Capitão-mór Coelho de Souza.

Todos os Cavalheiros — Parabens! parabens!...

2.º Cav. — Mil parabens ao illustre e esforçado cavalheiro Diogo de Mendonça, nosso digno Capitão-mór. — Nós vos dirigimos sinceras felicitações, e rendemos graças ao Altissimo por tão assignalado beneficio. (*Diogo de Mendonça inclina-se em signal de agradecimento*). Sois na verdade um feliz e consummado cavalheiro, Snr. Diogo de Mendonça! rico e nobre herdeiro de Coelho de Souza, feliz esposo de sua adoravel filha, supremo chefe e dominador destes ferteis e vastos sertões, sem ter mais quem vos perturbe no goso desses bens, que o céo vos prodigalisa; nada mais vos resta a desejar para vossa completa ventura. De nossa parte contae tambem como sempre com a nossa lealdade e dedicação; renderemos a vossa authoridade o mesmo preito que já temos rendido ao vosso merito e coragem. Parabens! parabens á nossa fortuna, que nos deo para chefe o nobre e valente cavalheiro Diogo de Mendonça!

Todos — Parabens! parabens!

D. de Mendonça — Agradeço-vos cordialmenle tão espontaneas manifestações, e esforçar-me-ei para corresponder dignamente á confiança que tão generosamente em mim depositaes. Agora, Senhores, sabei que todos os meos cuidados tendem para estabelecer-me solidamente nesta terra, e nella garantir com efficacia nosso socego e prosperidade para o futuro. Confiado em vosso esforço e perseverança, espero que teremos a gloria de estabelecer duradouramente o dominio portuguez nestas paragens, onde tantas tentativas tem naufragado. O mais difficil está conseguido, era a completa destruição dos indios Potigoares, flagello destes sertões. Tenho redobrado de rigor para com elles, e á vista das ultimas refrégas que soffrerão, conto que nunca mais se lembrárão de nos encommodar. Hoje mesmo,

Senhores, um formidavel e salutar exemplo acaba de lhes ser dado; vede,.. (*conduzindo os cavalheiros para juncto de uma janella, e apontando para fora*) vede lã naquelle morro fronteiro! (*aparte*). Ainda bem que o meo fiel Julião cumprio á risca as minhas ordens! (*alto*). Por aquelle signal conhecerão esses perros malditos qual é o meo modo de tratal-os.

1.º Caval. – (*aparte*). Um indio enforcado!... que horror!... bello espectaculo para festejar um dia de noivado!... (*alto para D. de Mendonça*). Sim, Senhor!... é terrivel! é um pavoroso exemplo!

D. de Mendonça - Aquelle era o cabeça da ultima insurreição; era Henrique, que muitos de vós conhecerão, e que entre os seos se chamava Jurupema. Tinha sido aprisionado ainda creança, e educado com todo o mimo pelo finado Capitão-mór; soube grangear sua estima por sua submissão, sua vivesa e sua boas qualidades, isto é, por sua refinada hypocrisia: chegou a occasião de mostrar que era da mesma ralé dos outros seos companheiros; esse miseravel trahio-nos, e hoje paga com a vida o seo monstruoso crime!... Guardei sua execução mui de proposito para este dia em que entro de posse como legitimo senhor no dominio destes paizes, para que desde hoje fiquem elles conhecendo qual é o meo sistema de governo.

1.º Cavalheiro —(*aparte e com ironia*). Bello exemplo na verdade, e sobre tudo muito delicado para se offerecer aos olhos de uma bella noiva.

2.º Cavalheiro —Estreaes de um modo admiravel o vosso governo, Snr. Capitão-mór, e eu vos auguro desde já a mais prospera fortuna, o feliz exito em todas as vossas empresas. De feito, não vejo outro meio efficaz para conter esses perros senão pelo terror: só assim poderemos ter paz e segurança. Assim como nos é forçoso derribar a ferro e fogo estas florestas para que a terra nos dê o pão, de que havemos mistér para viver, assim tambem é preciso purificar este paiz desta praga maldita de selvagens, para nella poder vingar a boa cultura da fé e da civilização. Não posso portanto deixar de applaudir a vossa acertada lembrança, e dar-vos por ella os meos parabens!..

Alguns Cavalheiros -- (*emquanto entre outros circula um sussurro de desaprovação.*) Sem duvida !... Parabens, Senhor Capitão-mór.

(*Uma voz do lado de fòra*) Morte !... morte ao carrasco !

Diogo de Mendonça — (*desembanhando a espada*). Quem será o atrevido ?

1.º Cavalheiro — Que audacia !... de quem será esta vóz !..

2.º Cav. – De quem quer que seja não é de certo de bom agouro — (*Parte dos cavalheiros se dirigem às janellas, outros sahem pela porta do fundo, com a espada em punho*).

2.º Cav. — (*depois de ter-se debruçado á janella, olhando para todos os lados*). Ninguem vejo: o maldito, quem quer que seja, evaporou-se como um sonho !..

Diogo de Mendonça.—Senhores, não vos encommodeis ... conheço esta vóz; é de um velho indio, que as vezes por aqui anda vagando como um phantasma, e que o vulgo respeita como nigromante, ou feiticeiro; seremos por ventura creanças para termos medo de seos agouros? é um vizionario, um louco: não vos dê isso cuidado.

SCENA 2.ª

Diogo de Mendonça, só.

D. de Mendonça—Vóz sinistra, na verdade!... parecia sahir dos tumulos!

Confesso que tremeria, se fosse possivel hoje eu ter medo de cousa alguma neste mundo... Mas o vil feiticeiro irá fazer companhia ao trahidor Henrique;... será mais um dependurado para solemnisar este dia que devia ser o dia do amor, e tornou-se o dia do odio e da vingança! vingança atroz, na verdade, mas necessaria!... E esses que me veem tranquillo e satisfeito na apparencia, e com o sorriso de felicidade nos labios, mal sabem quanto fel me ferve no coração! mal sabem que ulcera negra e profunda encobre essas flores festivas! Oh! essa

mulher, que de mim zombou tão cruelmente, que a mim prefirio um vil selvagem, a quem vergonhosamente prostituio seu coração, essa mulher que desdenhou meo amor, será hoje forçada a acceitar o meo jugo. E só quando tiver largamente expiado os seus erros, quando, envergonhada e arrependida, cahir a meos pés, implorando perdão, só então serei seo esposo; do contrario serei sempre seo algoz!... E quem sabe? muito pode o tempo e a reflexão: talvez purificada no altar pela benção celeste, que nos vae unir, sua alma se regenere, e a tresloucada donzella se torne uma digna e estimavel esposa. Deos assim o permitta! — (*Chegando-se a janella*) Que fazem estes senhores cavalheiros!... Quererão bater toda a capitania em busca de um velho louco?... se Julião aqui se achara, aposto que já teria descoberto o insolente... E que é delle?... que será feito de Julião, que ainda hoje não o vi? Quando todos me rodeião, e me felicitão, só o meo fiel Julião não me apparece!... Onde estará elle?... cumpre-me sabel-o. (*Sahe pela porta do fundo*).

SCENA 3.ª

Elvira e Maria, que entram pela porta do lado.

Elvira — Oh! Maria, minha boa Maria, eu soffro muito!... não sei que será de mim! quanto me custa este tremendo sacrificio!... o altar é para mim mais lugubre que o patibulo ao condemnado!...

Maria — Bem vejo senhora, quanto sois digna de lastima!... se fosse possivel, eu tomava para mim metade de vossos desgostos para não vos ver soffrer tanto. —Tão bella, tão moça, e já tão desgraçada!... Ah! que só o tempo e a ternura do vosso esposo vos poderão enchugar estas lagrimas!...

Elvira — Não, Maria; só a morte. (*Senta-se em um espaldar, toda absorvida em seos tristes pensamentos*).

Maria — (*aparte*) Onde terão ido o snr. Diogo de Mendonça e estes senhores que assim deixão deserto este salão?... que motivo teriam para sahir, quando aqui nos devião esperar?...

Bem me pareceo ter ouvido aqui um rumor extraordinario. (*Chegando se á janella e recuando depois espavorida e tapando os olhos com a mão mas com voz abafada para não ser ouvida por Elvira*) Ah! meo Deos! é elle! é o pobre Henrique!... o homem cumprio a sua feroz promessa! pobre de minha ama!... apezar de nunca approvar seo louco amor por esse selvagem, quanta pena tenho della! é bem máo este meo novo amo!... eu mesmo me sinto transida de horror! Ah! que será della?... como occultar-lhe aquelle horrivel espetaculo?!...

Elvira — (*sahindo de suas reflexões*) Não; — não sobrevivirei muito á este terrivel golpe!... a dor me matará.

Maria — (*aparte*) Meo Deos!... ter-me-ha ouvido! (*alto*) Tende coragem, senhora; vivei, que o tempo trará remedio aos vossos soffrimentos; tudo se esquece....

Elvira — Eu nunca me esquecerei nada. — Meo pae, tu me impozeste na hora do passamento este duro e amargo sacrificio!... pois bem; eu me resigno; cumpra-se a tua vontade, já que assim era mister para o eterno repouso de tua alma. Sim, desposarei Diogo de Mendonça, mas acceital-o-ei como um castigo do céo, como uma terrivel expiação, a que me condemna o destino, como um algoz que me vem punir. Serei desgraçada, mas não o serei por muito tempo, que em breve succumbirei ao peso de tamanho infortunio. — E Henrique!... ah!... meo Deos!... quantos sustos!... quantas agonias á um tempo!... sabes, Maria, o que è feito de Henrique?...

Maria — (*com embaraço*) Não sei... mas, senhora... naturalmente deve estar em sua prisão.

Elvira — (*com desasocego*) Em sua prisão?!... estás bem certa disso, Maria?... (*Aparte, com afflicção*). Hontem não queria fugir o louco!... quem sabe deixou-se matar?... (*Atlo*) Maria, não te consta que elle fugisse?..

Maria — Nada tenho ouvido dizer... mas... talvez.. quem sabe?...

Elvira — (*com anciosa inquietação*). Não sabes nada? ah!... que incerteza cruel! Maria, esse homem malvado tinha jurado immolal-o á sua ignobil vingança; quem sabe não terá cumprido sua horrivel ameaça?!... (*Dirige-se para a janella*).

Maria—(*procurando desvial-a da janella*) Esquecei-vos disso, senhora! vosso esposo não é capáz de semelhante crueldade. Elle só deseja que se lance um veo sobre o passado. .

Elvira—Mas um veo de sangue!...

Maria—Não; de um generoso esquecimento. Vêde como seo procedimento é delicado para comvosco, que nem vos toca nesse melindroso ponto, porque sabe respeitar a chaga profunda de vosso coração, e espera que o tempo e a vossa virtude trarão remedio a tudo.

Elvira—Ah! Maria, onde tu não vês senão um rasgo de delicadesa, eu distingo bem claros os effeitos de uma fria e calculada maldade!... Elle o prometteu, Maria, elle é capaz de tudo! oh! Henrique!... meu pobre Henrique! (*Procura ainda dirigir-se a janella*).

Maria—(*procurando ainda distrahil-a. e desvial-a*). Ah! senhora! escutae-me; agora me lembro; disseram-me que Henrique fugira esta noite.

Elvira—Fugiu?... fallas a verdade, Maria?

Maria - Sim, senhora, fugiu.

Elvira—Oh! não te acredito: queres me enganar (*Dirige-se a janella sem attender a Maria*).

Maria—(*com affição*) Senhora! retiremo-nos daqui... elle fugiu; sou eu quem vos assegura...

Elvira—(*recuando horrorisada*) Ah! Maria!... Maria!... soccorre-me... eu morro!... (*Arroja-se palida e aniquilada sobre um .espaldar*)

Maria—(*acudindo assustada, e sacudindo brandamente Elvira*) Senhora!... Senhora!... que tendes?... vamos!... não vos assusteis por tão pouco, minha querida ama! não é nada; não penseis que é Henrique, que ali vedes... ha tantos indios... é outro qualquer... não é a primeira vez, que ali si manda justiçar os indios malfeitores.

Elvira—(*tornando a si com voz suffocada de dor*). Cala-te, Maria; em vão procuras ainda illudir-me!...

Marta - (*com ternura*) Acreditae-me, minha querida ama; não vos illudo.

Elvira—(*reassumindo subita e sinistra energia*) Cala-te, que baldados serão os teus esforços para enganar-me: sei tudo (*com o riso ironico do desespero*) Oh! Senhor Diogo de Mendonça, sois na verdade um cortez e bravo cavalheiro!... sabeis obsequiar com a delicadesa do mais extremoso e terno esposo!... Mas ficae bem certo que saberei corresponder dignamente, e retribuir-vos o galanteio com outro, que de certo não vos será desagradavel.—Maria, vae buscar o cofresinho de minhas joias; estou muito simples, não te parece?... devo me adereçar mais ricamente; não é assim que devo me apresentar aos olhos de um tão enamorado e galante esposo. (*Maria sahe*) Oh! infame carrasco, não esperes gosar do teu ignobil triumpho. Desposar-te-hei, que esse amargo sacrificio eu o devo ás cinsas de meu pae: mas eu juro por essas mesmas cinzas, juro por aquella innocente victima da mais baixa e da mais atroz das vinganças, serei tua esposa um só instante, e tu não arrastarás para o leito nupcial sinão um frio cadaver!... Sim, que de ha muito estou prevenida!... cuidavas, que, qual ovelha timida e submissa, eu iria affagar as garras ensanguentadas do tigre?... Daqui a alguns momentos serei tua;... alguns instantes mais estarei com Henrique na eternidade!... Oh! Henrique, meu infeliz e amado Henrique, antes comtigo no tumulo, do que com elle sobre um throno!

Maria—(*entrando e depondo sobre a mesa o cofre das joias*) Eis aqui, senhora, adereçai-vos como vos approuver, e sobre tudo tratae de tranquillizar-vos; tende animo, enxugae essas lagrimas...

Elvira—Lagrimas!... quem m'as déra!... não vês que o fogo do desespero já as seccou?...

Maria — Ah! não desespereis, minha querida ama. Deos é bom, elle se compadecerá de vós, e dará allivio ás vossas dores. Tranquillisae esse coração e preparae-vos, que se avisinha a hora de ir para a Capella.

Elvira — (*abrindo o cofre*): Sim, Maria, tens razão; pódes ir dizer ao sr. Diogo de Mendonça que sua esposa se acha prompta para ser conduzida ao altar. (*Maria sahe*)

SCENA 4.ª

Elvira, só.

Elvira — (*tirando do cofre um frasquinho*) Eis a joia que eu procuro! joia de inestimavel valor, e que eu hoje não trocaria por todos os thesouros do mundo! e cujo preço só conhecem os desgraçados como eu!—é a joia do esquecimento e do repouso eterno!— (*Vae beber o veneno, mas ao leval-o aos labios, para, estremce, e hesita*) Oh! meu Deus! que vou eu fazer?.. morrer! com o coração a transbordar de vida, de mocidade e de amor... e este amor que me escalda, estas angustias que me anceião, todo este fogo que me devora, apagarem-se eternamente no seio gelido da morte?! entregar meu corpo aos vermes do sepulchro,... e minha alma... a quem? ah!... (*Estorcendo convulsivamente as mãos, e erguendo ao céu os olhos angustiados*) Oh! meu Deus! meu Deus! piedade!... (*pausa*) Não tenho coragem para morrer: tela-ei acaso para viver?... a morte me aterra; mas a vida... ah! a vida me é insupportavel! (*Dá alguns passos para o lado da janella e olha para fóra*) Não é elle? .. não é Henrique que ali está?!... que alli, por meu amor soffreu morte ignominiosa?... e eu, covarde! eu ainda vacillo!... Perdoa-me, Henrique; perdoa, se um momento hesitei em seguir-te.—(*Chega-se á mesa, empunha com resolução o veneno, e bebe-o*) Está sellada a minha sentença!... sou do tumulo!... que venha agora o monstro desposar a morte.... apartar em seus braços um cadaver! A campa!... eis o thalamo que meu amor lhe destina! é ahi, que sua esposa vae dormir a noite nupcial!... Sim, daqui a alguns instantes estarei morta!... morta!... Ah meu Deus! perdoa-me: eu não podia viver... (*Ouve-se do lado de fóra um ruido extraordinario, que vem-se approximando, gritos, tiros, retinir de espadas, abalroamento de tacapes, sons de inubias, e de maracas, etc.*) Que estranho ruido é este? Céus!... será isto já o delirio da mor-

te?... Oh! não; é guerra! a guerra com todos os seus horrores! são gritos de morte e de vingança! ah! meu Deus! meu Deus! são os selvagens.

SCENA 5.ª

Elvira e Henrique, que se precipita na sala com um punhal na mão.

Elvira — (*dando um grito de espanto*) Henrique!...

Henrique — (*com voz troante*) Não é Henrique, não; é Jurupema!...

Elvira — (*com pasmo*) Tu aqui, Henrique! Surgiste acaso do tumulo?... ou será o delirio?!...

Henrique — Não; não é delirio; é o premio de tua perfidia!

Elvira — Ceus! não és tu, pois, que meus olhos estão vendo alli suspenso naquelle patibulo?!...

Henrique — (*com terrivel sarcasmo*) Assim o desejaveis, minha nobre senhora!... mas, emquanto dormieis tranquillos, sonhando venturas, e esperando accordar aos sons de hymnos de festa e de alegria, o misero trahido, de cujos olhos ardentes de desespero o somno fugira para sempre, velava não longe daqui, aguardando a hora de accordar-vos aos sons de gritos de morte, e aos lampejos do punhal da vingança!...

Elvira — (*aterrada*) Ah!...

Henrique—Assim pois, o carrasco converteo-se em paciente; a victima de hontem é o algóz de hoje. Aquelle cadaver, que lá vês pendurado, é o do vil Julião, do mameluco querido de teo nobre esposo. Esse miseravel, dando pela minha falta, batia os campos em minha procura: encontrou-me e encontrou a recompensa de seus serviços! E emquanto de longe applaudieis a minha morte, eu marchava á frente dos bravos da floresta, cahia sobre os vossos dispersos e desapercebidos, espalhava o susto e a morte, e por fim embebia meo

punhal sequioso no coração de vosso feliz amante, e, saltando por cima de seu cadaver, aqui me apresento agora...

Elvira — Para matar-me tambem; não é assim, Henrique? Matar-me.... que mais te resta agora, senão matar-me, a ti, que me trahiste, que tão cruelmente me enganaste? Mata-me ... mas espera;... não será preciso: teos desejos serão cumpridos, sem que manches tuas maõs em meo sangue. Mas antes que eu morra, Henrique, escuta-me, e tu me perdoarás! Henrique, eu te amo; eu te amei sempre, eu te amo mais que nunca...

Henrique—Não o creio! não esperes mais embair-me, com a doce peçonha de tuas palavras; tuas palavras são mentira, é mentira o teo amor!

Elvira — (*com angustia*) Ah! não, não! acredita-me, Henrique, eu te amo. Eu era forçada a desposar Diogo de Mendonça; era minha mão só, que eu lhe dava; porém o coração, como havia eu dar-lh'o, se elle a tanto tempo te pertencia?... Um tremendo juramento que meo pae arrancou-me no momento de morrer, me ligava inexoravelmente a esse homem, que eu detestava: eu ia cumprir esse legado de lagrimas que deixou-me; mas, a despeito de tudo, eu te amava, Henrique, eu te amo muito!...

Henriqne - Elvira!... ah!... irei ainda uma vez ser illudido?! ... Por piedade ao menos não zombes mais commigo.

Elvira — (*tirando do seio um ramo de flores murchas*) Já que me não acreditas, Henrique, sejão testemunhas estas murchas flores,... estas flores queridas, que um dia tu me deste, e que até conservo sobre o coração!...

Henrique—(*largando o punhal e precipitando-se aos pés de Elvira*) Elvira, minha Elvira perdoa-me! bem me dizia o coração que tu não podias enganar-me!... (*levantando-se*) Oh! estas flores!... (*tomando as flores*) Dá-me estas flores queridas, penhor de tua lealdade! quero beijal-as, quero tambem apertal-as ao coração. Vinde ao meo seio, vinde, bellas flores do amor e da lealdade, hoje entregaes a meus braços o anjo que um dia em sonhos me prometestes!...

Elvira — Não vês como estão murchas ? ah ! que o sopro da morte mirrou-as para sempre, e as flores da esperança converterão-se em grinalda da morte !

Henrique— Oh ! não !... já que me amas, Elvira, nada hoje pode estorvar a nossa felicidade !... serás minha ! — (*com singular exaltação*) Hoje sou eu o chefe dos bravos : meo braço empunha as armas invenciveis do terrivel Pirajiba : mil valentes guerreiros acodem á minha voz, e obedecem ao meo mando : ei-los que vão levando de corrida os inimigos vencidos, e derramando o susto, e a morte !... O terror precede o meo nome ; a victoria marcha ao meo lado. Quem terá a louca audacia de contrastar o meo poderio ? Hoje sou eu o rei das selvas ! Vem, Elvira, vem, corre a meos braços, vem ser raïnha commigo ! Ou, se mais te aprás, farei voltar esses guerreiros para suas selvas, deixarei nas brenhas o tacape de cacique, pendurarei de novo na caverna do pagé as armas invenciveis de Pirajiba, e voltarei ainda a ser o teo escravo, o teo fiel Henrique ! Vem, Eivira, de qualquer sorte que queiras, nas cavernas ou nas florestas, á sombra da taba do indio, ou na habitação do luxo, em toda parte seremos felizes !... muito, muito felizes !

Elvira — Ah !... mais que nunca somos desgraçados !.. .escuta ; não sabes ainda tudo... Neste momento o altar nos aguardava... eu ia ser delle para sempre...

Henrique — E para sempre delle nos livrou o meu punhal !

Elvira — (*com voz febril*) Eu hia cumprir um voto horrivel, mas sagrado... e julgando-te morto... eu ia vingar-me a mim e a ti... dentro em pouco eu seria sua esposa... estava cumprido o juramento ! alguns instantes depois... ah ! eu estaria no tumulo comtigo... cometti um crime... um crime enorme de que já soffro a horrivel punição .. Ah ! Henrique ! Henrique !... porque não fugiste ?... porque assim enganastes a tua Elvira ?... Agora sabe .. para tua punição... que te amo... e que estou morta ! !...

Henrique — (*com anciosa inquietação*) Elvira!... minha querida Elvira ! que tens ?... falla... que crime commetteste ?...

Elvira — (*com voz cada vez mais cortada e febril*) Bebi o veneno... bebi a morte...

Henrique — (*com indizivel angustia*) Ah! louca!... louca! que fiseste!

Elvira — Henrique, perdoa-me... tem dó de tua Elvira, que morre...

Henrique — Não; não! Elvira... não morrerás... (*toma-lhe ambas as mãos e a fita com anciedade,*) (*aparte*) Meu Deus! como ella soffre!... que palidez sinistra!... (*Alto*) Elvira!... olha o teo amante, que aqui está para salvar-te, ou para morrer comtigo!... não desanimes! ainda haverá remedio... Elvira! tu soffres muito?...

Elvira — (*com vos cada vez mais arquejante e extincta*) Não... tranquilisa-te, Henrique... mas... não ha remedio... eu morro... ah! que tortura!... morrer sabendo que és vivo... vendo-te, ouvindo a tua voz!... no mesmo dia achar-te, e na mesma hora... passar duas vezes pela dor de perder-te!... ah!... só isto bastava... para matar-me!... Nem no tumulo... onde ia procurar-te... nem no tumulo... me é dado unir-me a ti!... (*reforçando a voz com desespero*) Ah! que destino!... que destino cruel!...

Henrique — Elvira!...

Elvira — Henrique!... que anciedade!... como me pesa... esta cabeça!... Henrique, ampara-me.. ampara-me. (*Deixa cahir a cabeça sobre o peito de Henrique, que a sustenta no braço e a contempla, desvairado de dôr*) Uma nuvem... se estende, ante os meus olhos... já sinto o frio da morte... invadir-me o coração... Henrique... meu unico... meu derradeiro amor... adeus... eu morro... adeus... ah!... (*Seo corpo se quebra languido nos braços de Henrique, que a sustenta vigorosamente*).

Henrique (*agitando o corpo de Elvira*) Elvira!... Elvira!... ah! está morta! (*fica na mesma attitude, mudo e como petrificado pela dor*).

SCENA 6.ª E ULTIMA

Os mesmos, selvagens e o Pagé

Selvagens — (*entrando de tropel na sala e gritando com voz atroadora*) Victoria ! victoria ! Vivão os Potigoares ! viva o nosso chefe ! viva Jurupema ! viva ! viva !...

Henrique — (*com força*) Morra !... morra o desgraçado Jurupema ! (*Apunhala-se e cahe abraçado com Elvira nos braços dos selvagens que o rodeião*).

Pagé — (*levantando as mãos ao céu, com voz lugubre e forte*) Acabou-se a nação dos Potigoares !...

FIM

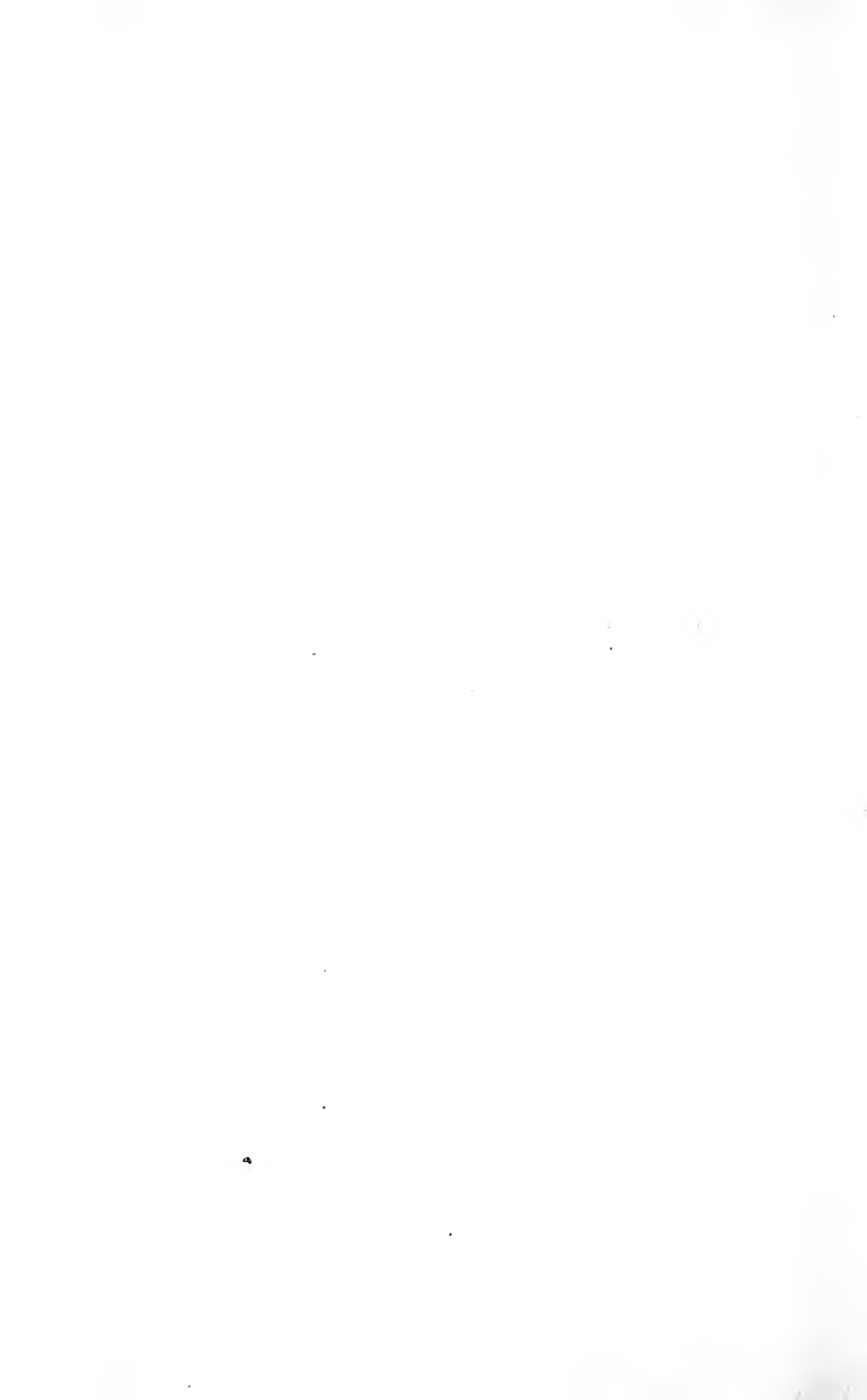
« Visto pela censura. Secretaria do Conservatorio Dramatico Brasileiro, em 21 de Janeiro de 1860.

P. I. do Rosario.»

Tem mais a seguinte licença — «De accordo com a censura, auctoriso a representação d'este drama. 21 de 1.º de 1860.

F. Martins.»

Em todas as paginas tem o carimbo do Conservatorio Dramatico Brasileiro.

BERNARDO GUIMARÃES

(ROMANCISTA)

BERNARDO GUIMARÃES

(ROMANCISTA)

O romance, no Brasil, conta no numero de seus cultores mais de um nome notavel: José de Alencar; Escragnolle Taunay, Macedo, Aluizio Azevedo, Affonso Celso, Coelho Netto, Arthur Lobo e muitos outros enriqueceram e continuam a enriquecer a literatura patria com admiraveis trabalhos que hão de ficar, para sempre, como um brilhante attestado da pujante intellectualidade desses romancistas brasileiros.

Entretanto, a esses grandes nomes, póde ser juntado, porque a elles se nivela, quando a muitos não exceda, o do escriptor do *Mauricio*, da *Escrava Isaura* e do *Garimpeiro*, — esse Bernardo Guimarães extraordinario em que não se sabe o que mais admirar — si o espirito de observação admiravel, si o colorido e a fluencia das phrases, si a habilidade com que soube explorar os assumptos nacionaes e, principalmente, mineiros.

Nunca existiu no Brasil um romancista mais brasileiro do que Bernardo, e em Minas nenhum outro tão mineiro.

Vamos dar a conhecer ao leitor um por um dos romances publicados pelo illustre romancista mineiro que, mais fertil ainda no romance do que na poesia, nos legou obra de grande folego e que parecem destinadas a perpetuar na literatura brasileira o nome de seu glorioso autor.

Não guardaremos a ordem da publicação desses romances, mas falaremos de todos elles.

Mauricio ou Os Paulistas em S. João d'El-Rey — é um trabalho magnifico e está dividido em dois volumes, ou melhor, em trez, porque o livro posthumo de Bernardo — « O Bandido do Rio das Mortes » nada mais é do que complemento do *Mauricio*.

Nesse livro encontram-se paginas admiraveis que seduzem, encantam e arrebatam o leitor.

Ora uma descripção perfeita e modelar dos nsssos sertões bravios, da vida e costumes dos indigenas, ora um estudo feito, a rigor, do caracter dos primitivos babitantes da nossa terra e d'aquelles que, attrahidos pela fama da riqueza de nossas minas, para que se encaminhavam em busca de ouro e pedras preciosas ; tudo, emfim, por tal fórma descripto e narrado que é uma verdadeira delicia poder alguem ler, calma e vagarosamente, esse romance interessantissimo.

« Mauricio » é um livro que por si só bastaria para dar nomeada, e grande nomeada a um escriptor.

Ha tambem nesse romance creações encantadoras, bastando citar esse typo ideal de mulher — Leonor — a filha do capitão-mór e enamorada de Mauricio.

Leonor tem no romance um papel saliente, e é de se ver com que vigor de imaginação, com que rara pericia Bernardo traz para os nossos sertões uma fidalga bem educada e linda e lhe dá figura de tanto destaque nos acontecimentos narrados em seu livro.

Accresce ainda que « Mauricio » não é apenas um livro de phantasias; ha nelle, é certo, muita cousa creada pela portentosa imaginação do autor, mas muitos factos ahi narrados, como a lucta entre paulistas e *emboabas*, o odio de Nunes Vianna a Amador Bueno, a sympathia dos indigenas pela causa dos paulistas aos quaes se alliavam contra os portuguezes, além de outros, são a expressão genuina da verdade.

A gruta de Irabussú, que Bernardo tão magistralmente descreve como sendo o quartel-general dos paulistas e indigenas revoltados contra o capitão-mór, ainda lá está, per-

to de S. João d' El-Rey, para ser vista e apreciada por quem quizer.

Si não nos trahe a memoria, os illustres escriptores Arthur Azevedo e Carlos de Laet, além de outros, já visitaram essa gruta, escrevendo a respeito da visita umas tantas paginas admiraveis.

Nem tudo em « Mauricio » é phantasia, dissemos, mas pode-se affirmar que tudo nesse livro é estupendo.

E' certo que uma revisão desleixada muito afeia o trabalho do maior romancista mineiro, mas consola-nos a esperança de que a Casa Garnier, nas futuras edições, não só do « Mauricio », como dos outros livros de Bernardo Guimarães, todos victimas da mesma revisão — terá maior capricho, a bem mesmo dos interesses da casa editora, na escolha do revisor desses trabalhos.

*

Rosaura — fórma um grosso volume de 572 paginas.

Nelle se encontram tambem paginas brilhantes, por vezes tão brilhantes e sentimentaes como em « Mauricio », porém menos vigorosas.

E' um romance de amor e ao mesmo tempo o estudo de uma época, muito bem feito e acabado.

A scena, ou melhor, as scenas desenrolam-se nessa soberba Paulicéa, então pequena mas já florescente cidade, com a sua Academia, alguns de seus magnificos templos e outros estabelecimentos que ainda hoje fazem honra á terra de Amador Bueno.

E' um livro cheio de lances dramaticos, de scenas rapidas e commovedoras e que a agente lê, por vezes, com os olhos anuveados pelas lagrimas.

Quem conhece hoje a bella capital paulista, sem duvida uma das mais lindas e importantes cidades do mundo, verá pela leitura desse livro de Bernardo Guimarães quanto progrediu em pequeno lapso de tempo, relativamente, essa cidade, e lerá com prazer, a descripcão que o romancista mineiro faz da antiga e patriarchal S. Paulo de 1845.

Obra realista, *Rosaura* não é por certo o que se póde chamar um livro immoral.

Modelado algum tanto á feição da escola franceza de Paulo Bourget, Flaubert etc, *Rosaura* não deixa, comtudo, de ser um livro brasileiro, pelo estudo da época em que os factos nelle narrados se deram e, ainda mais, pelo estudo, ou, si o quizerem, pela creação dos personagens que nesses factos tomaram parte.

Livro sentimental, romance de amor, como já o dissemos, *Rosaura* é a producção de uma alma nobre e patriotica, encontrando-se em suas paginas, por vezes, as mais acres censuras a costumes e habitos menos severos, e, principalmente, golpes profundos nessa miseria que foi a escravidão em nossa terra.

*

A Ilha Maldicta e o *O Pão de Ouro* — formam um só volume; o primeiro é um romance primoroso; o segundo, antes um conto do que um romance, já pelo enredo, já pela forma breve em que é escripto. *A Ilha Maldicta* é, talvez, o romance em que Bernardo Guimarães despendeu maior esforço de imaginação de quantos creára o seu grande talento de romancista.

E' um livro adoravel!

Suas paginas, em geral, são de uma fluencia e um colorido inimitaveis, prendendo desde o primeiro momento a attenção do leitor. Nesse livro, ao contrario do que se dá em *Mauricio*, tudo é phantasia, pura e simplesmente phantasia, mas phantasia brilhante e genial.

A linguagem é ahi muito mais cuidada do que nos outros livros, dos quaes já nos occupámos; vê-se mesmo que o autor teve mais preoccupação com a fórma, como que para mais realçar a belleza de sua grandiosa phantasia.

A Ilha Maldicta é, em summa, um livro excellente, e que, infelizmente, não é tão conhecido como era de justiça que o fosse.

Pelo exemplar que temos á vista, não se sabe mesmo si o magnifico trabalho passou da primeira edição.

E' bem possivel que tenha passado, mesmo porque a Casa Garnier, nesse particular, não é das mais zelosas ; livros ha de Bernardo de Guimarães, dos quaes o sr. Garnier é editor-proprietario, si não nos enganamos, e nos quaes apenas se lêm estas palavras nas respectivas capas: — Nova edição — mas não diz si é 2.ª, 3.ª, 4.ª, ou que edição é.

Porque assim procede a conceituada Casa Garnier, uma das emprezas editoras que maiores serviços tem prestado ás letras brasileiras?

Sabel-o-emos, talvez, mais tarde.

*

A Escrava Isaura é um bello livro.

Traçadas por mão de mestre, suas paginas, cheias de vida e fulgor, deleitam e arrebatam ao mesmo tempo.

Bernardo faz nesse livro, ao mesmo tempo, como que a apotheose do Amor, da Liberdade e da Belleza.

Do amor — quando nos descreve a paixão incoercivel de Alvaro pela escrava Isaura, paixão que não se acalmou nem mesmo depois que soube da triste condição social de sua amada, antes recrudesceu violentamente, tornando-se um mixto de amor e piedade; da Liberdade — quando nos narra as scenas vergonhosas da escravidão — e então Bernardo dá largas a seu coração magnanimo, mostrando-se um dos nossos mais intelligentes e sinceros abolicionistas e faz de sua penna, em phrases cheias de indignação, um instrumento de combate ao ignominioso captiveiro dos nossos irmãos; da Belleza, emfim— quando celebra as graça e os encantos dessa infeliz escrava que, após os mais turturantes soffrimentos, quando Alvaro a torna feliz e a toma por esposa, calcando aos pés, num impeto de loucura amorosa, todos os preconceitos sociaes, ella — Isaura, a escrava, a martyr, a resistencia heroica que conseguiu á custa dos maiores sacrificios resguardar a flor da sua virgidade contra os assomos do sensualismo brutal do seu senhor, — ainda tem para seu algoz e para todos os seus uma doce

palavra de perdão, rogando a seu libertador que esquecesse todo o mal que lhe havia feito.

A Escrava Isaura é mais uma pedra preciosa do diadema resplandecente de gloria que circumdou em vida a fronte de Bernardo Guimarães, e um dos padrões impereciveis da justa immortalidade do genial mineiro.

A edição é magnifica: bom papel, feitura artistica, impressão nitida e revisão *mais ou menos* cuidada.

Mesmo assim, esta ultima bem merecia maior zelo dos editores, e, para não falar em outros *erros*, basta lembrar que um dos personagens, — que por signal em certa occasião, por fugir com sua filha á sanha dos senhor devasso, teve que mudar *de verdade* tanto o seu como o nome da filha, — tem ahi, por mais de uma vez, o seu nome mudado... por engano do typographo e pela desidia do revisor. (*)

*

Numa elegante brochura estão enfeixados os tres trabalhos de Bernardo Guimarães: — *A Cabeça de Tiradentes, A filha do Fazendeiro e Jupyra.*

O livro tem por titulo geral o seguinte: «Historia e Tradições da Provincia de Minas Geraes»; e, em caracteres menores, como partes do livro, os trabalhos acima referidos.

A Cabeça de Tiradentes é uma historia magistralmente narrada, e com *Jupyra*, que é um pouco mais que um conto, fórma como que a muldura em que se ostenta o bellissimo e estupendo quadro, que é *A Filha do Fanzedeiro.*

Este ultimo foi um dos primeiros romances que lemos em nossa vida e, relendo-o agora, devorando as —suas paginas com o olhar — não de critico que o não somos nem pretendemos ser, mas de admiradores do grande romancista que o escreveu e admiradores que querem com o seu esforço concorrer de algum modo para a maior gloria daquelle a quem admira, nos fez um grande bem esta nova leitura, que veio como que

(*) Leia-se «A Escrava Isaura» — cap. XII — pag. 137

despertar impressões já adormecidas em nosso intimo, deixando-nos ver, ao mesmo tempo, quão diversas foram essas impressões, tão diversas como as épocas em que as recebemos...

Romance para commover e commover intensamente, *A Filha do Fazendeiro* é uma joia literaria de apurado lavor.

Recommendamol-o, pois, aos amantes da bôa e sã literatura, como um dos mais completos trabalhos no seu genero.

*

O Indio Affonso é tambem mais um conto do que um romance, mas um conto a Eça de Queiroz—longo e bem trabalhado. E' leitura para uma hora, sem grande esforço.

Como o proprio autor declara no prologo de seu trabalho — *O Indio Affonso* é uma creação do romancista e nada mais.

*

Igualmente enfeixadas num só volume, que tem por titulo — « Lendas e Romances, » — encontram-se os seguintes trabalhos de Bernardo Guimarães: *Uma historia de Quilombolas, A Garganta do Inferno e A Dansa dos Ossos.*

Difficilmente, vendo-se a brochura, poder-se-á suppor que se trate de um livro em que se encontram tão interessantes trabalhos.

Imagine o leitor que a brochura, em sua capa azul, de ordinarissimo papel egual ao que é usado geralmente nas capas dos *roes de roupa servida*, não tem, siquer, o nome do autor nem o titulo do livro ! !

Pelo typo das letras, pela impressão, pelo papel empregado, vê-se logo que esse livro foi impresso ha muitos annos, e talvez não tenha tido outras edições precisamente por ter sido impresso de tal forma que, collocado nas vitrines, á vista do publico, este não poderá jámais suppor que elle seja o magnifico trabalho que é, e escripto por quem o foi.

Um livro bem impresso tem meio successo garantido, e as « Lendas e Romances » de Bernardo Guimarães bem mereciam maior cuidado na sua feitura material.

*

O Ermitão do Muquem ou A Historia da Fundação da Romaria de Muquem, na Provincia de Goyaz, é um livro interessantissimo.

Que descripções magnificas, que extraordinario poder de imaginação ahi revelado pelo romancista!

Prendendo a attenção desde a sua primeira pagina, *O Ermitão do Muquem* delicia e emociona vivamente, parecendo-nos talhado a ter muitas e muitas outras edições ainda, quando em nossa terra tiver nascido o gosto pela leitura das obras dos autores nacionaes.

*

O Garimpeiro não desmerece em nada o nome de Bernardo Guimarães, já consagrado pela publicação dos livros aos quaes nos temos referido.

E' como o *Mauricio*, *a Ilha Maldicta* etc, um romance magistralmente escripto.

E' ainda, ao que parece, o mais popular dos livros de Bernardo, pois quando alludimos a este perfil bio-biblio-literario, em rodas de literatos ou jornalistas, ouvimos logo a seguinte phrase: « faz você muito bem em escrever tal livro; é uma justa e devida homenagem ao autor do *O Garimpeiro* ».

*

Foi ficando, naturalmente, sem intenção nossa, para o ultimo — o emocionante livro de Bernardo: *O Seminarista*.

Esse romance achamol-o extraordinario! E' um livro escripto com um carinho e uma ternura de commover os mais resistentes.

O Seminarista é o *Eurico* brasileiro, ou mais ainda, mineiro — mas um Eurico menos phantastico, mais verosimil e interessante.

Não fôra o receio de prolixidade e de defeiarmos a obra do grande Bernardo, dariamos aqui um resumo, ao menos, do *O Seminarista*, mas não podendo fazer esse resumo de todos os outros trabalhos do talentoso romancista mineiro, julgamos mais acertado não fazer de nenhum delles.

Depois, repetimos, Bernardo é um *julgado* pela critica, pelo que a critica tem de mais elevado nas letras patrias.

O que é preciso é que os livros de Bernardo tenham leitores.

Basta que o leiam para que o admirem.

Entretanto, no Brasil, e o que ainda é peior—em Minas, ha ainda muita gente que se diz letrada e que nunca leu os romances do auctor do *O Seminarista.*

No tempo, então, em que viveu e escreveu Bernardo, os livros de escriptores brasileiros eram verdadeiros *alcaides* (como se diz em gyria commercial) para as livrarias.

Desgraçadamente, até hoje, ainda o povo brasileiro não se habituou a ler o que escrevem seus patricios.

Haja vista para o que se deu com o drama de Bernardo— *A Voz do Pagé*, por nós publicado nesta edição, drama que até hoje esteve inedicto por falta de editor que o quizesse atirar á luz da publicidade.

Sobre esse drama nada diremos propositalmente para que o povo o leia e o julgue.

E lembrar-se a gente de que o *Cyrano de Bergerac*, de Rostand, até 1910, já tinha uma tiragem de 343 mil exemplares.

Triste, como isto é triste... para aquelles que escrevem no Brasil...!!

Ahi está uma noticia ligeira e despretenciosa da grande bagagem literaria de Bernardo Guimarães como poeta e romancista.

Procurando fazer «uma obra necessaria», no dizer de Coelho Netto, e só comprehendendo a critica quando esta é praticada com o fim nobilissimo de apontar os defeitos da obra criticada, para que o autor os corrija em trabalhos subsequentes, ou para realçar as bellezas da obra para que o autor com maior enthusiasmo continue a produzir, é bem de ver que não a poderiamos exercitar com exito num livro como este.

Todavia uma especie de critica laudatoria aqui fica nas breves e sinceras palavras que escrevemos, após a leitura cui-

dada que fizemos de todos os trabalhos de Bernardo Guimarães.

Tendo em vista tão sómente concorrer para maior gloria do nome laureado do nosso patrono na Academia Mineira de Letras, daremos por bem empregado todo o nosso trabalho, si com este livro lograrmos pelo menos parte do ideal que acalentámos quando o escrevemos.

E para serem inscriptas na outra face do monumento que Minas deverá mandar erigir a seu filho illustre, — o grande romancista Bernardo Guimarães, lembramos estas palavras, que são o complemento das que lembrámos no final do nosso estudo sobre o poeta Bernardo Guimarães :

« *Este foi um dos maiores romancistas de seu paiz e o maior de sua provincia* ».

EPISODIOS

EPISODIOS

A titulo de curiosidade, transcrevemos aqui do jornal *O Oriente*, que por sua vez as transcreveu de um outro jornal, *O Cruzeiro*, as linhas que se seguem sobre Bernardo Guimarães.

O Oriente era um jornal que se publicava em Paraiso, Minas, e o numero que temos á vista é de 12 de Junho de 1881.

Transcrevamos, antes do mais, o cabeçalho desse jornal, que não deixa de ser interessante:

«O ORIENTE»

Semanario liberal, literario e Agricola.
REDACTORES.— A. Daniel do Prado e Cyro Gonçalves.
GERENTE E PROPRIETARIO —Daniel Franklin do Prado.
Assignaturas com sello ou sem sello: 10$000
Pagamento adiantado

Anno II—Paraizo, Minas, Domingo, 12 de junho de 1881—N. 2.

Como vêm, *O Oriente*, que era um jornal de pequeno formato, pois suas folhas não excediam em tamanho ás folhas de papel almaço, tinha a sua primeira pagina quasi toda occupada pelo cabeçalho e pela corôa imperial que se ostentava, nitidamente impressa, no alto da primeira columna.

Agora as linhas que encontramos no *O Oriente*: (*)

*

«E' natural que o Imperador, tencionando visitar esta provincia, se lembrasse de Bernardo Guimarães; e assim parece porque desde Barbacena pedia elle noticias do poeta, cu-

(*) Esta transcripção é feita «ipsis-verbis». N. do A.

jas poesias brilhão no céo da publica celebridade, emquanto elle mesmo vive em um canto da terra, na mais modesta obscuridade.

Em viagem de Barbacena a esta cidade, o Imperador e egualmente a Imperatriz, ião recebendo informações mais minuciosas do estado e do viver do illustre autor dos *Cantos da Solidão*.

Mas, quando referirão á Imperatriz que o poeta não tinha posição social, por pouco elevada que fosse, nem fortuna; que era casado e tinha cinco filhos, que vivia quasi só do minguado producto de seus romances; que tinha pretendido a cadeira de latim desta cidade, e se sujeitado a exame, e que esse emprego mesmo não pudera conseguir, aquella nobre senhora, a Imperatriz, não se esqueceu mais de Bernardo Guimarães e o poeta desventurado não lhe sahiu mais do pensamento.

Sabe-se que Bernardo Guimarães è muito modesto e até timido, e a tal ponto que nem é a ambição da gloria que o inspira.

Foram alguns seus colegas em S. Paulo, que fizeram publicar os *Cantos da Solidão*, a muito custo, copiando, colligindo e cordenando versos dispersos, escriptos a lapis pelas paredes e em pedaços de papel e costas de carta.

A parte que teve o poeta nesta publicação foi só o seu assentimento.

Nunca teve consciencia do seu genio; desconfia muito de si, e se o elogiam, em publico principalmente, foge e se esconde.

E' em grande parte devido a este seu natural, que elle não tem feito em sua vida particular uma carreira mais brilhante e mais feliz. Bernardo Guimarães nunca teve a menor tenção de ir á presença do monarcha, nem jamais lhe passou pela cabeça; mas alguns parentes e amigos o informaram de que o Imperador e a Imperatriz haviam durante a viagem por vezes pronunciado seu nome com muita consideração, e que não occultando sua admiração pelo poeta manifestavão o

mais possivel seus cuidados e o interesse que tomavão por Bernardo Guimarães.

O poeta sentio-se commovido e agradecido, e forão esses sentimentos de pura gratidão que o impellirão a cumprimentar S. S. M M., tão singelamente como o é sua alma, sem orgulhosa altivez, sem lisonjeira humildade. De feito, no dia seguinte ao da chegada do Imperador, á noite Bernardo Guimarães apresentou-se em palacio na intenção de felicitar S. S. M. M. e retirar-se.

Nesta noite a sala estava cheia e as recepções erão feitas sem a menor etiqueta, confusamente e no meio de algum sussurro. Os dezembargadores e uma commissão da assembléa provincial já se tinham apresentado, e o Imperador os tinha recebido e despachado mais familiarmente do que solemnemente. Chegou a vez de Bernardo Guimarães. O Imperador o reconheceu logo: apertou-lhe a mão, e após algumas palavras que ningnm ouvio, pois que ninguem prestava attenção, elle disse ao poeta em voz alta:— «Quero que me dê suas obras, e todas»—Mas eu não tenho nenhuma em casa.—Não importa, replicou o Imperador, eu as quero e m'as ha de dar, e todas. . .

Retirando-se o Imperador e sua côrte, e só tendo de voltar a esta cidade no dia 18, Bernardo Guimarães pediu ao Garnier suas obras todas, que lhe foram remettidas pelo correio ; de sorte que no dia 18 achava-se elle habilitado para satisfazer a exigencia do rei, mais significativa ainda e honrosa do que se fôra um simples pedido.

De posse de *suas* obras, poesias e romances, Bernardo Guimarães havia resolvido entrega-las elle mesmo ao Imperador ; e a occasião pareceu-lhe a mais propria para apresentar ás augustas pessoas imperiaes duas filhinhas suas, incluidos no numero de suas obras de arte aquelles dous fructos da natureza.—Elle me pediu minhas obras todas, dizia Bernardo Guimarães, e eu lhe apresentarei a Constancinha e a Izabelinha, deixando em casa os trez meninos que são muito traquinas. O Imperador tinha que partir no dia 21 ás 5 horas da ma-

nhã, e Bernardo Guimarães tinha determinado entregar-lhe os livros na noite de 20.

Desde que aqui constou que o Imperador tencionava visitar esta provincia, que começou a pensar-se logo no programma dos festejos e na recepção.

A lembrança de um baile ou de uma representação theatral não foi acceita, e assentaram as pessoas encarregadas do programma em offerecer a S. S. M. M. Imperiaes um concerto musical, que teve logar na noite em que Bernardo Guimarães pretendia fazer ao Imperador a entrega de seus livros.

O dr. Gorceix havia dias antes proferido um douto e brilhante discurso, que teve por assumpto nossas riquezas mineraes, e era justo qua a provincia musical tambem apparecesse em scena. O concerto musical teve logar na mesma sala em que aquelle professor tinha feito a conferencia; e os accentos harmoniosos da orchestra resoarão no mesmo recinto em que, poucos dias antes, haviam brilhado os topazios, as amethistas, os crepolitas, os diamantes da Escola de Minas.

A sala é, bem conheces, a das sessões da assembléa provincial, espaçosa e toda branca.

O presidente, elle mesmo tinha convidado por cartas muitas familias; mas para o resto do povo masculino a entrada era franca e bem vês que não devia eu deixar de aproveitar-me deste indulto. Entrei no corredor e deixei-me ficar junto á primeira porta, que dá entrada para o salão. Logo depois entrarão o Imperador e a Imperatriz e seguirão ao longo do corredor ou galeria, e forão ter a uma sala interior, donde fizeram sua entrada no salão por uma porta ao lado direito da mesa do presidente da assembléa. A orchestra executou logo um *pot-pourri*, no qual brilharão duas clarinetas concertantes, cujas notas melodiosas transportarão o audictorio dos azedumes dos discursos politicos ás delicias de um palacio de fadas. Além da execução e timbre puro, e permitta-me que o diga, quasi celeste das clarinetas, todos os demais instrumentos cantarão cada um o seu solo, ou mostrarão-se em relevo nessa miscellanea encantadora.

Logo que as ultimas notas expiravão, eu estava fóra de mim em uma especie de extasis ideal, que eu mesmo não sei definir. Executada esta abertura dà festa musical, uma pianista executou com summa perfeição uma peça que muito agradou; mas tinha apenas se levantado do piano sob uma chuva de applausos, que eu senti uma mão apertar-me o braço, e voltando a cara reconheci o engenheiro Francisco de Lemos. — « Quer ir beber um copinho de champagne muito bom » ?— disse-me elle. — Mas eu não quero perder minha musica. E' longe? Não senhor *Timon*, é perto, seis minutos. Chegamos á porta de uma casa, entramos em um corredor, elle sempre adiante; subimos uma escada, que nos levou a uma sala deserta e sò povoada a mesa, de algumas garrafas de vinho e de um prato de biscoutos. Sentamo-nos. Mal tinhamos nós sentado entrarão Bernardo Guimarães, um doutor em medicina e um tenente-coronel, ao todo cinco convivas.

Bebidos alguns tragos de champagne, Bernardo Guimarães começou a nos communicar os apertos em qne se via naquelle momento, na impossibilidade de poder elle mesmo entregar as suas obras ás mãos do Imperador.

Não tinha podido fallar-lhe ás 7 horas; não podia se lhe apresentar na sala, onde se dava o concerto, elle desejava o menor numero de testemunhas possivel no acto da entrega de seus livros. Depois do concerto seria imprudencia tentar reter o Imperador no salão, entretanto que elle se retirava no dia seguinte ás 5 horas da manhã. *Tout est perdu*, disse o afflicto poeta, bebendo um copo de champagne, até a honra por ter faltado á minha promessa. Após alguma discussão entre os cinco membros do Conselho, o caso ia ser julgado desesperado, quando o dr. Lemos levanta-se, toma a Bernardo Guimarães pelo braço e lhe diz: Vamos sr. Bernardo, eu arranjo tudo; hoje mesmo ha de fallar ao homem e entregar-lhe suas obras. Desceram as escadas precipitadamente, e pareceu-nos, a nós que ficavamos, que o poeta ia arrastado pelo engenheiro.

Nós ficavamos aguardando que o poeta e o engenheiro voltassem para junto do champagne a nos darem parte do exito da empreza. Passada boa meia hora, retirei-me e, achando-me na rua, dirigi meus passos para a sala do concerto, reflectindo com pezar na bella musica que o champagne fizera perder, e ancioso por saber si Bernardo Guimarães havia sido bem ou mal succedido.

Logo ao entrar na galeria li em todos os semblantes o contentamento e jubilo que respiravão, e ouvi de muitas bocas expressões enthusiasticas pela scena séria, tocante e sublime, em que figuraram principalmente o Imperador e o principe dos poetas mineiros. E' o que passo a referir-te, com bastante pezar de não ter sido testemunha de vista. Bernardo Guimarães fez sua entrada no salão pela porta que já te fallei, á direita da mesa do presidente da assembléa, tendo antes se preparado e tomado animo em uma sala menor, da qual se sahe por esta porta para entrar no salão. O poeta conduzia pelas mãos as duas meninas, uma de um lado outra do outro, e alguem trazia uma bandeja contendo os livros, que deveriam ser entregues por uma dellas. O imperador, em pequena distancia da porta, avistou logo a Bernardo Guimarães, as meninas e os livros; e mesmo sem estar prevenido advinhou o que o poeta delle pretendia; e levantou-se e marchou para o lado da porta. Todos suppuzeram a principio que o Imperador ia retirar-se e toda aquella assembléa se poz de pé. Mas quando o poeta aos primeiros passos appareceu, notou-se um susurro que denotava a impressão que elle causara em todos que alli se achavão.

Elle estava todo trajado de preto e as meninas trazião vestidos brancos curtos. Nem uma condecoração se via em seu peito, nem uma flor no cabello das meninas, nem uma fita em seus vestidinhos.

Como marchassem um para o outro, o Imperador tomou com as suas as mãos do poeta e apertou-as com força e visivel effusão. Todos ficaram commovidos e muita gente derramou lagrimas. O Imperador conversou alguns instantes

com Bernardo Guimarães, tomou as meninas pelas mãos e as apresentou á Imperatriz, que tambem se tinha levantado.

Depois o Imperador e a Imperatriz sentarão-se no meio do mais profundo silencio. A Imperatriz acariciou as meninas pelas quaes tanto se tinha interessado antes de as ter visto, e o Imperador mandou que se tomasse nota de seus nomes.

Em seguida teve logar a entrega dos livros.

Talvez me tenham escapado algumas pequenas e insignificantes inexactidões, como é natural em actos que se passam rapidamente, o que pouco importa; mas o quadro, o essencial, ficou gravado na memoria de todos. Como já te disse, eu nada vi, assim como perdi muita musica, tudo por causa do champagne.

O que me consola é que, se não fosse esse champagne que reunio os cinco bebedores que mencionei, esta scena memoravel não se teria dado ; e Bernardo Guimarães teria de remetter seus livros ao Imperador, no Rio de Janeiro, e isto bem prosaicamente, o que elle detestava de todo o coração. Vou te citar umas palavras de Plutarcho, escrevendo a vida de Sertorio, para applical-as, fazendo-lhes pequena violencia, ao acto da entrega dos livros pelo nosso poeta, que tão imperfeitamente te hei descripto.

« — Não é talvez mui surprehendente que, no curso infinito dos seculos, a fortuna sendo sempre inconstante e indeterminada, o acaso traga muitas vezes no mundo os mesmos accidentes. Ha gente que tem gosto em fazer collecções de tudo o que elles tem lido ou tem ouvido dizer, dessas aventuras que a fortuna traz sobre este grande theatro do mundo, e que são tão semelhantes que ellas parecem obras da razão e da Providencia. »

Quando commissões e mais commissões discutiam a questão séria dos festejos que se devião fazer por occasião da visita das pessôas imperiaes a esta cidade, aquellas doutas cabeças nem por sombra se lembrarão de Bernardo Guimarães, nem tão pouco de sua musa.

Para o concerto, meu amigo, aposto que nem foi elle convidado: e já te disse que si o Imperador e a Imperatriz não se tivessem lembrado delle, e como que o chamado, não teria elle apparecido neste theatro do mundo, nem como actor nem como espectador.

Mas um concurso fortuito de circumstancias, como que dispostas pela fortuna, o acaso, o destino se colligarão e convergirão de tal modo para que Bernardo Guimarães figurasse em relevo nestes festejos, que esse acto da apresentacão de suas obras ao Imperador, tão solemne, parece obra da razão e da Providencia

Bem conheces aquelle dictado: — o homem propõe e Deus dispõe —. O Imperador se propoz a visitar esta provincia e sem saber e sem querer, veio a Minas para coroar a Bernardo Guimarães, e a coroação teve lugar, symbolica, na noite de 20 de Abril para sempre memoravel. O poeta apresentou suas obras, seus titulos à immortalidade, ao monarcha, tendo por testemunha uma assembléa numerosa, em uma sala luminosa, onde ainda resoavão os accordes de uma orchestra condigna do Imperador e da Imperatriz e do poeta insigne, que a mão do destino alli trouxera para ser coroado de louros.

Alguns, que testemunharão esta scena de coroação, dizem que foi o povo, que se achava na sala, que primeiro se levantou quando Bernardo Guimarães appareceu, e por um impulso instinctivo de respeito e de admiração; mas, como quer que seja, o Imperador, como que descendo de seu throno, marchou e veio ao encontro do poeta. Maior prova de consideração não era possivel, e um rei nunca se abate quando curva a cabeça coroada á deusa da sciencia, ás musas, aos talentos, ao merito, ao genio.

Petrarcha recebeu em um mesmo dia carta do senado de Roma, do rei de Napoles e do chanceller da Universidade de Paris, nas quaes se o convidava a vir receber a corôa de Poeta sobre estes dous theatros do mundo.

Petrarcha foi coroado de louros em Roma, no anno de 1341, por um senador, no Capitolio. O Tasso foi chamado a Roma pelo papa Clemente VIII. Levado a audiencia do papa

este lhe disse: — Desejo que honreis a corôa de louros que tem honrado até hoje todos que a tem trazido. — Tasso morreu na vespera do dia destinado á ceremonia da coroação. Bernardo Guimarães resuscitou, na noite em que elle foi laureado, do esquecimento em que estava envolvido o seu nome. « No curso infinito dos seculos a fortuna endo sempre inconstante, não é para admirar que o acaso trsaga muitas vezes no mundo os mesmos accidentes. O facto da coroação de Bernardo Guimarães, de Petrarcha, de Tasso, é o mesmo; as circumstancias preparadas pela sorte, os tempos é que são diversos. »

*

Quando em 1862 Bernardo Guimarães exerceu o cargo de juiz municipal na comarca de Catalão, em Goyaz, foi accusado como incurso nas penas do art. 166 do Cod. Crim. — irregularidade de conducta —; e, em suas razões de defesa, ficou provado o quanto elle era altivo, nobre e independente perante o seu malfeitor. Eis as razões: O denunciante do respondente, seja elle quem for, não contente de esmerilhar a vida publica do juiz, e de lançar mão de quanta futilidade encontrou para vexal-o com accusações infundadas ou irrisorias, ainda vae com mão profana sondar sua vida particular, esquadrinhar qualquer pequena fraqueza, inclinar talvez o ouvido aos vis mexericos da maledicencia, e lançar mão da diffamação perante os tribunaes para ver se assim consegue de todo esmagal-o! Misero expediente, e só digno de almas ignobeis! O respondente não se inculcará por certo como um modelo de sobriedade e de regularidade de conducta; solteiro e não tendo chegado ao inverno da vida, ainda não se resignou a viver vida de cenobita, nem renunciou os prazeres do mundo; por isso mesmo que é de temperamento melancolico, folga de se envolver na alegria dos festins, ama os prazeres da mesa e do vinho, a dança e as mulheres, a musica e toda a especie de rigosijos, que soem suavisar as amarguras desta vida ingrata e arida.

Mas ninguem provará que prorompesse em excessos escandalosos, nem que corresse após os prazeres dos festins em me-

noscabo do desempenho consciencioso de seus deveres. Si o respondente é inclinado aos prazeres, é porque é homem e acha-se por isso sujeito a uma das condições da humanidade, que soffre bem poucas excepções; o proprio denunciante, si não é algum anachoreta, o que não é de crer, não estará sujeito a essas fraquezas da humanidade? Alguns documentos que o respondente tem de offerecer em apoio de suas allegações, serão apresentadas opportunamente. Assim tenho respondido.— Catalão 31 de Janeiro de 1862. O Juiz Municipal e de orphãos do termo de Catalão — Bernardo Joaquim da Silva Guimarães (*). »

*

Quando estavamos a ultimar este trabalho, soubemos que Bernardo Guimarães foi artilheiro na revolução de 42 e que andou accendendo com o morrão a mecha dos canhões da Legalidade. E' facil imaginar-se que especie de artilheiro seria o laureado poeta, que então contava apenas 17 annos de edade...

*

Conhecemos em nossa terra natal (a cidade de Leopoldina, Minas) um intimo amigo de Bernardo Guimarães: o sr. Peregrino Werneck, que possuia um retrato do grande poeta, retrato que o sr. Werneck considerava uma verdadeira reliquia, não só por ser de um amigo illustre, como tambem por conter a seguinte dedicatoria:

(*) Encontramos esse facto narrado no « Oitenta e nove », periodico que se publicava em S. José do Paraiso, Minas, sob a gerencia do sr. Antonio Ramos de Lima.

« Já que por terras extranhas
Acompanhar-vos não posso,
Deste fraco amigo vosso
Levai o fiel retrato.

Tem o nariz muito chato,
E a bocca um pouco torta...
Mas isto bem pouco importa,
Para que ninguem o veja
Ponde-o a tomar cerveja
Por detraz de alguma porta.

Ouro-Preto, 10 de Abril de 1882

Bernardo Guimarães.

*

São tantos os episodios interessantes da vida do grande mineiro, que seria obra para centenas de paginas a narrativa que alguem pretendesse fazer de todos elles.

Propositalmente narramos apenas esses mais geralmente conhecidos e que são contados, constantemente, em Minas, ao sabor de quem os conta.

Ao menos a fidelidade da nossa narrativa podemos garantir, pois, como viram os leitores, fomos procurar uma testemunha, póde-se dizer, *de vista*, dos acontecimentos que aqui deixamos descriptos.

CARTAS DE BERNARDO GUIMARÃES

Cartas de Bernardo Guimarães

Graças á gentileza do sr. dr. Fernando Saldanha Moreira, conhecido advogado e homem de letras, residente em Juiz de Fóra, pudemos ler, em autographo, as cartas que se seguem de Bernardo Guimarães.

O dr. Saldanha conserva atè um dos envelloppes dessas cartas, no qual ainda se lê, nitidamente impresso, o carimbo: *Ouro Preto — 8 de Nov. 82.*

Cursava o dr. Saldanha, então, a Academia de S. Paulo, cidade por essa época sem grande população, tanto que no endereço, além do nome do destinatario, só se encontram estas palavras: *Prov. de S. Paulo. S. Paulo.* Nessas cartas, dirigidas a um estudante amigo do grande mineiro e grande bohemio, ninguem deverá apurar nem a linguagem nem o conteúdo das cartas.

Escriptas sem preocupação nem cuidado de estylo e de fórma, essas cartas vão aqui sómente a titulo de curiosidade.

Eis a primeira carta:

« Saùde e bençâo ao meu carissimo confrade D. Saldanha Moreira, futuro bispo de Constantinopla. Em segundo logar devo participar a V. Excia. Revdma. que a minha esposa já deu á luz da publicidade mais um reverendissimo volume macho, a 5 de setembro (dies alba notanda lapillo). Em quarto logar felicito a V. Excia. Revdma. de não ter morrido, o que seria deploravel. Em decimo logar envio-lhe minhas congratulações episcopaes por se achar nessa illustre Paulicéa (de tão recordosa memoria, quero dizer, de tão

memoriosa, ia dizendo saudoria mimosa... arre! que estou qnasi como o bom e estimavel dr. Brotero, velho, um dos homens da nossa antiga Academia, cujo nome venero sinceramente, e mais alguns, porque, á excepção de um Jeronymo Prudencio Tavarés de Tal Cabral, a quem Deus, digo mal, o diabo haja, todos me trataram com attenção que eu não merecia; creio que está fechado o parenthesis... isto de andar entre parentes, é o mesmo que entre paredes) (Está feita a parede).

Diz na inclita enciclica, que tenho diante dos olhos, que sabe (sic) que a *enjeitada* já abrio os olhos!! — por isso não é novidade. Quanto ao seculo ter nella dado um beijo, ha a esse respeito controversias e *haverão* conferencias, que terão logar no seculo cento e setenta e nove, com a assistencia de S. M. I. e do Kediva e de Arabi, e consta que Sesostris tambem comparecerá, acompanhado de Semiramis, Cleopatra, Alexandre Magno (não pensem que é Tamagno, cantor italiano, nem Carlos Manho) estamos outra vez ás voltas com os parentes (que parentalha aborrecida!) Aristoteles, Sardanapalo, Castro Urso, Ignez de Castro, Camões, D. Quichote, Gambeta, o Padre Fidelis da Caderneta, Sancho Pança, Mephisthophelis e Fausto, lord Byron e a minha reverendissima pessôa, que nessa occazião estará talvez com dor de barriga e por isso me mandarei representar por alguns de meus netos, para arranjar os quaes deixo encarregados os meus filhos. O unico volume da *Enjeitada*, que por minha ordem e a minha custa foi enviado a S. Paulo, e que dei ordem (posso dizer assim) ao sr. Garnier, foi um estudante a quem consagro muita sympathia, e mesmo amisade, si é que um velho como eu póde consagrar amisade a um moço tão distincto, outra vez o parenthesis, —(Boaventura Britto Guerra).

O Luiz Guimarães, meu sobrinho, poderia ter levado a minha velha effigie, quero dizer retrato, (ma portraiture, como dizia Balzac), estou ficando pedante e citador como.... 3 000 000 000 000 000 000 000... de diabos; façam a conta.

Ora, sendo certo que os trez angulos de um triangulo são eguaes a dous rectos, ninguem pode duvidar que santo Antonio nasceu na China. Plutarcho em suas biographias esqueceu-se de nós! Que patife! Entretanto eu sei que o avô delle bebia vinho ás canadas! que patifaria! são cousas deste mundo... digo mal, são cousas do outro mundo. E' mesmo o mar profundo.

De admirações e interrogações
Por essas infinitas amplidões.

Ah! por fallar em retrato, veio aqui um homem, o sr. Freitas, genro de Emilio Salvador Ascagne, a quem com muito prazer entreguei em mão propria a minha velha effigie. Esse senhor, por afinidade, é parente do meu bom amigo e collega Francisco Aurelio de Sousa Carvalho. Eu pretendia mandar um exemplar da *Enjeitada* a Francisco Aurelio e Laurindo Abelardo de Britto mas... mas... si eu não morrer, mas eu que não terei remedio senão morrer... mas pretendo deixar isto para mais tarde, — em Janeiro do anno seguinte hei de manifestar perante o orbe catholico um pequeno signal de minhas sympathias, que tenho por esses bellos e intelligentes meninos da minha edade. Ha lá em S. Paulo um menino da minha edade e do meu nome, o muito calvo Bernardo Gavião Peixoto (é pena ser gavião) mas é bom rapaz; fez e creio que ainda esta fazendo bellissima administração na provincia do Rio de Janeiro. E como deve estar longe da paulicèa, por isso não lhe envio muito saudar, porque se poderia perder em estrada de ferro ou no mar. Agora, fallando serio, o meu busto é veronica? O diabo do Guilherme Libnau faz negocio e eu não posso comportar a despesa, porque... porque... sou pobre. O Peregrino, que hoje está na Corte, pediu-me authorização para reproduzir a minha veronica, e eu passei ordem franca para te enviar uma (vae minha benção papal ao Zé Luiz e Zé Fernandes) que trarás sempre ao pescoço porque afugenta febres... *Si quæris miracula*... eu mesmo não sei se sou S. Antonio ou S. Bernardo, a unica cousa que sei è que sou santo, mas não da minha devoção!!! heresia! tremenda heresia!! Eu sou santo e de minha de-

voção, porque nunca achei quem goste de mim como eu mesmo.

Eu gosto de mim de uma maneira... ah! meu Deus!... muitas vezes tenho vontade de me surrar com um bacalhau, que eu bem mereço, mas fico com tanta pena de mim! E é por isso que te peço que venhas me dar essa surra, porque eu... eu... não tenho animo. Reveste-te de coragem, surra-me, e eu te pagarei na mesma moeda!... Mas qual! já vejo que nem eu nem tu podemos desempenhar essa heroica missão! pobres mortaes! infeliz mundo! desgraçada patria! misero genero humano! infelizes paes!...miserandas mães, tristes filhos! caducos avós! deploraveis tios!... desamparados sobrinhos! O' mui formosas e ditosas primas (de violão, bem entendido), porque eu não tenho prima alguma e se tenho é mais velha do que eu... não vale a pena. O tratante do José Luiz não quiz ter a pachorra de copiar os versos que fiz ao Sete de Setembro (sei que não foi preguiça nem má vontade; é mais natural que elle mesmo, estonteado como é, não tivesse os supra-ditos, mas eu com o auxilio de minha memoria e alguns autographos meios rasgados, os recompuz, e foram impressos no *Jornal do Commercio* e na *Provincia de Minas*.

Eu pretendo fazer publicação de poesias bestialogicas, não obscenas, e entre essas uma das mais patuscas e estudantasticas que tenho é uma parodia a Castro Alves, que começa assim:

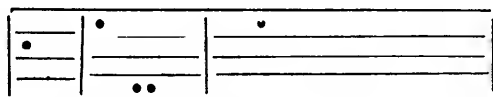
Era hora das epopéas,
Das epopéas gigantes;
Na frente dos estudantes
Pululam gentis ideias.

Quasi que posso jurar que o José Luiz tem ella no seu canhenho. Eu não escrevo ao José Luiz porque sei que não me responderá nem páo nem pedra. Si eu soubesse que elle me respondesse, mesmo que me passasse uma descompostura...!

Quem pergunta quer saber. Quem escreve quer resposta.

Amen

Dominus vobiscum

Canto-chão

Et cum spirituo tuo
Sursum Corda !

Lembranças ao phariseo dr. Padre Justino de Oculos azues, e diga-lhe que a classe dos jesuitas tolera-se neste pobre Brasil, mas não se estima.

Teu sincero amigo
Bernardo Guimarães.

P. S. Creio que o Justino não é padre, mas é cousa peior ainda... haja bôa interpretação.

Errata--:«Não pretendo morrer em Janeiro do anno seguinte.»

A outra carta de Bernardo Guimarães, dirigida ao mesmo destinatario, era concebida nos termos que seguem, e tinha á margem, esta declaração: *Algum tanto reservada.*

«Saúde e Benção apostolica

Frei D. Saldanha Moreira

Cáe-me a cara em terra, a penna no chão, os oculos no nariz .. quero dizer... na testa etc. etc., quando considero os 21 mil setecentos peccados mortaes, que tenho commettido para com Vª. Revdma., olvidando responder conscienciosamente as multiplas e incisivas missivas, com que V. Revdma. me tem honrado. E' isto devido a circumstancias de cataclysmas horrificos. Em 1º logar recebi um autographo, manuscripto, ou como melhor nome em direito tenha, do sr. Washington Badaró, que li com alguma difficuldade, e que tenho na gaveta para restituir ao dono sem lhe faltar uma virgula.

Estreiar assim uma carreira qualquer não é bom. Queime esse romance e faça outro. Assim fazia eu. Pouco tempo depois recebemos de vossas sagradas mãos um mimo preciosissimo para meus pequenos filhotes- tres chromos, mas muito defeituosos.

O cão nunca mais levanta a perdiz, e eu de arma feita! Oh ! isto é desesperador !... e a Constança com tanta von-

tade de comer perdiz! e os dous coelhos, coitadinhos! tão medrosos, tão descuidosos, sem poder serem comidos nem pelo lobo, nem pelo Horacio! e eu com tanto desejo de comer lombo de veado! mas um maldicto cão, que lá está de sentinella nem me deixa encostar a mão no chifre do veado!... o que são as cousas deste mundo!?! Com o bico nagua e morrendo á sede!

As paginas do *album* que V. Revdma. enviou me estão guardadas cautelosamente para serem enchidas de um modo digno de nós ambos. São tantas as incumbencias, as encommendas de que me encarregam, meo confrade, que vejo-me atordoado para acudir a tudo e por isso não tenho remedio senão adiar algumas que não são sangria desatada. Desejava bem que V.ª Revdma. apparecesse por cá para conversarmos mais de espaço, mas...

Junta, inclusa e autuada, vae a recommendação que reclama, e dirá V. Revdma. de viva voz ao meo antigo collega, amigo e comprovinciano F. Aurelio, que logo que apparecer a, *Enjeitada* eu não me esquecerei de enviar-lhe um exemplar pois é uma recordação dos velhos tempos da antiga Paulicéa. No mais, meo reverendo, envia-lhe um abraço na paz do Senhor.

Este seu humilde confrade
Frei Bernardo Guimarães.

Ermitão do Muquem, 6 de Fevereiro de 1882, dia de Sta. Dorothéa e do B. Antonio de Amandula, e da Lua no Equador.»

EXCERPTOS DE ROMANCES

DE

Bernardo Guimarães

EXCERPTOS DE ROMANCES

DE

Bernardo Guimarães

RAPTO E VIOLENCIA

No outro dia, ao levantar do sol, Mauricio debruçado á janella de seu quarto, olhava para a casa do Capitão-mor com o espirito embebido em mil contrarios pensamentos, ora risonhos, ora sinistros. Infelizmente estes predominavão.

Si um ou outro ponto luminoso lhe sorria fugitivo no horizonte, para logo era abafado por um montão de nuvens espessas e tenebrosas. Apezar do apparente socego, que ha algum tempo reinava na povoação, o futuro se lhe antolhava carregado e sombrio, e despertava-lhe na alma crueis apprehensões.

Ali bem perto, a uns duzentos passos de distancia, sorria-lhe o eden que era o alvo unico dos seus ardentes desejos; elle aspirava-lhe os perfumes, ouvia-lhe as harmonias e entrevia o anjo que de lá lhe acenava com a esperança de ineffaveis venturas. Entretanto, á porta desse eden, estava postado não o archanjo empunhando a espada chammejante, mas um genio infernal brandindo o facho da discordia, do odio e da vingança. Se por um lado laços de amor, de estima e gratidão reciproca, prendião estreitamente o joven paulista ao solar de seu velho protector, por outro via ir-se cavando um abismo

cada vez mais profundo de sizania e odio, que ameaçava exilal-o para sempre de seu eden querido.

Elle bem via que a antiga e mal extincta animosidade entre paulistas e emboabas, era como um immenso paiol de polvora, que elle e Gil embalde se esforçariam por preservar do contacto das innumeras scentelhas, que em torno delle esvoaçavão. Fernando lá estava sacudindo o facho e espiando com satanica anciedade o momento favoravel para uma horrivel e fatal explosão.

....

«Mauricio.»

* * *

SONHO REALIDADE

....

Rozaura, que tinha acordado alegre e risonha como um passarinho que saúda uma bella aurora, apenas tomou a benção á Adelaide, correu logo a tagarelar com Lucinda.

—*Tia* Lucinda, não sabe ?... tive esta noite um sonho, o mais bonito deste mundo; um sonho que me fez chorar de alegria.

—Deveras, menina !... bem bom é isso. Então que foi ?

—Advinha, *Tia* Lucinda.

Não sou advinhadeira... mas de certo você sonhou com os anjinhos do céo, minha menina. Que mais podia você sonhar ?

E' quasi isso mesmo, *Tia* Lucinda. Eu sonhei que estava debruçada na janella, olhando para o céo. Era de noite. Eu estava namorando as estrellas...

—Bonito namoro,—interrompeu a creoula,— de certo ellas tambem te estavam namorando.

—Comecei a lembrar-me de minha mãe, que já morreu,— continuou a menina sem dar muita attenção á lisongeira replica da creoula—, quando uma nuvem cheia de luz se apresentou no céo, mesmo defronte de meus olhos. Esta nuvem veio descendo pouco a pouco até chegar bem perto de mim. Den-

tro della vinha uma mulher. A principio fiquei com medo; mas essa mulher tinha um ar muito meigo, e disse-me com brandura:—Minha filha, não chores mais tua mãe; eu não morri, não; fui ao céo e agora volto para ficar comtigo. Si ella não tivesse dito que era minha mãe, eu não a conhecia. Era uma mulher muito mais moça e muito mais bonita que a defuncta mamãe. Tinha os cabellos bem compridos e soltos, e a côr mais clara. Queria abraçal-a, mas não podia; ella chegou bem pertinho e deu-me um beijo na bocca.

Accordei, mas até agora ainda me parece que estou sonhando aquelle sonho...

«Rozaura»

* * *

Eugenio era dotado de indole calma e pacata e revelava, ainda na infancia, juizo e sisudez superior á sua idade; tinha intelligencia facil e boa memoria. Alem disso mostrava grande pendor para as cousas religiosas. Seu principal entretenimento, depois de Margarida, cuja companhia preferia a tudo, era um pequeno oratorio, que zelava com extremo cuidado e trazia sempre enfeitado de flores, pequenas quinquilharias e ouropeis. Diante deste oratorio o menino se extasiava fazendo o papel de capellão, rezando terços e ladainhas e celebrando novenas com toda a regularidade e com uma gravidade verdadeiramente comica. Seus assistentes eram os creoulinhos da casa, e ás vezes elle tinha por sacristão a Margarida, que com isto muito se encantava. Em vista de tudo isto, os paes entenderão que o menino tinha nascido para padre, e que não devião desprezar tão bella vocação. Assentárão pois de mandal-o estudar e destinál-o ao estado clerical.

....

Na vespera do dia, em que tinha de partir para o seminario de Congonhas do Campo, Eugenio, que tinha ido á casa de Umbelina despedir-se della e de sua filha, demorou-se mais do que de costume. Foi preciso mandar buscal-o. Forão achal-o no sitio em que já o vimos por vezes, debaixo das paineiras, abraçado com Margarida, e ambos a chorarem.

Embebidos em sua profunda magoa, nem presentião a noite que vinha descendo, e alli ficarlam chorando até romper d'alva, se os não viessem despertar daquelle doloroso lethargo.

Que bello preludio para quem se destinava ao estado clerical!...

«O Seminarista.»

ABNEGAÇÃO

O Garimpeiro é como o jogador; sua esperança está sempre no seio da grupiára, como a do jogador nas cartas do baralho, nos dados ou no tabeleiro verde do bilhar; isto é, sua felicidade dorme na urna do acaso, d'onde as mais das vezes nunca sahe. Por mais que sejam os revezes com que a fortuna os maltrate, por mais que os repilla e os calque aos pés, esses cegos e pertinazes amantes estão sempre de rojo a mendigar favores aos pés daquella cruel e caprichosa amasia.

Elias possuia ainda algum dinheiro e objectos de valor, restos que tinhão escapado á depredação de seu execravel protector de Sincorá, e que podião servir de principio a novas especulações.

Elias, que já tinha garimpado muito, tinha certo pendor natural para este genero de vida; e aposar de ter dissipado o melhor de seu tempo e de seu dinheiro em explorar minas de diamantes, sem outro resultado mais do que continuas perdas, nem assim perdera a fé em que estava de que do chão haviam de lhe brotar a riqueza e a felicidade. Esta era a crença firme de seu velho camarada, crença que por muito repetida não deixava de fazer profunda impressão na imaginação algum tanto fatalista e supersticiosa de seu joven amo.

«O Garimpeiro.»

*
* *

— Olha como arranjas isso, Rosa; esta rapariga è mesmo uma estouvada, não tens geito para nada. Bem mostras que não nasceste para a sala; o teu logar é na cosinha.

—Ora vejão lá a figura de quem quer me dar regras!... quem te chamou aqui, intromettido? O teu logar tambem não é aqui, é lá na estrebaria. Vai lá governar os teus cavallos, André, e não te intromettas no que não te importa.

—Cala-te d'ahi, toleirona,—replicou André, mudando de logar algumas cadeiras. O que sabes é só tagarellar... Não é aqui o logar destas cadeiras... Olha como estão estes jarros! Ainda nem alimpaste os espelhos! forte desageitada e preguiçosa que és! No tempo de Izaura andava tudo isto aqui que era um mimo; fazia gosto entrar-se nesta sala. Agora, é isto. Está claro que não és para estas cousas.

—Essa agora é bem lembrada! - retorquiu Rosa, altamente despeitada. - Se tens saudades do tempo de Izaura, vai lá tiral-a do quarto escuro do tronco, onde ella está morando. Esse de certo ella não ha de ter gosto de enfeital-o de flores.

—Cala a bocca, Rosa, olha que tu tambem lá pódes ir parar.

—Eu não, que não sou fujona.

- Porque não achas quem te carregue, senão fugirias até com o diabo. Coitada de Izaura! Uma rapariga tão bôa e tão mimosa, tratada como uma negra da cozinha! e não tens pena della, Rosa?

—Pena porque, agora?... quem mandou ella fazer das suas?

—Pois olha, Rosa, eu estava prompto a aguentar com a metade do castigo que ella está soffrendo, mas na companhia della, está entendido.

—Isso pouco custa, André; é fazer o que ella fez. Vai, como ella, tomar ares em Pernambuco, que infallivelmente vais para a companhia de Izaúra.

—Quem dera!... se soubesse que me prendião com ella, isso è que era um fugir. Mas o diabo é que a pobre Isaura agora vai deixar a nós todos para sempre. Que falta não vae fazer nesta casa!...

--Deixar como ?

—Você verá.

—Foi vendida ?

- Qual vendida !

—Alheada ?

—Nem isso.

—Està forra ?

—Que abelhuda !... Espera, Rosa; tem paciencia um pouco, que hoje mesmo talvez você venha a saber tudo.

—Ora ponha-se com mysterios... então o que você sabe os outros não podem saber...

—Não é mysterio, Rosa; é desconfiança minha. Aqui em casa não tarda a haver novidade grossa; vai escutando.

—Ah! Ah! —respondeu Rosa galhofando. Você mesmo está com cara de novidade.

—Psio ! bico calado, Rosa !... ahi vem nhonhô.

«A Escrava Isaura.»

INDICE

DO MESMO AUTOR

Primeiras Rimas, (1898), edição exgotada.
Diaphanas, (1898), edição exgottada.
Poesias, (1908), edição Garnier.
Bernardo Guimarães, (1911), 2.ª edição.
Palestras, (Mãos, Caridade, Fontes, Arvores, Passado).